23364

JOÃO RIBEIRO

FRAZES FEITAS

ESTUDO CONJECTURAL DE LOCUÇÕES, DITADOS E PROVERBIOS

2.ª e ultima serie

FRANCISCO ALVES & C.ª
RIO DE JANEIRO
Rua do Ouvidor, 166
S. PAULO — Rua de S. Bento, 65
BELLO HORIZONTE — Rua da Bahia
"A EDITORA"
50, Largo do Conde Barão, 50
LISBOA
1909

Typographia «A Editora». — Conde Barão, 50 — Lisboa

Advertencia

Ao concluir, ha quazi um ano, a primeira serie das *Frazes feitas* ficaram-me, em grande numero, notas sobejas, fragmentos aproveitaveis e outros materiais que só requeriam acabamento, coordenação e solidez.

Havia, pois, com que reconstituir outro volume. Esperei prudentemente algum tempo e não hezitei recomeçar, logo que a boa acolhida da primeira serie (lançada com duvidoza esperança) me convenceu de que o publico desta vez ainda me não seria hospede molesto ou importuno.

Esta segunda serie é todavia a ultima.

Voltarei mais tarde a rever a materia na reimpressão, se a houver, de toda a obra. Será então o ensejo mais favoravel de examinar ou aproveitar as observações criticas e aditamentos, alheios ou meus proprios, que até lá se me tenham oferecido.

Dezembro, 1908.

II SERIE

I

Dar-se por achado. Pelo nome não perca. Era uma vez..És não és. Contas do Porto; por escote. Deus dá nozes a quem não tem dentes. Ali á preta. Dar o dezespero (modismo brazileiro). As artes de pintar: — pintar o simão, nem pintado e ao pintar da faneca, pintar a manta e leval-a. O diabo não é tão feio como o pintam. A olhos vistos. Sabido como cobra. *Latet anguis.* Nunca o vi mais gordo. Fazer ouvidos de mercador. Ter carradas de razão. Val-d'eguas e outros vales. Dois dedos de latim. Onomatopéas: *psiu, oxte, tem-te!*

De quem se dá por molestado ou ofendido no trato familiar ou deixa ficar-se a descoberto e se denuncia á mais simples aluzão, é costume dizer-se:

deu-se por achado

Examinada em seus termos literaes não parece a fraze muito clara.

O sentido de *achar* não aponta ao de ofensa nem envolve o de agravo.

Ha pois uma razão oculta que a meu parecer elucida a fraze.

Achar é voz arabica que não tinha o sentido, corrente hoje, de descobrir ou encontrar.

A idéa e a forma orijinaria da palavra ainda se conservam e persistem em varios termos—*achaque, enxaquêca,* etc.—e valem como doença, mal estar, defeito ou molestia.

Em suma, *achar* está por *achacar* e restou apenas na locução proposta, tornando-se voz obsoleta nos demais cazos. *Dar-se por achado* é dar-se por achacado e ofendido.

O modismo é antigo na lingua, e já se oferece exemplo no cancioneiro de Garcia de Rezende:

> Outros averá cazados
> Que se querem namorar,
> Mas eu os leixo folgados
> Que os *não dou por achados*.
>
> *Canc. geral*, III, 219.

Mais explicitamente podemos autorizal-o com os quinhentistas:

> Coma e beba e leve boa vida e vá tomar merendas per caza de suas amigas e *não me dê por achada* de suas coizas.
>
> *Ulizipo*, III, cena 3.

> Ora notai como sou discreto, que *não me dei por achado* de suas figas.
>
> *Ibid.* III, cena 6.

É facil a intelijencia dos textos aqui expostos. *Dar-se por achado*, isto é, aludido, *achacado*, denunciado e molestado ou ofendido por palavras (1). Ainda as antigas leis adoptavam a expressão primitiva *achacar*, que é hoje *assacar*, no sentido de dar libelo ou denuncia:

---

(1) Por isso definem os lexicos castelhanos: «*Ajar*, maltratar de palabra a alguno para humillarle.» *Ajar* (e não *hallar*) é o correspondente etimolojico de *achar*.

«Se qualquer molher tanjer adufe, o mordomo a *achacará* e chamará a juizo.»

Seculo XIV (1).

A mesma voz *achaque* depara-se no Arcipreste de Hita, quando diz:

Dice el proverbio viejo: quien matar quier su can,
Achaque le levanta, porque no lo den del pan.

Cantares, copla 83 (2).

«Não se dar por achado» é pois não sentir-se denunciado, acuzado ou achacado.

Agastada por palavras diz uma personagem do *Ulizipo,* que não quer *ouvir achaques* (pj. 64).

Dava-se por *achado* quem quer que, com o sentido antigo da palavra, se dava por *achacado.*

***

Pelo nome não perca

Quando se depara nome de pessôa exquizito, insolito, extravagante ou improprio, é costume ajuntar com benevolo optimismo,

---

(1) Doc. tomado ao *Eluc.* de Viterbo, s. v. *achacar.* Em João de Souza, *Vestijios da l. arabica,* s. v. *achacar,* rejistra-se o sentido de — dar queixa ou libelo contra alguem.

(2) Cit. no *Glos.* de *Eguilaz,* pj. 28.

pelo nome não perca

Um nome é sempre alguma coiza, e para os antigos valia muito, quando não era tudo.

As historias e as lendas estão cheias de sucessos graves e memoraveis produzidos pelo prestijio dos nomes.

Ouça-se esta que vem toda ao cazo:

> Chegou ali a Madrid um embaixador de França para o ajuste dos despozorios com uma das duas filhas del rei Filipe; e com a regalia de escolher o tal Embaixador aquella que melhor lhe parecesse. Para esta eleição perguntou discretamente pelos *nomes* de ambas e dizendo-se-lhe que a primojenita se chamava D. Urraca e a outra D. Branca, quiz que a princeza D. Branca preferisse na escolha só pela maior *beleza do seu nome.*
>
> *Recreiação prov.* II, 298 (1)

Eis aqui um dos cazos em que a formozura ou a preeminencia e jerarquia foi posta a baixo pela beleza de um nome, com a observação do embaixador: *Nomen supplebit.*

Os mesmos jurisconsultos antigos sempre tiveram esta opinião de que um *nome feio,* na falta de

---

(1) Extr. do *Ann. de França,* diz o texto. A *Recreiação proveitoza* foi uma das pequenas obras deleitaveis e instrutivas de *Jesam Barata* ou J (oão) B (atista) de C (astro) † 1775.

outros indicios, era prezunção aceitavel contra os suspeitos de crime (1).

Havia pois que perder pelo nome. Barbaro e verdadeiro.

Todas estas teorias, por absurdas que pareçam, faziam acreditar-se com as palavras da Escritura sagrada onde, em varios lugares, se depreende a boa ou má fortuna dos nomes.

Abigail concita a David a não irar-se contra *Nabal* cujo nome bem faz suspeitar que é um insensato:

> Nabal quoniam *secundum nomen suum* stultus est.
>
> *Livro dos Reis* I, XXV, 25.

E ainda *Canticos* I, 3 a respeito de Sulamitides.

O nome se é fatal faz perder o amor e o cazamento, ou as graças e valimento na diplomacia e até a boa fortuna na historia como o atestam Lucumon, os Tarquinios na republica, os Carlos de sangue real na historia europea (2).

---

(1) Menoquio *de presumpt.* Liv. VI q. 30 n. 10 Bartol. e Cason. *de judiciis,* citados por Jesam Barata, *ibid* 299. Não se referem a *alcunhas* tão comuns entre criminozos. «Deve-se julgar o delito (a falta de provas) por aquelle que tiver mais ruim nome.» *Ibid.* 299.

(2) Da trajica desventura dos *Carlos* coroados fala D. Francisco Manoel no seu *Tratado de Cabala* (paj. 109 e seguintes). Portugal não os havia ainda no seu onomastico real; mas veiu, emfim, D. Carlos I confirmar agora o lugubre vaticinio.

Tamanho foi esse influxo que se inventou uma arte diabolica a *onomancia* com os seus sortilejios; e os poetas do outro tempo se acharam autorizados a mudar os nomes triviaes ás suas amadas fazendo a toda Inez *Nize,* de Maria *Armia,* de Joana *Aonia,* etc.

Na literatura popular e sob todos os aspetos do *folk lore,* os *Pedros* são maus ou diabolicos, os *Joães* atoleimados, bonachões simplorios (1).

Perder, pois, *pelo nome,* é coiza certa e sem duvida.

***

Era uma vez... És não és

Se uma coisa frajil acaso se rompeu, se quebrou e cessou de existir, dizemos: *era uma vez...*

As palavras são tomadas ás primeiras das historias de antanho que recontam coizas que já passaram e existem apenas na memoria dos rapsodas populares.

Têm-na os espanhoes quando dizem *erase que se era* e entre os arabes *(kān fi mālek,* foi um dia um rei) com a mesma aplicação que damos hoje a propozito de objeto que se desfaz e dezapareceu em fragmentos.

---

(1) Veja neste vol. as frazes derivadas de *Maria* e de outros nomes vulgares.

Ha uma adivinha popular que começa

Era, não era,
Estava na eira...

onde a fraze aparentemente mais se aprossima da castelhana *erase que se era* acima rejistrada. O sentido ao contrario é o de pequeneza, nonada, bagatela, estilhaço e coiza sem vulto que aí se exprime pela formula *era não era* conservada no *folk lore*. Nos classicos, temol-a com identico sentido na forma:

és não és

para indicar o *quazi* e o *não ser* das coizas minimas. Abonam a expressão os exemplos seguintes:

Em Jeronimo Ribeiro (seculo XVI)

Pesco uma pobre vez
Para comer, *és não és,*
C'o anzol da gorazeira,
Vem o anzol da ribeira:
Pesca cifra, leva dez.

Auto do fizico.

Em D. Francisco Manuel (seculo XVII):

Rostro simples portuguez
Sem mistura de adubío
Tal ou qual, qual Deus o fez;
Se ha de seu um *és não és*
Tanto mais delle me fio

Obras metricas, II, 60.

É logo o rigor maior,
Um *és não és*, de um rigor
Que cauza dores maiores;
Se a maior dôr destas dôres
É que não é esta dor.

Obras, II, 204.

Item, as cazas me enfadam
Porque por um *és não és*,
Estas cazas são cazinhas
Donde a gente sae a arder.

Ibidem, II, 215-216.

Ainda do mesmo autor:

Por onde, ali logo levantava tais enredos e tão bem fabricados que eu proprio estava um *és não és* de lhe crêr, quanto de mim finjia.

Apol. dialogaes, pj. 92.

Em Frei Simão de Santa Catarina, com pouca diferença de forma:

Finalmente a vossa Muza
É um não és das mulheres
Nos *cres* toda donaire,
E nos *ares* toda leque.

Orações academicas, 217.

O poeta aproveita o ensejo para os seus habituais trocadilhos e equivocos.

No poema heroi-comico de Azevedo Tojal que

é uma satira ao celebre Gusmão, o *Voador,* assim começa um dos cantos:

> Um *és não és* de luz já parecia.
> Vislumbrar nos balcões do dubio Oriente...
>
> *O Foguetario* — canto IV, est. 1.

A locução é hoje obsoleta.

A forma *eres* por *és* foi de uzo de alguns quinhentistas como Bernardim Ribeiro; está rejistrada no dicionario de Moraes. Tambem *eres* podia ser epiteto, como se lê no poema joco heroico da *Benteida* de A. Lima:

> Desde a dama mais *eres* e mais guapa
> Até a mais dezestrada trapalhona.
>
> Ed. de 1752 — II. est. 6.

Aqui tem o mesmo sentido da locução — *ff e rr* — *Eres* é o nome do *r* simples entre vogais.

***

Chamam-se entre nós — *contas do Porto* — as que cabem por escote a cada um em sociedade de despezas. Entende-se: em certos gastos comuns, jantares, viajens, etc. ninguem paga pela companhia e cada qual paga a sua despeza propria. A isto chamam *pagar por escóte,* e as contas dessa natureza são

contas do Porto

Esse modismo, ao que conjecturo, é a deturpação da formula — *contas de perto* — fragmento de uma fraze feita mais longa e que se depara nos antigos escritores. Vemol-a, por exemplo, no quinhentista J. Vasconcelos em duas das suas famozas comedias:

> E porque sei isto ha muitos dias, quem de mim quizer alguma coiza, meta mão na bolsa, porque é favas contadas, *conta de perto, amigo de lonje.*
>
> *Ulizipo,* I cena VII.

> Assim havereis a benção de vossa mãe. Ora pois, senhor, o negocio está concluido, *conta de perto, amigo de lonje.*
>
> *Eufrozina,* I cena III.

Equivale a expressão á outra que diz: *amigos, amigos, negocios a parte* ou ao *escote* das despezas que em commum se custeiam; ou como diz o classico, contas de perto, amigos de lonje.

Vasconcelos tambem conhecia a expressão *escote* como se vê da mesma *Eufrozina:*

> E pode ser que paguem ellas o *escote*...
>
> II, cena III.

e ocorre frequentes vezes na *Arte de Furtar* (n. 26) conforme indiquei na edição por mim anotada; em Prestes:

> Quem cuida que eu sou guilhote
> Pague o *escote*
>
> *Obras* — 263.

***

Deus dá nozes a quem não tem dentes

Aplica-se o ditado ao que não sabe ou não pode aproveitar a boa fortuna que lhe coube. A' velhice edentada as nozes nada aproveitam, e por isso mais especialmente aos velhos é que ironicamente se endereça o rifão, e apodo, quando despozam meninas. Se desta situação marital é que rezulta o proverbio, imajinado pela inveja, a explicação não póde ser outra que a de costume antiquissimo e que data dos romanos. Por esses remotos tempos, quando se recolhiam os nubentes da cerimonia do cazamento, lançava o marido aos rapazes grande quantidade de nozes. Era quasi um modo de despedir-se da menice (1). O simbolo não trazia o amargor de hoje — Nozes aos que não podem ainda ou não poderão nunca!

Relembro o Vergilio quando diz:

Tibi ducitur uxor.
Sparge, marite, nuces.

Egloga VIII.

---

(1) São varias as interpretações deste costume romano. Veja-se no Vergilio da ed. in-fol. de Seb. Ni-ellio, Paris, 1600 – pj. 42, os comentarios relativos a essa passajem celebre. Cf. o que diz Frei Fradique Espinola na sua curioza *Escola Decurial*, tomo V (ed. de 1699) pj. 48-49, e *Las Obras de P. V. M. por Diego Lopez*, Valencia, 1698, pj. 53.

Com as nozes brincavam as crianças e *deixar as nozes* era fazer-se gente grande e séria.

Et nucibus facimus quæcumque relictis

Cabem, pois, as nozes aos que não tem dentes, tanto á infancia como á decrepitude.

Podia, aliás, o modismo de si mesmo explicito, gerar-se espontaneo sem o influxo da antiguidade classica: mas alem das influencias proximas ha sempre as que são distantes lonjiquas e lunares, fóra da atmosfera que respiramos.

***

Ali á preta

É conhecidissimo o ditado popular e faceto, de sentido obscuro, por já adulterado do tempo,

Ali á preta

e como se emprega no sentido de qualquer facil incitação, parece que a palavra *preta* se refere a pessoa, a escrava ou mulher negra.

Ali á preta, simula hoje significar: «em qualquer logar, á venda da esquina», etc.

Entretanto, a explicação está em que a palavra *preto* era na lingua antiga portugueza até o seculo xv a mesma coisa que a forma actual — *perto*. Vejam-se os exemplos:

> E o Mouro faz sinais que eram em terra firme... offerecendo-se logo de o levar onde elles estavam, ca o mar chegava *mui preto* donde elles jaziam.
>
> Zurara — *Cronica da Guiné*, 189.

> E chegando-se mais *preto* ouviu chorar um menino.
>
> *Ibid.* 190.

Em geral *ali* e *preto* andam de companhia.

> E *dali* partirom para outra ilha que *ali* estava *preto*...
>
> Zurara — *Cronica da Guiné*, 141.

Estes sós exemplos, creio, que bastariam; um, porem, se nos depara que apaga todas as duvidas por que reproduz a fraze moderna com levissima alteração e é a locução *ali a preto*, isto é, *ali perto*. Está em Fernão Lopes quando narra a prizão dos algozes da desventurada Inez de Castro:

> Entom disse Diego Lopez aos seus que andassem *ali a preto* caçando, cá el só queria ir com aquel pobre homem a um vale.
>
> F. Lopes — *Cron. de D. Pedro* XXXI, pj. 83.

Foi deste *ali a preto* (=ali perto) que ficou essa sobrevivencia burlesca: *ali á preta*.

***

Dar o dezespero

Eis aqui um modismo de uzo quotidiano no Brazil (Rio de Janeiro, S. Paulo e outros logares)—com a significação de zangar-se, encolerizar-se.

Ao mais simples exame, a fraze se afigura ilojica e mal feita: «Fulano ou Sicrano *deu o dezespero*».

Não pode ser. É uma apropriação e deturpação popular de outra fraze vernacula de sentido aproximado:

deu-se a perros

ou melhor:

deu perros

Outra forma plebeia rejistra a ENFERMIDADE DA LINGUA, 116:

dar-lhe um perro

Na satira *Quaresma engrolada,* escreve Filinto Elizio:

> Não sabe, onde o jejum, a festa encaixe,
> Nem que santo ou que santa hoje apregôe:
> *Da-se a perros,* revolve os alfarrabios...

Obras, (ed. de Lisboa), IX, pj. 24.

Eu com despeito forte
Digo entre mim a miúde:
— Isto é querer a sorte
Dar perros á virtude.

Ibid, IV, 45.

Dava-se a Negrinha *a perros*
Depois de passado o susto.

Obras post. do Cego, 169 (1)

Como é achaque com que os namorados nos *damos a perros*, é como mordedura de cão que fere com os dentes, e cura-se com o cabelo.

Anatomico jocozo, I, 75.

O popular AUTO DA FORNEIRA DE ALJUBARROTA começa por estas palavras:

Na famoza e sempre leal cidade de Faro, a quem o oceano (parecendo que nisto *lhe dá perro)* lhe morde as praias com as argentadas prezas... etc.

É esta uma das historias que o povo repete de cór, como as de JOÃO DE CALAIS, da PRINCEZA MAGALONA e que tais; e plauzivelmente de *dar-lhe perros, dar-lhe o perro,* fizeram *dar o dezespero.*

---

(1) Do poeta Jozé de Souza (1680-1744) da Academia dos Anonimos. O *Cego* foi academico dos *anonimos*. O notario apostolico Francisco Luiz Ameno reuniu e publicou a COLEÇÃO DE ALGUMAS OBRAS POSTUMAS QUE EM PROZA E VERSO DEIXOU Joseph de Souza, CEGO DESDE O BERÇO — Lisboa — Oficina Silviana, 1746.

Ainda *dá-se a perros* o a quem molestam pezares e tristezas, e assim o rejistrou Correas no castelhano sob a forma: estoy *dado a perros* (mohino) (1).

O sentido orijinario de *dar a perros* é rogar pragas; *maus cães te persigam* é formula de maldição ainda uzada, e para os antigos *perros* e *cães* eram injurias habituais aplicadas aos mouros e ao sequito incréo de Mafoma, como se vê da cantiga ou romance de Calainos tão conhecido dos escritores de quinhentos:

Ya cabalga Calainos
A la sombra de uma oliva...

***

Ha proverbios, comparações, frazes e ditados e formulas tomadas ás coizas da pintura e quasi todos de facil compreensão. Alguns por mais obscuros aqui merecem examinados.

Um delles é o

Pintar o simão

fraze vulgar e plebeia, onde *Simão* é o nome que

---

(1) Vocabulario, 532. Cf. Bluteau, s. v. *Perro*.

domesticamente se dá aos macacos. Vê-se que é derivada do epiteto *pinta-monos* ou *pinta-monas* que se aplicava aos maus pintores mais dignos de retratar bugios que gente humana. De *pinta-monos* fizeram *pintar monos,* pintar o *mono,* ou pintar o *Simão,* que é o mono em pessoa.

Conhecer **pela pinta**

é conhecer por qualquer sinal fizico (1)

> Pois desde aqui como amante
> *Conhecida* ser intenta
> *Pela pinta.*
>
> Anonimos — 329.

Os pintores fazem o que querem pela fantazia e daí o adajio hoje obsoleto — *Pintar como querer* (2) — e da tendencia a favorecer ou a embelezar os retratos e paizajens é que veiu **pintado** a ser sinonimo de *perfeito.*

Neste cazo o **pintado** é muito melhor que o vivo. E pode dizer-se

---

(1) Muitos destes sinais vinham da doença *das pintas,* o tabardilho e outras febres. Mais dura expressão era a de — *conhecer pela marca* — pois que os ladrões eram em tempos muito idos marcados com a letra L nas costas e a fogo. Diz-se tambem das cartas de jogar (V.ª I.ª serie das *Frazes feitas).*

(2) Rejistrado em *Bluteau,* s. v. *pintar.*

nem pintado

para exprimir que de nenhum modo se aceita um individuo.

> Marido? ni aun soñado,
> *Ni pintado,*
>
> Gil Vicente I, 49.

> Mais incorpado começa a ser perseguido, a que reziste *como o mais pintado.*
>
> *Anatomico Joc.* I, 13.

> Disso todos sabemos um pouco; não darei vantagem *ao mais pintado.*
>
> *Ulizipo,* pj. 215.

> *Pintado* houvera de ser o que me vencera.
>
> *Ibidem,* 227.

E em Antonio Jozé:

> — Ande que o amor se pinta cégo.
> — Muito vae do vivo ao pintado.
>
> *Guerras do Alecrim* — II, cena 2.

Se o antigo adajio que meneionamos — *pintar como querer* — já se não uza, entretanto sempre se uzou e continua de uzar-se a formulilha — **veiu ao pintar** — isto é, ao querer, ou como se queria:

> Houvereis de ser cazado
> Com esta dama tecedeira
> Aqui fronteira;
> *Vinheis-lhe dito e pintado.*
>
> Prestes — 387.

Do contexto dessa primitiva formula é que se tirou a outra

veiu ao pintar da faneca

locução corrente, mas que não vejo abonada por escriptores antigos. *Picar a faneca* é o exemplo que ocorre em um romance de Jeronimo Vahia:

E' o mar onde o dezejo
Por mais *que pique a faneca,*
Entre os seus cabelos ricos
Somente *douradas* pesca.

Faneca é nome de um pequeno peixe e tambem o de uma especie de doninha, e *alfaneque* o falcão que a caça por vezes, e a pele daquella alimaria.

Ora desta pele se faziam roupas e vestes, como testemunham documentos antigos (1) e especialmente mantas e cobertores. O modismo vulgar

pintar a manta

não será outro senão o mesmo que *pintar a fanéca* ou o *faneque,* porque o sentido de *manta* é cobertor de cama. Apenas houve a confuzão aqui de varios sentidos; ao começo, bastaria dizer: *veiu ao pintar,* isto é, na ocasião propria. E depois outra fraze de sentido diferente — *pintar a manta* e *pintar a faneca* se juntou á primeira: *veiu ao pintar da faneca* ou *ao pintar da manta* (2).

Resta explicar porque *pintar a manta* ou *fanéca* significa divertir-se, folgar.

---

(1) No barbarus de Du Cange; no *Glosario* de Yangas, v. *alhaneque,* e no *Eluc.* de Viterbo, alfanehe: peles e roupas para vestir e para cama, tapetes, etc.

(2) Esta gradação é tão normal que o plebeismo *pintar o caneco* parece ser derivado do *pintar da faneca.* Cf. *ir ao cancco* e adiante a origem de *mantear.*

Ainda hoje — *levar manta* — é ser victima de logro ou zombaria, ás vezes de ação de mau gosto ou de tranzação dezonesta.

A *manta* é sempre um involucro e embrulho, e *mantear* ou cobrir é burla tão antiga quanto Eva e a folha de figueira do paraizo.

O trecho seguinte elucida o modismo que é tanto dos castelhanos como nosso:

> «De Oton dice Suetonio (c. II) que rondando por las calles de Roma, si encontraba algun borracho, le *manteaba,* tendiendole en la capa... *distento sagulo in sublime jactare;* y Marcial hablando con su libro dice que no se fie de alabanzas porque a vuelta de ellas se burlarian de él *manteandole.*
>
> *Ibis ab excusso missus in astra sago*
>
> I, epigr. 4. (1)

Ha conseguintemente, um grande numero de frazes que por contajio misturaram os sentidos proprios e diferenciais — *dar* ou *levar a manta,* a *faneca, pintar a faneca* e *pintar a manta, pintar a caneca ou o caneco, pintar o Simão* e *pintar monos* (2).

---

(1) Cejador y Frauca — *La lengua de Cervantes,* II, 850.

(2) Entre os generos antigos da pintura havia o

pintar romano

que era a pintura de grifos, hipogrifos e coisas fabulozas e fantasticas. Na *Ropica Pneuma* distingue João de Barros os generos ou assuntos, os *núus,* o *trapo* (roupajens) a *paisajem,* e o *romano,* pintura de monstros:

> Ha hi uns pintores que se delectam em pintar *nús;* outros tem mais gosto em o *trapo;* outros não se lembram de si por *paisajens* que são mais contemplativas. E outros deixam estas tres partes e tomam *a do romano* — pj. 152.
>
> .....
>
> A fazenda *pinta romano:* começa em homem, acaba em peixe: tem bico d'aguia, corpo de lião, áta os pés, põe azas nas mãos e com esta variação nunca tem certa lei.
>
> *Ibid.* 154.

Parece que não deixou vestijios na linguajem moderna esse *pintar romano.*

O diabo não é tão feio...

Assim como ha impiedades contra Deus, assim pode haver tambem alguma simpatia pelo demonio. De tantos horrores e doestos carregaram o anjo mau, que a muita gente parece que

O demo não é tão feio como o pintam

Conjectúro que devia ter provindo da exajerada caracterização da figura indispensavel do diabo nos antigos autos e misterios. O modismo é muito antigo:

— Podem queimal-o e lançar o pó por todos para a coiza ficar como não cumpre.
— *Não é o demo tão feio como o pintam...*

Aulegrafia II, cena 6.

Entretanto uma variante de dificil explicação, é igualmente antiga, e bastante uzada:

El diablo no es tan feo
Como Apeles lo pintaba.

Gil Vicente II, 267.

(fala o diabo:)

Quando quero tambem sou
Gentilhomem, que *Apeles*
Tão feio não me pintou.

Prestes — *Obras*, 50.

E em muitos outros lugares dos classicos ha essa referencia a Apeles que não quiz pintar tão feio o demo. Não conheço a orijem d'essa absurda atribuição se ella realmente foi pelos cristãos dada ao pintor grego, com tam singular anacronismo.

Apenas cheguei a conjecturar que fosse orijinada da herezia de um certo Apeles que acreditava num anjo de fogo *Deum igneum* superior ao Deus dos christãos:

> *Apellite.* Hœreticorum secta, a quodam Apelle ita dicti; Angelum quendam Dei superiorem afferentes, quem *Deum igneum* appellabant, israelitarum legislatorem & Christum non in veritate esse Deum, sed hominem in phantasia apparuisse.
>
> Macri — *Hierolexicon* — 42.

Este Apeles certamente não podia pintar tão feio o deus do inferno e do fogo.

Mas não ha um só passo da literatura vernacula que abone esse obscuro epizodio da historia da igreja.

A conjectura que mais me seduz é que, a exemplo de outras, esta fraze proveiu de uma inversão de sintaxe. É provavel que a principio se dissesse: — *Tão feio não o pintára Apeles* — i. é — *Apeles não o pintaria tão feio.* E logo depois — o condicional *pintara* foi tomado como plusquam perfeito *(tinha pintado).*

Essa inversão pode n'esta mesmissima conjuntura ser confirmada pelos versos de Antonio Prestes no seguinte dialogo:

— Senhor! muito bem pintais
Uma vida, assi.
— Com pintal-a
Com tinta, dezejal-a,
Não n'a *pinta Apeles* mais.

Aqui como na fraze estudada, *Apeles* vale por — o pintor por excelencia. Esses subentendidos taes não são raros na linguagem comum.

Não me cabe aqui expor os cazos de elipse mental que ocorrem nos escritores. Lembrarei v. g. que frequentemente nos classicos *ribeira* tanto significa o rio como o alveo descoberto ou a marjem; no *Cerco de Diu* de Jeronimo Corte Real, fala o poeta de um *rio alcantilado* quando de certo se referia ás marjens:

Um gran rio
Alcantilado e fundo atravessando
Vae com dissimulado curso.

Canto xx, pj. 355 (ed. de 1783).

A sensação exprime-se invertida nos modismos «fazer *correr* um muro ou gradil» ou como disse Camões:

Um monte alto que *corre* longamente

Luziadas — VII, est. 21.

***

A olhos vistos

Parecia mais regular e logico escrever — *a olhos vistos*. Mas tambem se diz *a olhos vista;* e entende-se, coiza vista a olhos, evidente. E por ultimo tam-

bem se depara alguma vez — *a olhos vistas,* nos velhos autores:

> — E vós, queréis-lhe bem?
> — Quem, eu? como trinta. Bebo os ventos por ella *a olhos vistas* (1).
>
> Ulizipo, III, 6 (pj. 219).

> De suas traições validas
> Não ha coiza que não faça
> Que se vale *aos olhos vistos*
> De sua mesma esquivança.
>
> *Fenis ren.* III, 399.

A construção abonada na antiga comedia de Jorje Ferreira — *a olhos vistas* — não é um espanholismo nem contraria a indole da nossa lingua. Em verdade, o castelhano diz *a ojos vistas, a pié juntillas, a ojos cegarritas* com elipse e subentendido que falta ao nosso vernaculo. Dizemos *a olhos cerrados, a olhos vistos, a pés juntos.* E ainda por essa tendencia é que vão dezaparecendo certas analojias da lingua antiga; dizia-se outrora *testemunha de ouvida, aprender de ouvida* em quanto se agora diz e escreve *testemunha de ouvido, aprender de ouvido* (2).

---

(1) Ou é corruptela ou erro de impressão a fraze *asnos vistas* como está no texto da edição de Farinha, 1787.

(2) A forma paralela *saber de oitiva* (auditiva) traz o cunho pe-

Mas, no cazo proposto, *a olhos vistas* pode conferir-se com a fraze arcaica *vêr pelo olho,* tambem de uzo:

> O que o Magriço diz é pera crer, porque o não pode nenhum saber melhor que elle que *o viu pelo olho.*
>
> Rui de Pina — *Cron. do Conde D. Duarte,* pj. 72.

***

Sabido como cobra

As cobras sempre passaram por astutas e sabedoras, desde a cosmogonia mozaica e a obra da creação do mundo.

D'aí o proverbio: — *Sabe mais que as cobras.* Invoco os exemplos:

> Particulares ufanas
> Que *sabeis mais que as cobras*
> Pois sois ciganas nas obras
> Na dança sereis ciganas.
>
> Fenis renac. IV — 152.

---

jorativo e equivale a mal, imperfeita, ou *dezentoadamente* como o definia D. Nunes do Lião. Ap. Bluteau, s. v.

Aos que escrupulizam no emprego da palavra *orelhas* por parecer que são estas mais proprias de asnos vae certeira a reflexão de Faria e Souza — Esses taes ou são asnos ou ficam sem ter orelhas — O dilema é terrivel, mas a verdade é que ninguem hoje diria — *orelhas anjelicas* — como o fez Camões. Veja Bluteau.

Em outro logar:

> Fazei lá por essas lapas
> Penitencia de vanglorias
> Com que por ser grão lagarto
> Quereis *saber mais que as cobras.*
>
> Ibid. IV — 420.

O proprio texto do *Genesi* acredita a sabedoria deste animal: *Serpens erat* callidior *cunctis animantibus terræ.* E assim toda a literatura sagrada (1).

Semelhante ao da sabedoria tambem se formou o do silencio das cobras. É popular o ditado

Caladinho como uma cobra

porque efectivamente as cobras vivem ocultas, agridem ou se defendem em silencio e são comparadas, por isso, aos caluniadores: *Si mordeat serpens in silentio, nihil minus habet qui occultè detrahit (Eclez. X).*

A religião, as superstições, e a arte fizeram da serpente o simbolo da ciencia. (2) Defrontam-se assim os dois mitos, um ariano e da raça que simboliza a sagacidade na *rapoza*, e o outro semitico e religiozo, que a simboliza na *serpente;* no Brazil a estes dois se

---

(1) Nos *Salmos* (LVII *Sicut aspidis...*) admira-se a sagacidade da serpente, e a Salomão o que mais lhe espantava e não podia explicar era o *Viam colubri super petram.*

(2) *Escol. decur.* de Fradique Espinola, tomo IX, 21; *Recreações prov.* de Jesam Barata, II, 258-259; Marin, *Cantos pop. esp.* I, 333 e Leite Vasconcelos, *Trad. pop. port.* 142, superstições e crendices do povo acerca das cobras.

ajunta o indiano que no seu *folk lore* faz do *jaboti* (kagado) o mais astuto de todos os animais.

Ainda com referencia indireta a este mesmo assunto convem notar a existencia de uma antiga palavra já fóra de uzo, o verbo *later*, tomado sem duvida á reminicencia da fraze verjiliana:

Latet anguis in herba

Os nossos antigos escritores empregavam-na em ocaziões parecidas e diziam *latir a moita:*

> Eu senhor sou de bom faro e por isso não vos espante *latir a moita.*
>
> *Aulegraphia* — fol. 90.

> Não tendes tão bom faro como cuidais. Deixai a mim o saber *latir a moita.*
>
> *Ibidem* — fol. 156 v.

Houve na palavra a concorrencia de sentidos diversos *later* e *jazer* de duas formas latinas, a classica *latere* (esconder) e *lattere*, e a medieval *glattire* (fr. glatir). Do sentido classico melhor se avalia pelo exemplo:

> Observai uma cobra que se dezenrola dentre a *relva em que latia* e vede o modo com que caminha pela planicie.
>
> *Recreiação prov.* II, 259.

Na *Carta de Guia de cazados* tambem ocorre o vocabulo com a mesma significação, que o nosso lexicografo Moraes indica sem transcrever. É o seguinte:

> Bem se podia dizer o que diz o romance: «El aspid anda en las flores, Alerta, alerta, zagales;» tomado daquelle adajio latino que entre as ervas mimosas *latia* o aspide peçonhento.
>
> *C. de Guia* (ed. de Camilo) — 136.

E sempre os poetas a exemplo de Verjilio uzaram dizel-o pelos mesmos termos:

Qual serpente...
Entre as ervas está com novo brio
E como ellas verdeja...

Quebedo — *Afonso Africano* — IV est. 25.

***

Nunca o vi mais gordo

Atribue-se o ditado ao imprudente que, com ridiculez, se entremete onde não é chamado, afétando graça, familiaridade ou importancia.

Creio que por elipse se tirou da outra fraze muito comum:

meter-se a taralhão

porque chamam de *taralhão á* pessoa *gorda* e os taralhões são pardaes que engordam muito. Assim, Bluteau já havia a propozito de *taralhão* notado que o termo se toma metaforicamente por *gordo* e «em fraze chula quer dizer — aquele que tem um modo de tratar com termos ou jocozos ou serios, naturais ou afétados que o fazem ridiculo e a este trato ou modo de falar, conversar ou obrar, lhe chamam *taralhice*.»

Taralhão é o que se entremete onde o não chamam.

Bento Antonio — *Aldeia na Corte*, 210 (1).

---

(1) É provavel que na significação da palavra influissem outros radicaes: *terebellum* de *terebrum*. Cf. taramela, taramelar, etc.

E uma vez que *taralhão* e *gordo* se equivalem e o epiteto se aplica a pessoas afétadas, intruzas e ridiculas, suponho que o sentido passou de um ditado ao outro.

O entremetido parece sempre demaziado *gordo* (1).

***

Fazer ouvidos de mercador

Fazer ouvidos ou orelhas de mercador é não prestar ouvidos ou atenção nenhuma ao que possam dizer.

É fraze romanica e antiga, que é facil abonar com exemplos.

Em um romance de D. Francisco Manoel:

> Orelhas fazem ás dores
> Porque as não querem sentir
> *Orelhas de mercador*
> Vendendo mais dor assim.

Obras metricas II, 220 (2).

Em outro de Serrão de Crasto:

> E no livro dos *Secretos*
> Diz um autor curiozo

---

(1) Cf. o espanhol «*gente de gordillo* = del vulgo ó de la plebe.»

(2) O texto das *Obras metricas* foi impresso em Lyon entre grandes descuidos. Corriji o primeiro verso que está no original *As orelhas fazem as dores*...

Que *orelhas de mercador*
São ouvidos d'este modo.

Acad. dos Sing. II, 177.

Na sua *Orijem dos Anexins*, o inventivo doutor Castro Lopes explicava a fraze *ouvidos de mercador* pela corruptela de outra — *ouvidos de mau credor* — que aliás não pode ser acreditada por um unico exemplo de autor conhecido.

A explicação é inadmissivel; pois muito mais surdos hão de ser os devedores. Basta considerar-se que a fraze não é apenas e só portugueza; e aquela chave do *mau credor* já não poderia solver o enigma nas linguas onde ha *orejas de mercader*, *closes oreilles* (do francez do seculo XV), etc.

Convizinha-se pelo sentido com o outro proloquio: *A palavras loucas, orelhas moucas.*

O sentido da fraze não oferece, a meu vêr, dificuldade seria. Os mercadores que são aqui os de rua ou de estrada fazem sempre os seus pregões estentóreos por onde passam e como é proprio dos surdos o gritar demaziado tambem é natural supor que as respectivas *orelhas* ou *ouvidos* são ouvidos e orelhas de surdo.

***

Carradas de razão

Parece que é esta a formula uzual e mais comum. Tem *carradas de razão* os que della estão a não poder mais carregados. Mas a *carrada* não é medida

quantitativa e preciza. O modismo primitivo foi provavelmente *canadas de razão,* pois assim o encontramos no seculo XVII em um dos poetas da *Fenis Renacida:*

E com ser a razão tanta,
Todos ficaram sem ella,
Tendo razão ás canadas.

IV (ed. 1746), pj. 266.

A confuzão entre as duas formulas *carrada* e *canada* não podia ser dificil, pois que tanto se diz *encher-se de razões* (e este verbo mais se aplica a medida de liquidos) como *carregar-se de razões.*

E não se extranhe que sob essa especie se utilizem as *canadas* porque tambem ha a exclamativa: *Com mil pipas!*

No poema comico de A. de Lima (1752):

Levas-me sempre de cabeça abaixo
Valham mais de mil pipas tal ventura
Cada hora me ponho como um cacho,
Cada instante me vejo á dependura.

Benteida — III, est. 3.

E tambem rejistrada está a locução nas *Enfermidades da lingua,* 151.

Ainda pelos começos do seculo XVIII, de quando é o texto do livro popular das *Verdadeiras Bernardices* (1), ocorre o exemplo:

---

(1) As *Verdadeiras Bernardices* são do tempo de D. João V e é talvez o mais antigo senão o mais curiozo anedotario portuguez. A edição comum é de *Paris* — Aillaud.

> Não fora melhor meter-lhe na mão um fueiro, se o queriam desprezar? porque no fueiro lhe davam logo a entender, que os desprezos lhe haviam de vir *ás carradas*.
>
> *V. Bernard.* — pj. 87.

Pelo mesmo jeito diziam *alqueires de razão,* como está no *Teatro comico:*

> Ainda que a minha pena tambem me *tem cheio as medidas,* eu te confesso que *tens alqueires de razão.*
>
> *Ninfa Siringa* A. 1, c. 1. (1).

Em suma, *encher carros, pipas, canadas, alqueires* parece que é tudo o mesmo. E daí o *encher as medidas* quando harto se cumulam razões.

* * *

Val de eguas ou *Val das eguas* é locução que correu muito e ainda corre na lingua uma ou outra vez, mas já cerceada e sem o cunho e brilho primitivo.

Della uzaram os antigos escritores, em sentido proprio ou translato.

> ... E não vou muito fora do caminho, se não foram as grandes tentações que aqui cursam

(1) Na ed. Garnier, entre as operas de Antonio Jozé inclui esta cuja autenticidade depende de prova.

como vento no *Vale das Eguas*, porque o estomago não está bem fornecido da merenda.

Soropita — *Prozas*, 6.

Só Portugal é nisto tão prodigo que tem por timbre (chamara-lhe antes inadvertencia ou ignorancia) entregar todos os gastos de suas armadas ao vento, sem mais fruto que o de dar um passeio com bizarria por *Val das eguas* e tornar-se para caza com as mãos vazias e as frasqueiras despejadas.

Arte de furtar (Ed. Garnier) n. 98.

Falando geralmente, *val de eguas* ou *val das eguas* equivale ao mar alto em uma das suas voltas mais tormentozas. Assim se explica este passo do dialogo do *Avarento* de D. Francisco Manoel:

Tudo o que ha no mar ha na terra; tambem cá entre nós é como no *val de eguas:* peixe grande papa peixe pequeno.

Apologos dialogais, 85.

Efectivamente, é costume dos marinheiros assinalar em sua linguajem pitoresca alguns lugares famozos do oceano. Ao mar cheio de perigos que cerca as ilhas da Madeira chamavam *Val das eguas.* Na relação do naufragio da *Nau Santiago* (1585) ainda ocorre a expressão, de modo bem explicito:

Desde sexta feira até a segunda da Semana Santa andaram ora em calmarias ora ás voltas

de um bordo a outro, por o vento se mudar muitas vezes, até que a terça feira entrando no que chamam *Val das Eguas* começaram a experimentar a furia d'aquelles mares, arrebentando todos esses vagares em uma tormenta desfeita.

Historia tragico-maritima — IV, 7 (1).

No seu poema epico a *Insulana* Manoel Tomaz não poderia esquecer a expressão e tenta explical-a comparando a furia das ondas ao relinchar das eguas:

Que de *eguas* relinchos pareciam.

III, est. 48.

Não é muito descabida a metafora e em outra oportunidade já aprezentamos razões que poderiam agora acredital-a (2).

O mar está semeiado de nomes que não figuram nas cartas e são só familiares aos marinheiros. Ocorre-me aqui mencionar a rejião das AREIAS GORDAS que parece ser perto da Espanha de Cadix para fora até ás ilhas africanas:

Um navio espanhol que tinha partido carregado para a America não podendo passar ás ilhas, voltou e veiu a perecer no sitio *bem conhecido* dos navegantes pelo nome de *Areias gordas*.

Noticia etc. (3) pj. 4.

---

(1) Foi compilada por Bernardo Gomes de Brito. Cito a reimpressão moderna.

(2) Nas *Frazes feitas* (I serie) a cerca das expressões *carneiros, vagalhões* (cavallones) etc.

(3) *Noticia da grande tormenta que houve nos mares de Cadiz e da notavel inundação que houve em Sevilha* etc. Lisboa, 1758. Faz parte de curioza serie de relações e noticias avulsas, especie de gazeta que se publicou pelos meiados do seculo XVIII; em alguns folhetos ha a indicação das oficinas de *José da Costa Coimbra*, de *Domingos Gonçalves*, da of. *junto a S. Bento de Xabregas*.

O *Val de Eguas* não ficará distante das *Areias gordas* e ambos são lugares perigozos.

Tenho que quanto ao primeiro, os portuguezes tiraram saudozamente o nome de um lugar (mitico e imaginario?) de sua terra, arriscado e suspeito, como a *feira da Ladra*. Refiro-me ao

Val de cavalinhos

a que os poetas comicos de quinhentos e os escritores que vieram depois, sempre referem coizas de ciganos em termos inequivocos. No *Auto das fadas* diz a feiticeira:

> Cavalgo no meu cabrão
> Vou-me a *Val de cavalinhos,*
> E ando quebrando os focinhos
> Por aquellas oliveiras
> Chamando frades e freiras...
>
> Gil Vicente — III, 92.

Em Prestes no auto do *Dezembargador* diz o Irmão:

> Meu irmão então trazia
> Outra (manceba) em *Val de cavalinhos.*

Ao que retruca a *Manceba* pouco depois:

> Vosso irmão, sabei, Senhor,
> Que eu lhe abri azas, caminhos
> E em Pariz o fiz doutor
> Não em *Val de cavalinhos.*
>
> *Obras* — 216 e 217.

Define-se melhor em D. Francisco Manoel:

> Subiu-se a sala daquelle satrapa que em publica audiencia e em dia claro, roubava (fazei conta) como em *Val de Cavalinhos.*
>
> *Apol. Dial.* 70.

Talvez esse temerozo *Val de cavalinhos* (1) sujerisse aos navegan-

---

(1) Outro exemplo no *Acredor* de Figueiredo (*Teatro*, x, 205).

tes a idéa de *Val das Eguas* ou *Val d'Eguas* para fazer companhia a outros tristes vales o *vale de lagrimas* e o *vale de Jozafat* (1)

Dois dedos

O *dedo* assim como a polegada é uma medida que, por pouco preciza, ficou apenas no uzo popular mais facil e mais de qualidade que o dos matematicos.

Tendes *dois dedos* de testa
Porque da frente á fachada
Quiz Deus e a vossa mizeria
Que não chegue á polegada.

G. de Matos — 1, 319.

Mas entre outros muitos não é este o cazo que importa aqui explanar, mas o da aplicação que especialmente se faz dos *dois dedos* á medida do saber

Dois dedos de latim
Dois dedos de teolojia
etc.

---

(1) A acrescentar est'outro *vale* do entremez de cordel o *Tutor namorado* ou *As Industrias das mulheres*, onde diz uma personajem:

Ca o senhor Dom Bazofio
Não vive senão de calos
Que anda fazendo em Lisboa,
Hipotecando o morgado
Que tem em *val de nenhures,*
De onde é tambem fidalgo.

Pj. 4.

Tambem aqui rejistro o *Val de la Mula* que parece ser expressão popular; duas vezes ocorre no *Falar e Escrever* (II, 70; 152) do ilustre lexicografo Candido de Figueiredo.

Não sei quem por aí explicou a razão dessa medida, atribuindo-a a costureiras! (1)

A aplicação a coizas do saber provêm de que os antigos intelectuais e doutores alem dos indispensaveis oculos traziam a sua bocêta de rapé.

Fazia tudo isto larga parte da fizionomia doutoral.

E diziam tambem na sua giria: «F. não sabe *uma pitada* de francez.»

Uma *pitada* e *dois dedos* valem a mesma coiza.

Um sabio antes de responder a qualquer grave e intrincada questão, como se diz no *Hissope*

> Abre a caixa e tomando uma *pitada*

começa a discorrer.

E ainda assim por vezes não sabe pitada, ou sequer

> Um dedo de grego, outro de latim.
>
> Gregorio de Mattos — 1, 177.

Ha mais que n'essas materias tabaquicas é costume o tomar sem cerimonia. Assim o diz o autor da *Carta de Guia de Novatos:*

---

(1) Foi o *ilustrado* dr. Silvio de Almeida quem afirmou que de dizerem as costureiras *dois dedos de costura* proveiu o uzo de tambem dizer-se *dois dedos de gramatica!!*

Aqui vulgarizo o achado.

Que enjenho agudo o desse doutor!

E se vires que algum na tua prezença
Da caixa puxa sem que te convide,
Mete os dedos e toma sem licença
Por que *lo que se toma no se pide.*

Onomatopeias

Algumas onomatopeias oferecem talvez interesse e merecem aqui examinadas.

O **psiu**! ou *pst!* de hoje era mais comum reprezentar-se com a voz *cê! cê!* formula tambem do castelhano. Os exemplos formigam; apontemos os seguintes:

Vou. *Cê!* dizei-me, a porta tem alguma grêta?

Ulizipo — III, cena 7 (pj. 236).

Vai-se! ui! escute! *cê!*

Dom F. Manoel — Obras m. II, 212.

E assim, nos antigos. Mas nas *Academias* (seculo XVII), nas *Satiras* de Couto Guerreiro (seculo XVII) já se confirma o uzo hodierno:

Chegou logo em um instante
A' janela e fez *sio, sio.*

Acad. dos Singul. II, 36.

Não posso mais, é ir abalando
Mas ouço atraz *cio! cio!* vou sempre andando.

Guerreiro — *Satiras* I, sat. 8.ª

Da forma *cê* ou *ci* é que se derivou **ciciar** que é o ruido do vento nas folhas e que parece chamar

Algum tempo depois, ali plantaram
Ciciozas canas siculos pastores

Filinto — *Obras* VIII, 18.

e tambem defeito da voz, como já em Fernão Lopes:

Ceceava um pouco na fala

Incd. IV, 175.

Eram antigas vozes **oxte**, *uste, uxtix* equivalentes a *arre!* e foram tambem castelhanas

Apre besta do ruim.
Ux tix!

G. Vicente — III, 212.

Uxtix, uxte xulo cá
Que te eu dou, irás gemendo

III, 213.

Uxtix, agora não pacem elles.

III, 214.

E em Simão Machado temos reunidas as trez vozes:

— Agora vereis d'um sujo
A que sabe o ser madraço.
— Eu sou *arre,* ou *uste,* ou *xó!*
— Paio Vaz, sois mentecato.

Comedia Alfea I, 137.

Tanto me dou por *uxte* como por *arre.*

Eufrozina — fol. 68 v.

Ha quem faça derivar *oxte* imajinando um verbo em *ox-te* onde o primeiro elemento *ox, oj* é a mesma palavra *olhar* — lat. *oculare*. Acredito que é uma voz onomatopaica talvez da lingua pre-romana na peninsula (1). Entretanto, e aqui suponho estar o interesse maior do assunto, estou convencido de que essas interjectivas endereçadas a outro ente da natureza, envolvem um *te* objetivo que não pode deixar de ser o pronome pessoal e por isso são ellas verdadeiros verbos e sentenças.

O cazo de *ox-te* ou *us-te* é bem expressivo, mas ainda ha outros. O que foi acima citado *cio* ou *cê* toma por vezes um *t* final *psí-te! pís-te!* que tambem refiro ao mesmo fenomeno.

E ainda melhor, o *ta!* aparece com a forma *tá-te,* como se vê de uns versos burlescos antigos:

> Eu disse-lhe: *tá-te,* perra,
> Não metais assim de ponta
> A lingua...
>
> *Cancion. geral,* III, 173.

Nas *Comedias de Alfea* encontramos a mesma formula de compozição em estado embrionario:

> *Erte* Tomé, *erte* azinha,
> Faz vir a pessoa espida.
>
> Simão Machado — *Com.* 110.

onde *erte,* segundo penso, está por — *ergue-te!*

---

(1) Cejador y Frauca faz derivar do seu predileto euskaro *ots, och, och-eman* — afujentar. Cf. Kœrting s. v.

Um cazo inteiramente conforme a este é o de *tentear* (de *tem-te)* que estudamos adiante (1).

Não desconhecemos as etimolojias mais corriqueiras que nem sempre são as melhores, a mao grado das aparencias (2).

---

(1) Poder-se-iam apontar para material de comparação a interjectiva *bi-te!* ou *pi-to!* para chamar cabras ou ovelhas, e a formula *pate!* que dirije uma rapariga a gansos e patas no *Auto da Fama:*

Pate, meninas formosas
Andar, patinhas.

Gil Vicente — *Obras* III, 45.

Pate! Pate!
Ma rapoza que as mate

Ibid. 44.

Patelas, Pate raivozas.

Ibid. 45.

E no *Auto das Fadas:*

Pitas, pitas, pitas, pitas,
Patelas, patelas, patelas,
Bem venhais minhas donzelas.

III, 106.

Ainda ao mesmo genero póde filiar-se a admirativa plebeia com ares de latina, *cáspite!* (caspe *te).* Foi rejistrada na *Infermidade da lingua,* 112; e é ainda hoje uzual. Nas *Poesias joviais* (joviais? obcenissimas) de Lobo de Carvalho.

Hoje ouvi um francez cuja loquela
Finjia bem francez...
— Madama, Monsieur, *caspité!* bela!

Soneto XLIII.

L. Carvalho faleceu em 1787 e suas poesias só foram impressas em 1852, em *Cadix* (falsa indicação).

(2) É o cazo de *psit!* — E a este propozito escreveu uma vez K. Bruchmann: «Die Vermutung dass *st!* (unser Ruf) mit der Wurzel *sta* zusammenhänge ist schon öfter gemacht und nicht unangefochten geblieben» *Z. f. Völkerpsych.* XIX. Faço eu a mesma reflexão para todos os cazos analogos. Veja o *Suplemento.*

O sentido que tem hoje a palavra **tentear** é algo diferente do que se poderia tomar lojicamente das suas raizes mais proximas *tento, atentar.*

Efectivamente, ha um matiz n'esse vocabulo que se acentúa depois de melhor examinado. *Tentear,* diz-se, para notar o esforço ou milagre de equilibrio que se avizinha a qualquer ruina inevitavel

Fulano vae *tenteando* a saúde ou os negocios

isto é, amparando-se da morte ou da derrota que se antolha.

N'este cazo, contribuiu para forma e sentido a voz composta: *tem-te* como está na fraze proverbial:

tem-te não caias.

E como se se originasse da locução *tentear* rezultou de *tem-te* por exquizita e rara formação, nesse só matiz especial de sentido.

Assim, notamos em Ferreira na sua lejenda de Santa Comba.

Ten-te, fermoza Comba, *ten-te* e espera
Que não com ira com amor te sigo

Obras — I, 231.

é o tirano que pede á santa que pare, e é no sentido actual a que me refiro.

Por outro lado, o sentido de *examinar, passar* ou *sondar* que se verifica por exemplo na *Eufrozina* (fol. 146) e na *Aulegrafia* (fol. 22 v.) liga-se aos radicais da palavra.

Outros exemplos do sentido que apreciamos são frequentes na literatura popular; no romance de Almendo:

Tem-te, tem-te cavaleiro,
Se a vida te não agonia;
Se la poncela me levas
Levas a luz do meu dia.

Veiga — *Rom. do Algarve,* 43.

No romance de D. Branca:

Tem-te, ó perro traiçoeiro
Que eu por mim te não quizera,
Se meu irmão tu não foras
Maldição logo te dera.

Ibid. 93.

D'esse modismo ainda, gerou-se outra formuleta — *tem-te nos pés e não caias!* — ou — *tem-te, bonete, não caias* — aplicada a borrachos já tropegos ou quando empinando o copo podem deixar cair a gorra (1).

N'esta especie, a derivação mais curioza parece ser a de *tin-tin por tin-tin* que estudamos em outro logar deste livrinho.

(1) Na curioza e primeira parodia (de 1589) que se fez aos *Luziadas*, diz-se «entornante» (estancia xx) do que empina o copo.

II

Me melem! — *Busmelé* — Pão, pau, pano e ensino. Tome para seu tabaco. Pagar com lingua de palmo. Mentir como sobrescrito de carta. Varias mentiras; pulhas e bogas. Procurar um pé. Cinco pés ao gato; pé de alferes. Na tiórga. Não ha sabado sem sol. Não saber pataca: *varias formulas de negação enfatica*. Mundos e fundos. No açougue. Amarrar a lata. Deitar á marjem. Prata de caza. Macaquinho de cheiro. *Aquò* e aquem d'agua.

Me melem

Quando os nossos gramaticos indijenas defendem o brazileirismo na sintaxe dos pronomes invocam sempre o exemplo do lidímo portuguez:

Me melem

Este *me mellem* é um protesto e imprecação com que se escuzam os inocentes, arrependidos ou medrozos.

No *Dom Quixote* de Antonio Jozé:

> A mim *me melem* se por aqui não anda Sancho Pança que é o que lhe mete estas loucuras na cabeça.
>
> I, cena 1.

Aquella sintaxe está ali a lembrar acazo que a fraze não é portugueza, e *melar,* cobrir de mel, em vernaculo, não envolve castigo ou ameaça.

Tenho para mim que esse exemplo portuguez é... espanhol. Este *melar* nada tem que vêr com a doçura do mel.

Mellar do latim *malleare,* é equivalente a *malhar*. D'est'arte

me melem! = rachem-me!

mas rachar tirando um fragmento, desbeiçar ou quebrar um dente apenas, o que não é pouco.

Mellado significa o que tem falta de dentes (1).

Assim, ME MELLEM é tambem sob todos os riscos, um protesto de silencio. E arrancar um ou mais dentes foi pena e tortura de codigos barbaros.

Este sentido, de *dentes a menos,* foi para mim ainda a chave de outro enigma que me custou ao menos lobrigar.

Tinha eu já notado o uzo de um vocabulo arcaico que os dicionarios (como é de mau costume) não rejistram e muito menos explicam — BUSMELÉ — sempre envolvendo a idea de silencio forçado, por ameaça ou terror.

O primeiro que rejistrei foi o de Antonio Prestes no *Auto do Mouro encantado:*

Calae-vos já, que me dão
Para que em mim vos tenhaes;
Ora fico-me com estas
Busmelé Deus vos dê, filho.

(1) *Mellado* — «falto de uno ó mas dientes». *Mellar* — «descantillar una cosa sacando una pequena porcion».

Tambem encontro na *Celestina:* ... «esta mi señora tiene el

Vejo tambem esse torvo *busmelé* na *Comedia Alféa* e nas mesmas circunstancias de silencio imposto á força:

— *Cal-te* era má!
— Já me *calo*.
— Tapa a boca!
— *Busmelé*.

Simão Machado — *Com.* 165.

Na *Viola de Talia* já o entrevejo, ainda com o mesmo sentido:

Sabe o que lhe peço? ou
Que lhe mando, amiga? que
Faça a boca *busmelé*,
Não mostre as minhas vergonhas...

O. metricas — II, 212.

São tão claros os exemplos que não necessitam multiplicados. Sabe-se que *buz* é boca e tenho que *busmelé*, atendendo ao significado de *mellar*, ha de ser o castigo de malhar ou quebrar os dentes, reduzir a silencio. Aqui seria precizo fazer os engrimanços e os arranjos foneticos por não dezagradar a tudescos mais carrancudos; mas... quanto a esses passes dijitais... *dicant paduani*.

Salvo melhor juizo, que este é como sempre hipotetico e conjectural.

---

corazon de acero; no hai metal que con elle pueda, no hai tiro que lo *melle*» (acto VI).

***

O pão e ensino

Antigamente em vez do PÃO E ENSINO como hoje se diz (porque *não é só de pão que se vive,* faz o Evangelho) com aliteração melhor havia o PÃO E PAU:

> E não me nego dos seus, dou-lhe do *pão* e do *pau.*
>
> *Eufrozina* — fol. 89 v.

E mesmamente se depara no *Auto do Procurador,* um almoço de pau:

> Filha, cal-te, põe contigo
> Este exemplo que te digo
> Que confina a Salomão:
> Moço mau se o *pau lh'é pão*
> É-lhe conduto o castigo.
>
> Prestes — 126.

> Far-vos-ão ser vaganau;
> *Almoça* elle lá *do pau.*
>
> *Ibid.* — 131.

O proverbio (ou *exemplo* como ainda se dizia no tempo de Prestes) provinha de que em geral criados e protejidos ou dezamparados se acolhiam a caza dos senhores e

> sofriam o *pau* a troco de *pão.*
>
> *Apologos dial.* — 134.

salario que por eufemismo, e contra os antigos tempos, se chama hoje o *ensino*. Dá o ensino quem dá o pão (1). Em outro tempo os que assim serviam eram *apaniguados,* isto é, recebiam *pan e agua*.

E não só tinham o *pão* mas tambem *pano* (roupas) conforme declaram as *Ordenações* velhas, porque uma das obrigações dos senhores e cavaleiros era a de vestir os *homens de pé* que «*os serviam e traziam seus panos*» II, tit. 59.

Por esta razão é que tambem se formou o modismo *pão e pano* para indicar as duas necessidades primordiais, a roupa e o alimento. A ella de certo alude D. Francisco Manoel em uma das suas cartas quando escreve:

> *Pano* e *pão,* senhor, é o que nos serve.
>
> *Cartas* (ed. 1664) pj. 752.

A quazi perfeita consonancia entre *pan* e *pano* determinou a confuzão das duas palavras na expressão conhecida:

---

(1) E este é o sentido dos versos de Gregorio de Matos:

> Que tanta culpa mortal
> Se absolva? eu perco o tino;
> Pois absolva um teatino
> Pecados de pedra e cal;
> Quem em vida monacal
> Quer dar á filha um debate
> Condenando em *dote* ou *da-te*
> Vem a dar-lhe o *pão e a noz?*...
>
> G. Matos — *Obras* — I, 162.

pão de ouro

que está por *pano de ouro,* isto é, a lamina de ouro delgadissima de que se servem os douradores e imajinarios (1).

Tome para seu tabaco

É expressão ironica com que se celebra a victoria e ao mesmo tempo se castiga a inabilidade do vencido.

E muita uzada nos jogos de companhia e principalmente quando são dois os jogadores e se acendram as glorias do capote.

Na sua etimolojia, é grosseira porque *tome para o seu tabaco* é como se dissera *tome esta pitada,* isto é, uma tapona pelas ventas.

Tambem, o uzo do tabaco vem sobremeza e é um dos percalços da boa xira:

> Acabamos de jantar
> *Tomamos* nosso *tabaco.*
>
> *Fenis* I, 305.

O sentido atenuou-se e perdeu a violencia antiga. No seculo XVIII já se escrevia:

> Senhores! caluda
> Deixe vir Macaco,
> Que, como *tabaco,*

---

(1) Em castelhano dizem *oro en paño* (e não *en pan*) e em portuguez ha as duas formas: *pão de oiro* e *oiro de pão;* em qualquer cazo *pão* está por *pano.*

Ás ventas por brinco
Lhe quero chegar (1).

Teatro comico IV, 60.

Outras e numerosas frazes como esta reprezentam atenuações do sentido antigo cuja intensidade se foi a pouco e pouco enfraquecendo. Sirvam de exemplos o *pôr a mão no fogo* por alguem, revivecencia de barbaro costume medieval em que se punha á prova os suspeitos de adulterio, e o modismo

pagar com lingua de palmo

que desde muito caiu no uzo comum por não ter o sentido arcaico, aplicando-se a qualquer propozito. No *Entremez intitulado o castigo da Ambiçam:*

— Sim, senhor, diz muito bem,
Essa é a conta que eu faço,
Lá para o costeamento
Da nau espero cobral-os
— Pois espera que lhos pague?
— Isso, *com lingua de palmo.*

(Ed. 1785) — pj. 7.

O *pagar com lingua de palmo* era o mesmo que pagar com a forca e aludia-se ao já esquecido gesto

(1) O trecho é do *Filinto perseguido* que anda entre as obras de Antonio Jozé; mas não é esta comedia obra sua.

mizero dos enforcados, no tempo em que o *morra por ello* enchia o livro V das *Ordenações*.

A obliteração d'esse sentido deu modernamente nova aplicação á fraze que hoje alude á *lingua* dos maldizentes que, não raro, pagam as suas culpas.

Um lacaio das *Guerras do Alecrim e Manjerona* de Antonio Jozé diz com graça e aludindo ironicamente ao cansaço dos cães e ao dos namorados que esperam:

> —Venha a resposta, Senhora, que meu amo está esperando *com lingua de palmo*.
>
> *Guerras do Alecrim* — I, cena II.

Já é muito menos que a forca (1).

Mentir como sobrescrito de carta

É tão uzual a fraze como é uzual a mentira dos sobrescritos. Apezar de já haver Afonso V desde o seculo XV no *Livro vermelho* regulamentado todas as formulas de cartas, os sobrescritos vieram continuando a mentir com *Ex.*as e *Senhorias* a rodo.

O Chiado bem dizia:

> Guardar de sobrescrito!
>
> *Obras*, 148.

---

(1) Conheço a exejeze dos que á expressão *morra por ello* das ordenações velhas não concedem o sentido de pena de morte, por que inclue a da *morte civil*.

E ainda melhor o disse o suave Diogo Bernardes na XXIII das suas cartas:

> Um destes dias li um *sobrescrito*
> Em que se poz *ilustre* a uma preta
> Que vende na Betesga peixe frito.
>
> *O Lima* (ed. 1820) pj. 209.

Filipe II renovou pelos fins do seculo XVI a antiga lei de Afonso V, e sempre em vão.

As mentiras são tantas e tão prolificas que dão para familias e especies numerozas:

Ha a BOGA que é a mentira de valor, gabolice de força ou *bravatas*.

Em certos lugares do paiz dizem *brocas* e tambem *potocas* (Minas Geraes); nas frazes em que entram: *contar brocas* e *contar potocas*, mentiras que de si mesmas se desvendam e se desmascaram. Podem ter outra orijem que não alcanço. A orijem de *boga* n'esta particular significação parece ser uma forma conjenita de *bogaria* que ocorre nos textos antigos para indicar as razões e alegações de advogados, principalmente na locução *má vogaria* que Viterbo elucida como a das más artes com que deitavam a perder seus clientes muitos dos letrados do outro tempo. (Viterbo — *Eluc.* s. v. *vogaria*). As antigas *Ordenações* tambem deram uzo ao termo.

Pode ser porem que venha do significado proprio que é o de uma especie de peixe.

No *folk lore* portuguez e brazileiro a historia do papagaio a que lançaram agua fervendo por haver indiscretamente falado em *bogas* é anedota antiquissima que corre entre as facecias medievais. Já no antigo anedotario *Schimpf und Ernst* de Pauli compilado nos começos do seculo XVI aparece com a mesma moralidade: *Du hast wol von dem Aale geschwätzt?* era a pergunta que fazia sempre a pega logo que via qualquer sujeito pelado ou calvo. «Você comeu *bogas?*» é a variante da historia popular do papagaio. Virá d'aí o sentido de *bogas* como mentiras grandes, carapetões?

As *patranhas* são outra especie e têm a etimo-

logia que já imajinei — uma historia ou ficção das que contam os paes ao pé do lar —. E a essa especie se reduz a *maranha (patre* e *matre).*

Em Gil Vicente:

> Ouvimos, contai
> Ha de ser um sonho, que viu um espanto,
> Uma adivinhação, um conto, um chanto,
> *Uma patranha.* Contai, acabai.
>
> *Obras* — 1, 345.

E tambem:

> Aqui está, meu prezidente.
> Em fraze como agua clara...
> ... O mais é *patranha.*
>
> *Progr. dos Anon.* 271.

A PETA é a mentira sem pezo ou gravidade para lograr os incautos e os tolos.

Diz o Tolentino:

> Iremos ouvir mil *petas*
> Quando mais o sol se empina,
> Vendo acerrimos jarretas
> Junto a Santa Catarina
> Argumentando em gazetas.
>
> *Obras* (Ed. Torres) 237.

A PULHA é a mentira ou graçola com segurança que se diz entre pontos no momento inaccessiveis, como por exemplo, de um barqueiro para outro, de

um que vae em carro para o que passa a pé. É mais propriamente injuria. No seculo XVI:

Vilão! lanço-te uma *pulha*
Que és marido da calma.

A. Prestes. *Obras*, 453.

Posteriormente:

E lá pegado ao leme um olho torto
Guiando a caravela para o Porto;
E que com traquinada e lida e bulha,
Cada qual me *deitava a sua pulha.*

Fr. Lucas de S. Catarina—*Orações acad.* 71.

Ainda depois em Couto Guerreiro:

Não se pode dar honra sem vergonha
Que honra logo pertendem, que suponha
Em gente que com outra a dezafio
Diz pulhas uma legua e mais a fio?

Satiras II, XII pj. 130.

As *pulhas* frequentemente dezaforadas dejeneram em contendas. Leite de Vasconcelos *(Trad. pop. em M. Couto Guerreiro, pj. 4)* que cita estes ultimos versos de Guerreiro adita-os com algumas quadras populares, e refere este a um antigo costume romano atestado por Horacio na *Satira* I, VII, onde diz:

... durus
Vendimiator et invictus, cui sœpe viator
Cessisset magna compellans voce cucullum.

Ainda hoje a impossibilidade de castigar o ofensor é que caracteriza essa especie de insulto. As pulhas são sempre desculpaveis no Entrudo ou carnaval, exceto todavia aquela graçola do ceifeiro horaciano, pois é coiza mais facil de fazer que de dizer, ao que dizem as más linguas.

Sem remontar ao periodo classico latino, encontramos na legislação espanhola a proibição de *echar pullas* em geral em versos satiricos, coplas de escarneo e mórmente e n'uma ordenação de 1567 veda-se «decir ni cantar de noche por las calles ningunas palavras sucias ni deshonestas que comunmente llamam *pullas*». Dic. de Cervantes, de Cejador y Frauca.

As mentiras geraram varios proverbios que não necessitam explicação: *Tempo de guerra, mentira como terra. De longas vias longas mentiras* (Uliz. 225) e este poderia exculpar a Fernão Mendes Pinto —injustamente alcunhado o *Mentes? Minto*, etc. (1).

Procurar um pé...

Em geral, costuma dizer-se: *procurou* ou

buscou um pé

para brigar, para levantar contenda ou disputa.

Pé pode ser, sem duvida, o começo, a baze ou

---

(1) As crianças por medo e falta de sizo tanto mentem quanto falam verdade. Dizem-lhes, como avizo, que os sinais brancos que aparecem nas unhas são indicio de mentira, coiza acreditada no Brazil, em Portugal e Espanha, como o rejistra o *folk lore* da peninsula.

Não é muito dizer que as mentiras por segurança se *pregam* como se *pregam pêtas* e *pregam peças*:

O que nos *prega mais peças*
E mais pessoas engana
Quanto a mim são as promessas.

Couto Guerreiro—*Epigr.* CIX, pj. 44.

E já antes em Tomaz Pinto Brandão:

Prégo dourado? seria
Para *mentiras pregar.*

Pinto Renascido—114.

Por isso, os espanhoes dizem *clavar* por *engañar.*

fundamento de qualquer coiza; a fraze, porem, tem outro sentido mais profundo e mais amplo e liga-se a outro modismo mais completo que temos em comum com outras linguas. Na linguajem ha sempre nexos ocultos que constituem a sinerjia da sua propria vida complexa e inteiriça.

Não se busca *o pé,* mas *um pé* a mais, ou *um pé* que faltava: eis o verdadeiro sentido.

E esse *pé* sobejo como os do cavalo do quadro de Velasques pode ser que vagamente se veja aflorar á tela.

E eis mais ou menos o que conjecturo quanto a esse *buscar um pé* que é a iniciação das rixas e contendas.

Antigo modismo castelhano e todavia ainda de uzo é — *buscar cinco piés al gato* — molestar, irritar a paciencia do próssimo por nugas ou pirraças.

No portuguez classico, mas já obsoleto, tivemos esta e outra fraze equivalente: **buscar cinco pés ao carneiro.**

> E como diz o exempro: Guarde-vos Deus de ira do Senhor, alboroto de povo e de doudo em lugar estreito, ella senhora de vós, douda como o são todas as fermozas, *buscastes cinco pés ao carneiro* em querer experimental-a.
>
> *Aulegrafia* — fol. 114 v.

Os importunos acham sempre materia para irritante agravo, e melhor o explica o circumloquio rejistrado no castelhano pelo maestro Corrêas:

> *Buscais cinco piés al gato* que no tiene mas de cuatro.—Nó, que *cinco* son con el rabo.
>
> *Vocabul.* pj. 318.

A cauda servirá de *pé* aos que buscam a todo transe contender. O sentido integral da fraze fica assim restituido, com a perfeita intelijencia do que seja *buscar um pé* para brigar, o qual sempre se acha inda que seja o quinto pé do carneiro ou do gato (1).

Esse *quinto pé* ou *cauda* não foi aqui determinado por mero calculo como o Netuno de Leverrier. Era coiza sabida até dos zagais e pastores do tempo antigo; assim o confirma Pantaleão de Aveiro:

> Os carneiros e ovelhas são muito grandes e todos de *cinco quartos,* como cá dizemos; o *quinto* é o *rabo* o qual algumas vezes é maior e de mais pezo que cada um dos outros.
>
> *Itinerario da Terra Santa,* c. XVIII, 88.

Realmente é dificil, ou m'o parece, deslindar todos os matizes e meios tons que a palavra *pé* eventualmente aprezenta.

Na primeira serie d'estes estudos indicamos como obscura a fraze

fazer pé de alferes

que aproximamos conjecturalmente de *pied d'affaires,* sem todavia dar credito e importancia a essa mera semelhança verbal.

A fraze é dos namorados e fazem *pé de alferes* os que são firmes e não abalam das vizinhanças de suas amadas.

---

(1) Era natural que entrassem depois a exajerar a conta. Em Bluteau rejistra-se o adajio: «Demandar *sete pés* ao carneiro» (s. voc. *carneiro*).

A isso é que alude o poeta absoluto nos *Anfitriões* quando escreve de amores

— Senhor, fizeste-lhe *pé?*
— Senhor si e todo um ano.

I, cena 5.

Repare-se o *todo o anno* que poz pé o enamorado, firme como um porta bandeira.

Na tiorga

Diz-se do que está ebrio ou do que sempre está a opor-se e é teimozo. Parece ser corrupção brazileira de *teiróga* que tambem se diz por *teiró* que é o mais comum.

Basta que *tomou teiró*
De querer mais do que é seu?

D. Francisco Manoel—*Auto* I *jorn.*

— Aborrecem-me! — Quantos?
— Todos. — Que *tem teiró* c'o Lobo todos

Filinto—*Obras*—XIII, 181.

E como isto lhe vem por geração
Lhe ficou por costume em seus *teirós*
Morder aos que provem doutra nação.

Greg. Matos—*Manuscr.* 6 (1).

A *teiró* é o cravo do arado que serve para em-

---

(1) Do soneto que principia:

Um Rolim de *monay* bonzo *bramá*

É de notar que o poeta dá a *teiró* o genero masculino contra o uzo geral.

pecel-o quando ha mister. Como tambem se diz *teiroga,* forma rejistrada desde Bluteau, pode essa etimolojia ser conjecturalmente posta ao lado de *teorica* ou *triaga* que me parecem despreziveis.

De *teiroga* derivaram-se *teiorga* e *tiorga* (1).

***

Não ha sabado sem sol

Escreveu Alberto de Faria (2):

«Porque outr'ora, nos tempos da antiga Grecia pagã, o setimo dia da hebdoma era, como se vê de Hesiodo, consagrado ao astro-rei, ficou em proverbio, diffundida pelo occidente, a affirmação — Não ha sabbado sem sol.

«E o grande poeta espontaneo, que sempre foi o povo, associando-se a outras, da sua sabedoria ingenua, deu-lhe a moldura do verso, leve qual asa de borboleta, risonha qual trissar de andorinha...

Reparai no parallelismo do espirito, que argüem estes tercetinos, vulgares em Portugal, Hespanha e Italia, terras banhadas de luz, onde se revela a alma primitiva, em sobrevivencias tradicionaes:

Não ha sabbado sem sol,
Nem alecrim sem flôr,
Nem menina bonita sem amor.

No hay sábado sin sol,
Ni doncella sin amor,
Ni vieja sin dolor.

Non c'è sabato senza sole,
Non c'è donna cenza amore,
Non c'è rosa senza spina.»

---

(1) Processo igual foi o das derivações *diozo* de *idoso* e outros de que trata a insigne D.ra Carolina de Michaëlis *(Contribuições para o futuro dicion. etimol.* 43-45.)

(2) N'um dos seus artigos avulsos publicados na *Cidade de Campinas* (4 de agosto, 1908). Alberto de Faria tem-se dedicado ao estudo do nosso *folk-lore* com grande superioridade.

A estas palavras acrescento a seguinte interpretação que aliás só de leve diverje da do ilustre investigador:

Seria efectivamente curiozo descobrir a relação que ha entre os fenomenos da atmosfera e os dias da semana. Em verdade, não ha nem pode haver nenhuma; e todavia a ciencia popular afirma-o por um dos seus ditados:

Não ha sabado sem sol

Jorje de Vasconcelos já o repete no seculo XVI nas suas comedias:

> —Mas assim lh'o aconselharia porque quando uma porta se çarra outra se abre, e um ruim ido, outro vindo, e não são obrigados a estar a destro até o dia de juizo, e, como dizem, nem *sabado sem sol nem moça sem amor.*
>
> *Eufrozina,* fol. 49 v.

Como não ha relação necessaria entre o *sol* e o *sabado,* a verdade deve ser outra. Este *sol* é o *dies solis,* isto é, o domingo (cf. o inglez, *sunday,* o alemão *sonntag* (1), e neste cazo a relação que parecia absurda resalta verdadeira, porque não pode haver *sabado sem domingo,* como quem dissera, não pode

(1) E ainda melhor o sabado — *sonnabend.*

haver trabalho sem descanso, ou sempre virá um dia depois do outro (1).

Uma vez obliterada a significação de *sol,* pois os portuguezes abandonaram as antigas denominações gentilicas dos dias da semana (lunes, martes, joves, etc.), era natural que se tirassem amplificações absurdas da fraze popular. Assim:

Sabado sem sol.
Chuva de maior.

Ou ainda:

Não ha *sabado sem sol,*
Nem domingo sem missa,
Nem segundo sem preguiça.

Não ha *sabado sem sol*
Nem rosmaninho sem flor,
Nem cazada sem ciume,
Nem solteira sem amor (2).

E é de ler-se ainda esta quadra que parece confirmar a explicação que proponho, pois que á N. Senhora é consagrado o dia de sabado:

---

(1) Esta sentença ilustra-se ainda em outros ditados:

— Emfim, senhor, *uma hora melhor d'outra; muitos dias ha no ano; e o que não se fez em dia de Santa Luzia, faz-se n'outro dia.*

Ulizipo, II, cena V.

(2) Estes versos populares *apud* A. Pimentel, HISTORIA DO CULTO DE N. SENHORA EM PORTUGAL, pj. 90-91.

Sólzinho, vem, vem
Pela porta de Belem!
Que lá está Nossa Senhora
Que te dá um vintem (1).

N. Senhora espera o sol, como o sabado espera o domingo (2).

***

Não saber pataca

É digna de estudo essa formula enfatica da negativa. Não é nova na linguajem vulgar e foi rejistrada na *Enfermidade da lingua.* Outros exemplos a abonam:

... estou tão cego
Que já *não vejo pataca.*

Fenis ren. III, 94.

Não se canse que *eu não ouço pataca.*

M. Figueiredo. — Teatro — VI, 26.

E em Jesam Barata (J. Batista de Castro):

Seguro-lhes em verdade que lhes *não* entendereis *pataca.*

Recreiação prov. I, 75.

---

(1) *Ibidem,* pj. 111.

(2) Comquanto já no seculo de quinhentos tenham dezaparecido as denominações pagãs dos dias da semana, ainda *martes* indica a 3.ª feira na linguajem popular e com o emprego que da palavra faz o Chiado.

Um *folk-lorista* castelhano, que não tenho agora á mão, busca explicar o ditado referindo-o á esperança e costume das raparigas confeitarem os doces, aos sabados. Parece-me insignificante a conjectura.

O velho Bluteau rejistrando no seu *Vocabulario* esse proverbial modismo sob a forma — *não saber pataca* — dava curioza explicação, derivando-o não do nome da moeda, mas de um hebraismo, o nome do *A breve,* em hebreu *pathach;* de modo que *não saber pataca* equivale a *não saber o A,* se quer.

A explicação é inadmissivel por presupor um proverbio hebraico que não existe e a sua comunicação inveridica aos portuguezes.

Quanto a mim, trata-se aqui apenas de mera amplificação popular do tema de reforço negativo existente em outras linguas romanas, *pas* (passus) como no francez.

D'este tema negativo PÁ foi possivel formar derivações populares como *não saber* PATACA ou *não saber* PATAVINA e não *ter pada:*

> Batina seja sempre em segunda mão, e deixe lá o que diz sentir, porque d'estas coizas *não* entende *patavina.*
>
> *Obras de* Malhão, II, 279 (3.ª ed.)

> — Inteire o pinto
> — Não *tenho pada.*
>
> Filinto — *Obras* (ed. Lisboa) VIII — 121.

Confirma-se esta, indirectamente, com as outras negativas romanicas, exemplificadas no portuguez antigo; por exemplo, **ren** (rien):

> *Nem* dormo *ren,* nem ei em mim recado.
>
> *Canc. de D. Diniz* — 46 (Lang.)

E ainda *point,* na linguajem plebea lembra **nem ponta** e **nem pontada:**

> Cuidais que dormia eu sono? *Nem ponta.*
>
> Gil Vicente — I, 231.

Comendo-me eu logo ó demo,
Se eu mais lavro *nem pontada.*

Idem — III, 120.

referindo-se, respetivamente, ao sono e á costura, com a mesma analojia com que se formou na lingua franceza.

A forma *nada* (rem natam) no francez *rien née,* tambem aparece sob a variante **homem nado** ou *nacido,* ou *mulher nacida,* equivalente a *ninguem.*

Em Gil Vicente

E depois *homem nacido*
Não veiu onde vós cuidais.

III, 33.

E nenhum *homem nacido*
Pode sofrer a metade
Do que eu tenho padecido.

Chiado — *Obras,* 21.

Com a mesma intenção — *mujer nacida* ocorre na *Celestina.*

Mais modernamente se disse — **nem pé de pessoa:**

Começa a correr com os olhos longos o solitario daquellas praias e vendo que não aparece *pé* de ninfa, começa a chorar como uma criança.

Fr. Lucas — *Serão politico,* 136.

Sem haver *pé de pessoa*
Que a briga estivesse vendo.

Fenis ren. IV — 253.

Nem gota:

Não lhe marra ella aqui *gota.*

G. Vicente — I, 257.

Nada de nada:

Não te dê *nada de nada.*

Chiado — *Obras,* 106.

Um corno! expressão baixa e rasteira para indicar absoluta recuza. É provavel que seja a sinteze de fraze mais extensa como é no español e com igual intenção: *Un cuerno con que se abroche!*

Nem talhada (de dinheiro):

Gastar de vós *nem talhada.*

Prestes — *Obras,* 86.

Nem boia, principalmente: *não ver...*

Corra, vizinho, corra-me estes dados
Gritava um delles que *nem boia* via.

Tolentino — *Obras* (ed. Torres) 42.

Aqui para traz das costas (em geral, nunca):
Ocorrem alguns exemplos no *Teatro* de Antonio Jozé, o Judeu. (*Ezopaida*, II, cena 3).

Nem migalha:

Já não quero *nem migalha.*

Prestes, 338.

Nem para jurar (muito pouco):

não vi quinhão
Nem para jurar por elle.

Prestes, 233.

Mas — negativa para opor sem contrariar, com bela enfaze (1).

— onde se criou tal flor?
Eu diria que no céo.
— *Mas* no chão.

Gil Vicente — III, 63.

E a formulilha de evaziva **aqui não está quem falou,** para retratar-se ou sumir-se diante de melhor prova ou autoridade:

— Isso é o que nós dizemos todos
— *Já aqui não está quem falou.*

Figueiredo — *Teatro,* X, 231.

Calem-se vocês todos!
— *Já aqui não está quem falou.*

Ibid. 312.

---

(1) Notada por Julio Moreira.

Estar nos seus treze

É este um dos modismos mais arraigados que se aferrou a quazi todos os periodos literarios da lingua. Entre os quinhentistas:

> Vos sereis de uns sotrancões que roem as unhas e dão com dedos estalos que são tudo malicia e não ha movel-os dos *seus treze*, inda que vos escabeleis ant'elles.
>
> *Aulegrafia* — fol. 103 v.

> Assi que non hajais por das sete maravilhas a vossa reconciliação. Mais foi a destruição de Tebas...— Todavia *se teve bem nos seus treze.*
>
> *Ibid.*, fol. 148 v.

Nos seiscentistas ainda é mais comum e com o mesmo sentido de firme bem estar:

> — Que vos parece *estou eu bem nos meus treze* em pedir não saia a minha luz?
>
> Martim de Miranda — *Tempo de agora* II, 1 (pj. 11).

> Sobre quatorze cartas, vêde agora quem *ficará em seus treze* para poder dizer palavra?
>
> Dom F. Manoel — *Cartas*, 517.

E no conhecido parnazo e rica antolojia dos gongoricos respigo, entre outros, dois exemplos:

> Cavalguei num macho negro
> Que já ser branco podia,
> Posto que *está nos seus treze:*
> Bela idade para ninfa!
>
> *Fenis renac.* I, 242.

Á venda, tomei a posta,
Aonde a vendeira acho,
Se bem *posta nos seus treze*
Sem ter posta de pescado.

Fenis renac. I, 304.

Bluteau explica a expressão referindo-a aos *treze annos,* flor da edade, em que são puberes homens e mulheres e cita a propozito os seguintes versos de um poeta:

Amigo as onze da noite
Bem que o relojio as não désse,
Que é bem não fazer onzenas
Quem quer *durar em seus treze*...

A explanação de Bluteau é incomparavelmente preferivel á que dá Sbarbi no seu *Refranero* espanhol, onde tambem ocorre o modismo, com o mesmo sentido. (1)

Por simples digressão ponho aqui a historia de uns *dados da morte* (sei de ouvida, que nunca os vi) guardados no Castelo real em Berlim. Em tempos remotos, haviam sido dois soldados prezos e acuzados de ter um elles, e não se sabia qual, assassinado uma rapariga que ambos assiduamente cortejavam. Apelou-se, em falta de provas, para o *Juizo de Deus* segundo os costumes barbaros do tempo; e

(1) Sbarbi apezar do interesse grande que desperta a sua coleção do *Refranero* explica muito mal qualquer dificuldade quando se aventura a interpretações. Aqui, acha elle que *trége* encobre a palavra *determinacion* que tem treze letras (!)

um dos acuzados (e este era o verdadeiro assassino) tomando os *dados,* especie de prova a que de acordo se submeteram, logrou deitar *doze pontos.* Não havia mais salvação para o inocente que entretanto, encomendando-se a Deus, fez o seu lance e, ó milagre! um dos dados partiu-se e os tres fragmentos aprezentaram somados o numero *treze.*

Estes são os *dados da morte,* e exprimem o extremo de felicidade que pôde lograr um inocente no seu maior risco de vida.

Mais tarde e evidentemente por influxo extranho o numero *treze* se tornou fatidico. Não sei se pela precedencia ou por um resquicio do antigo favor de que gozava o numero diz o povo em uma das suas trovas:

S. João a 24
S. Pedro a 29,
S. Antonio é a 13
Por ser o santo mais nobre. (1)

***

O proverbio rejistrado em todos os adajiarios portugueses

No açougue quem mal fala mal ouve

é compreensivel quando se torna explicito o valor da expressão *açougue.*

---

(1) Alberto Pimentel—*As alegres canções do norte,* 237.

> Mas agora não deve ser uzada aquela boa *manha do açougue,* que quem bem *diz, melhor ouve.*
>
> D. Francisco Manoel—*Apol. Dial.,* 144.

O *açougue* era das praças publicas a destinada á feira ou mercado.

Hoje o sentido da palavra é restrito ou antes eliptico, porque dezigna especialmente o mercado da carne ou onde se faz o talho d'ella:

soc-al-laham

segundo a transcrição de Eguilaz; *açougue* é pois a primeira parte d'aquella expressão — *as-soco* —, isto é, a praça publica, o mercado ou feira.

Aí, é natural que o vozerio seja grande e ensurdecedor

> Aqui se levantou um *açougue* de vozes, que estando apregoado para pregoeiro da carreira, o desmanchou a desgraça em carpideiro da queda.
>
> *Anatomico Jocozo* II, 156.

***

Amarrar a lata

De *lata ao rabo* como se faz a cães é que se derivou naturalmente *amarrar a lata* omitindo-se por donaire o resto da fraze.

Comtudo apezar d'essa discreta elipse, *amarrar a lata* ganhou um sentido novo que é o de recuza

ou falta de cumprimento de promessa e equivale a *táboa* em pedidos de cazamento.

Este significado novo não podia estar na burla de mau gosto armada aos cães vadios.

A razão é outra.

Tratamos n'este livro em outro lugar com o abono de escritores que havia a forma latina medieval *glattire* que deu *latir* (bater) hoje obsoleto.

E dessa orijem é que se formou *lata,* folha de ferro batido. Ao mesmo tempo vimos que outra forma latina *lattere* (por *latere)* (esconder-se) contribuiu para derivação de varios termos.

Na fraze — *amarrar a lata* — ambas as formas orijinaes se confundem e se influem porque é certo que *lata* aqui envolve o sentido de falta, escuza ou negativa.

Efetivamente, na lingua galega que é um ramo dialectal do portuguez existe *latar* com o sentido de faltar a qualquer prazo, reunião ou encontro. Dizem os galegos *latar* por faltar v. gr. á escola como entre nós dizemos *gaziar* ou *fazer gazeta.*

Latar é portanto escuzar-se, faltar á promessa ou obrigação. D'esse influxo que subsistiu latente no vocabulo é que formamos a locução — *amarrar a lata* — no sentido em que a vemos constantemente empregada. *Deitar a lata* e *latar* estão na mesma equivalencia de *deitar a barra* (... adiante) e *barrar,* frazes populares de uzo quotidiano.

Não se alonga muito de aqui est'outra formula

deitar a marjem

perfeitamente explicavel nas suas orijens latinas. Não é menos certo, porem, que com ella confere a palavra arabica *almarjem* (almarcha).

O *almarjem* dos arabes e que passou a Portugal era o rocio ou pasto de erva onde pacem animais:

> ¿Serão os soldados de cavalo que quando se veem montados em ginetes que não são do seu gosto, lhes dão tal trato que em quatro dias dão com elle *no almargem* e no monturo?
>
> *Arte de furtar* (ed. Garnier) n. 104.

E em Barros—*Decada* IV, 277, «deitar alimarias *ao almarjem*». O senador Candido Mendes em suas eruditas notas ás *Ordenações filipinas* escreve a propozito do tit. 138 do livro V:

> *Almarjio* é andar em *almarjem*, que é a erva que nace nos *almarjeais*, lezirias e lameiros...
>
> *Deitar* cavalo ou outro animal *ao almarjem* é deixal-o, abandonal-o a este pasto ou a qualquer outro, por inutil para o serviço. Hoje se diz *deitar á marjem*.
>
> C. Mendes — *Codigo filipino*, pj. 1315.

O mesmo queria Francisco Jozé Freire, Candido Luzitano que nas suas *Reflexões* (II, 44) aconselha que se diga *deitar a marjem* em lugar de *deitar ao almarjem*. (1)

---

(1) Veja-se a anotação s. v. *almarjem* que escrevi na ed. Garnier, da *Arte de furtar*; no texto, n. 104.

***

Prata de caza

A *prata de caza* é ou pode ser o ultimo recurso, quando não ha moeda; reprezenta a riqueza domestica que a necessidade aconselha gastar por vezes e sem recorrer a estranhos. Por que? Porque primitivamente e antes que a America destruisse a antiga relação entre o ouro e a prata, eram em prata as riquezas, joias, alfaias e baixelas das cazas nobres e principalmente das igrejas. Pouco menor que a do ouro, a valia antiga da prata simbolizava os bens preciozos da fortuna.

Quando não eram mais aceitas as barbas, empenhava-se a prata da caza. E foi largo esse costume de que, nas guerras externas, uzaram e lançaram mão os reis do outro tempo. O costume fez lei mas «a prata da igreja, (diz Gaspar Estaço nas *Varias Antiguidades* LIV, 3) se pode tomar para defender a Fé, mas convem que se restitúa». Assim o fizeram Dom Afonso V e Dom João II e outros muitos. (1)

No teatro, os ditos que, por conta propria, intercalam os comicos, chamavam-se e não sei se ainda se chamam *franjas:*

— Meto-lhe de minha cabeça muita asneira,

---

(1) Damião de Goes — *Cron. de D. Manoel I*, c. 1. Cf. o exemplo da *Arte de Furtar*, c. XXXIX.

a que chamam *franja* e dizem que sou socorrido de bons ditos...

M. Figueiredo — *Teatro* — VI — 33.

Era vezo dos *graciozos* das antigas comedias esses recheios de anexins e disparates, os espirros e o falar fanhozo, a *piada,* isto é, o arremedo de vozes bestiais.

Da mesma expressão *prata* é que vem com algum disfarce, est'outra tão vulgar:

em pratos limpos

«Pôr em *pratos limpos*» é reduzir qualquer negocio ou questão a verdadeira clareza e limpidez.

Se Vm.cê tomasse de cór o que elles dizem de cabeça para m'o *pôr em pratos limpos,* nem vm. podera ter melhor pratinho para debicar, nem eu melhor guizado para comer.

Governo do mundo em seco — Paralogo fol. 12.

A expressão primitiva devia ser

em prata limpa ou limpida

e ainda hoje em lingua castelhana se conserva essa maneira de dizer:

En plata, digo que...

locução equivalente a — *em seus verdadeiros termos,* em *ultima analize* (que é uma formula tomada ao francez), *para falar claro e sem equivoco,* etc. Percebe-se que o sentido da metafora consiste em equi-

parar qualquer coiza embaraçada ou abstruza, ao seu valor, preço e metal. (1)

***

Macaco de cheiro

Macaquinho de cheiro diz-se por escarneo de sujeito pelintra, peralta, petimêtre, chichisbéo, hoje o quazi sempre desfrutavel *smart,* em fim do elegante, perfumado, que tem mais gravatas que miólos.

No seu significado antigo o *macaquinho* era o vidro, caixinha ou boceta de perfumes e essencias, traste inseparavel dos toucadores das damas.

A palavra ao que conjecturo formou-se por derivação de *boceta (bujêta,* esp.) de *buxo,* madeira de que eram feitas ou encrustadas as caixinhas. A esses pequenos artefactos chamaram *bujiarias* (e *monerias,* no espanhol) e logo se estabeleceu a associação de ideas e de forma, entre *bujiaria* e *bujia* ou *macaco.* D'aí rezultou que as *bujiarias* de perfumes passaram a ser *macaquinhos de cheiro.*

A expressão provinha afinal de uma especie de *bugio cheirozo* notado pelos primeiros cronistas do Brazil (Gandavo—399 ed. *R. Inst.)*

---

(1) Para os menos cultos que ignoram a etimologia de *prata,* basta aqui dizer que é um plural neutro de *prato* (como *folha* de folho, *lenha* de lenho: *plata, folia, ligna*—plurais de *platum, folium, lignum)* e conseguintemente a *prata* significa *os pratos.* Não ha pois diferença entre o portuguez *em pratos* e o castelhano *en plata.*

A locução *bugio de cheiro* foi registrada nas *Enfermidades da lingua* de Paiva, 109.

Do *Macaco de cheiro* fala Dom Francisco Manoel quando escreve em uma carta de galanteria:

> Pouco escrupulo me fica de parecer garrido. *Frasqueirinha* de França *com aguas de cheiro?* ui! Senhora! não faça isso.
>
> *Cartas*, 674.

Comtudo a palavra ainda não aparece aí. Encontramol-a com o sentido apontado no *Filinto perseguido* do *Teatro comico:*

> — Senhor Macaco, vá-se embora que já *féde.*
> — Não pode ser que eu sou o *teu macaquinho de cheiro.*
>
> T. Comico (ed. 1792) pj. 35.

E ainda:

> Que o que foi sempre tão boa vazilha se veja hoje tão *macaco!*
>
> *Ibid*, 135.

Hoje o sentido da locução caiu em perfeito olvido, e *macaco de cheiro* é apenas uma fraze de burla e escarneo.

***

A quò

Empregamos essa expressão latina em frazes como as seguintes:

Ficou **a quò**
Estava **a quò**

Como se dissera: — ficou sem saber o que havia de responder; estava completamente alheio á questão.

Os francezes, em cazo identico, dizem *a quia* quando entre argumentadores, ha um que já não tem recursos para a replica; este fica reduzido *a quia*.

> Par hazard disputant, si quelqu'un luy réplique
> Et qu'il soit *a quia*...
>
> Regnier (1).

A expressão portugueza vem do tempo em que toda a linguajem cientifica era latina. «Ficou *a quo*» significa «a quem, para cá, lonje e fora do ponto». Nota-se a locução integral no trecho de carta pedantesca de um medico dialectico do outro tempo, recheiada de vozes da escolastica latina:

> Vim dessa cidade *tanquam à termino* A QUÒ para esta de Burgos tanquam ad *terminũ ad quem*. Vizitei meus parentes *intuitivè, etc.*
>
> *Hora de Recreyo*, Cent. II, n. 84.

Da mesma orijem das escolas são outros latinismos: *per accidens, magis ac minus, formaliter* e inumeros outros.

O termo *a quò* tambem exprimia a dificuldade da navegação de leste oeste, isto é, a medida de lonjitude que nunca se conheceu bem antes dos cronometros perfeitos. Os antigos navegantes não sabiam nunca quanto estavam *a quò;* essa circunstancia podia ter

---

(1) Apud Charles Rozan — *Petites ignorances de la conversation*, pj. 376.

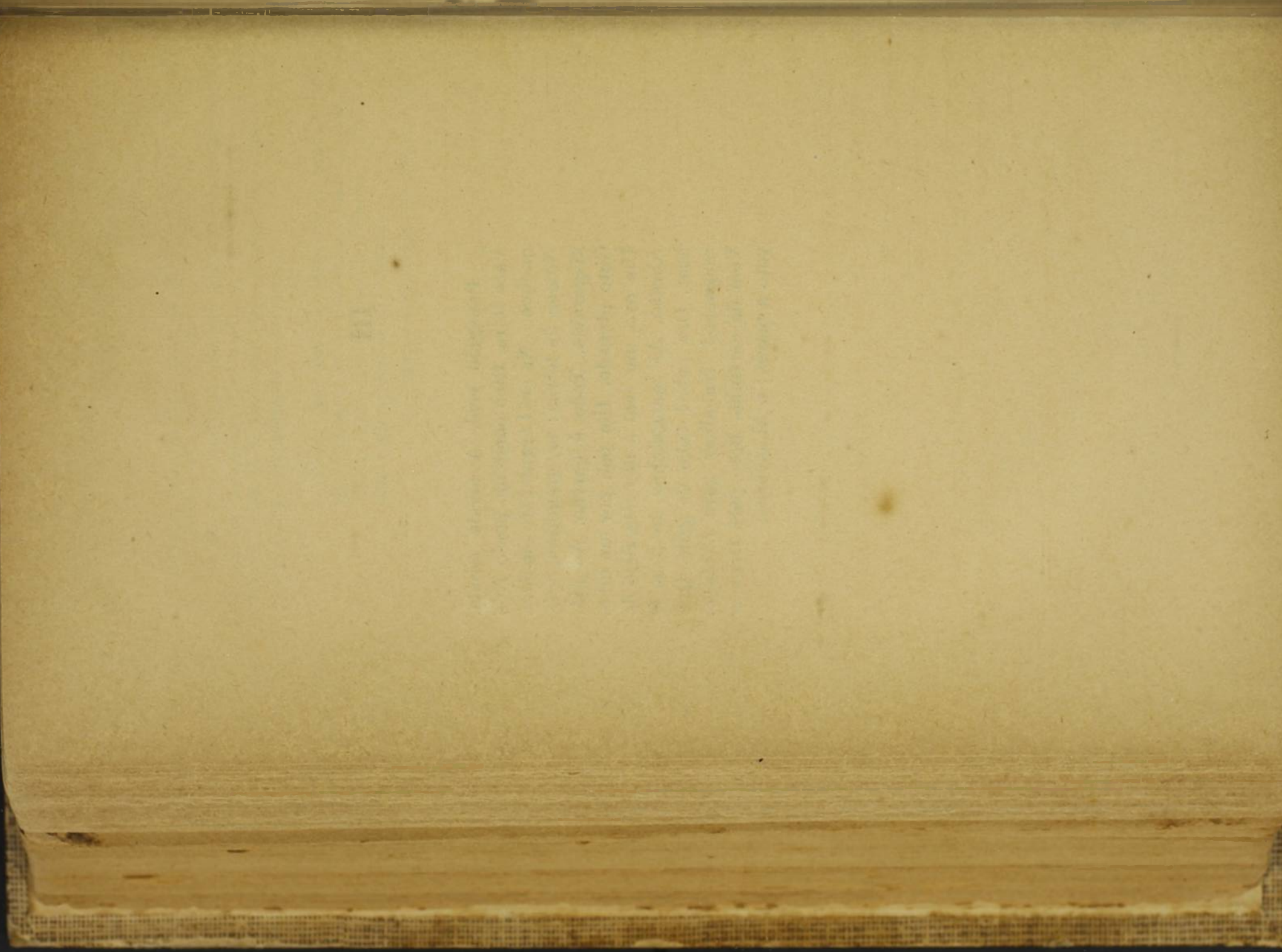
dado maior intensidade á fraze, no tempo em que as navegações eram a preocupação geral de todos.

Muito aparentado a este era o proverbio (ou *exemplo* como lhe chamavam os antigos) a que se refere João de Barros na sua novela de cavalaria. O *ficar a quem d'agua* queria dizer logrado, a marjem do rio sem recursos para a travessia:

> E com este concerto entraram no caminho crendo que ao passar do rio fariam ali detença, e quando chegaram a elle mui apressados acharam o outro *a quem d'agua* (e d'aqui ficou este *exemplo*)...
>
> *Cronica de Clarimundo* (ed. 1601) fol. 19.

III

Papagaio real. A arraia miuda. Vaca loira. Rico como um porco. Nos quoque... Na era! argumento em *dari*. Nomes de letras: *rr*, gregotins, *axis*, xisgaravis. Tudo é carvão. Ao atá. Gato pingado. Um pau por um olho. Um ovo, um real e dez réis. Seio de Abraão. As manguinhas de fora. O azar. Ora cebo! cebo de grilo. Que maganão! Trabalhar para o bispo. Vem de carrinho. Boto para Deus — voto a mares; o Ahasverus.



Papagaio real

Quem não conhece no Brazil a parlenda popular que dizem todos os papagaios?

Papagaio *real,*
Pera Portugal
Quem passa, meu loiro?
É el-rei que vai a caça...
Toca trombeta...

S. Roméro — *Cantos pop.*

E como o *abecê* de todos elles e o que primeiro aprendem.

A fraze, já deturpada, tomou-se ao velho costume da aclamação de Rei novo. A formula antiga é a que se acha, por exemplo, em Fernão Lopes quando o velho cronista descreve a aclamação dos herdeiros do trono. Nobres, alcaides e povo deviam *apregoar arreal* ou *arrayal!* e *tomar voz* pelo novo rei.

«*Arrayal! arrayal! por a* rainha dona Beatriz *de Portugal!*

F. Lopes — Cron. de D. Fernando, 505.

Arreal! arreal! cujo fôr o reino leval-o-á!

Ibid. 506 e 507-508.

Arreal! arreal! por Portugal!

Ibid. 510.

Assim deviam dizer os que aclamavam rei novo, alçando pendão ou bandeira.

Mais tarde no seculo XVI, em vez de *arreal* ou *arrayal,* começou a dizer-se: *real! real!*

Vemol-a, a nova formula, em Duarte Nunes de Leão na *Cronica de D. João I:*

Real, real, por cujo fôr o reino.

Cap. I, 6. Cf. II, 7.

Dizendo em alta voz: *Real, real,*
Por Afonso, alto rei de Portugal.

Luziadas — III, est. 46.

E esta a que hoje se uza. Com ella é que se conformou a saudação ensinada aos papagaios:

Papagaio *real*
Pera Portugal!

A orijem da expressão está em que as aclamações de rei novo se faziam apregoando-se *arrayal,* isto é ajuntamento da gente capaz de guerra, do povo miúdo; e tambem dessa multidão da plebe já se dizia, no seculo XV, ser a

arraya miúda

que ainda agora continua a ser a locução corrente:

> Prendestes-me como non devieis, disse elle, mas pois assi é, leixar viir a *arraya meuda* das vinhas, ca elles me tirarão d'aqui.
>
> Fernão Lopes — *Op. cit.* 510.

Em ultima analize as vozes de sabor arcaico, *Arraial, arraial, por Portugal!* equivalem a *Povo, povo, viva Portugal!*

Arraial (ou *arreal)* assim como *arraia* são vozes arabicas; *arraial* é o povo junto, o acampamento, e *arraia* significa o mesmo que rebanho (arraáya). (1) O *arraial* atesta por um alardo subito o partido nacional mais numerozo e forte.

> O som alto e canoro foi ouvido
> Por todo o *arraial* que esparso estava.
>
> *Destruição de Espanha* — Canto I, est. 76.

Esse grande clamor de orijem politica foi transformado na *parlanda dos papagaios* conservada com poucas variantes desde os primeiros tempos do Brazil colonial.

---

(1) Na geografia e historia do Brazil o nome *arraial* dezignava as povoações tranzitorias criadas pelas *bandeiras* no tempo das primeiras explorações das minas. Ficou na toponimia do sul do paiz. Em Portugal, no seculo XVIII, a palavra é aplicada ao povo junto que frequentava os pateos de comedia. Nos *Censores do Teatro,* comedia de Manuel de Figueiredo, diz uma personajem:

> Ainda o ano passado, supri o papel de Alcmena, de sorte que andava a tombos o *arraial.* Eu meto-lhe então muita coiza da minha caza que é o de que gósta *o arraial:* muito anexin, muita porcaria...
>
> Figueiredo, *Teatro,* VI, 54.

Parece que algumas das variantes foram tomadas a velhas cantigas referentes ás pegas. Pelo menos a de

Papagaio verde
De bico dourado

que lembra a de um pastor da serra:

«Andaba la pega
No meu cerrado
Olhos morenos
Bico dourado.

Gil Vicente, II, 418.

Na *Academia dos Singulares*, se ofereceu uma vez o tema — *A Filis ensinando a falar a um papagaio* — que foi tratado por varios poetas; um romance de Serrão de Crasto repete muitos dos versos tradicionais da parlenda popular:

Quem passa, louro, quem passa?
.....

Vá papagaio real
.....

Para Portugal, dizei.
.....

Dai cá o pé, meu lourinho,
.....

Corrido vai.
.....

Tirolicotico, ufa!
.....

Dizei *tabaréo-réo-réo!*

Acad. Sing. II, 424.

Em Gregorio de Matos, no unico volume publicado das suas poezias:

Meu papagaio, quem passa?
(Mangará) que vai á caça.
.....

O papagaio *real*
Diz que *para Portugal*
Lindamente *dava o pé.*

Obras poeticas, I, 139.

No *Teatro comico* do Judeu Antonio José (na opera, que não é sua, *Os Encantos de Merlim*):

Meu lourinho,
Coitadinho,
Dá cá o pé.

Teatro comico, IV — 252.

Julgo a propozito dizer que o epiteto de *loiro* (lat. *laurus*) no portuguez perdeu o sentido que ainda reunia no espanhol, de *amorenado*, de *côr trigueira* e adquiriu significação quazi oposta quando, aplicado a pessoas alvas que frequentemente são *louras* (deriv. de *aureus*, com referencia aos cabelos). Guarda talvez o sentido primitivo quando aplicado a animaes domesticos, como no Entremez do *Caçador:*

Arreda-te, *malhado*, vem cá, *loiro*,
Pelado, vem aqui; safa, *bizoiro.*

(Ed. de 1784) — cen. I, 1.

Da parlanda dos papagaios pareceria rezultar palavra e fraze curiozissima. Os lexicografos antigos como Bluteau (s. v. *loura*) rejistram a locução popular:

é um vaca loura

para dezignar sujeito necio, desconhecido no lugar. A fraze podéra ser a deturpação da outra

vem cá, loiro

dita naturalmente por vaia aos adventicios e traduzida em *vaca loura:* o desconhecido e novato é como

o passaro ou papagaio verde, da tradição. A mesma fraze mais sintética

cá, loiro!

passaria a dezignar o novato e logo se disse e escreveu como se fora palavra unica — *caloiro* — na giria das escolas. Mas, é minha conjetura, *caloiro* veiu de *vaca loira* e *vaca loira* de *baccalaureus* (baccalaris) o bacharel.

O epiteto de *calvíro* aparece no *Palito metrico* (sec. XVIII) alternado com o de *novatus*:

> Postquam exempta fames epulis, pansæque repletæ,
> In macho intentat rursus montare *novatus*.
> Ægrè arrieirus soffrens hæc ausa *calouri*,
> Crespus & inchatus de pectore talia tirat:
>
> *Da ed. de 1761*, pj. 4. (1)

Rico como um porco

É um ditado que aparece sempre em estilo menos erguido, nas comedias e facecias antigas:

> Sempre me faltaram palavras para louvar a sua benevolencia e sua grandeza no agazalho que por mera generosidade me deu em sua casa logo que cheguei da America *rico como um porco*.
>
> Figueiredo — *O acredor* I, cena 4.

---

(1) Bluteau não conhece o vocabulo. Moraes rejistrou-o diz que se aplica a estudantes transmontanos.

Nos *Encantos de Circe* que anda entre as operas de Antonio Jozé, depara-se o mesmo epiteto:

> — Pois que queres em fim?
> — Queria que fosses *rico como um porco*, já que és feio como um mono.
>
> *Teatro comico* — IV — 141.

A orijem da expressão vem da palavra de apodo — *porco* — que sempre se dava ao *judeu* puro ou converso, e o judeu ao mesmo tempo é sempre rico ou endinheirado.

Aos incréos chamavam *perros* e a mouros e judeus *marranos* (leitões) ou *porcos* (1) porque se abstinham da carne d'esse animal. Os vocabulos *judeu* e *porco* corriam juntos até no proloquio: *A judeu nem a porco, não metas no teu horto,* rejistrado em todos os adajiarios. (2) Maltratar um judeu foi coiza tão comum que dessa torpeza ficou a palavra *judiar* que vale escarnecer.

Não é menos certo que superstições e uzanças

---

(1) A primeira expressão MARRANO é comentada por C. a Lapide, a propozito do versiculo da *Epist. I ad Corinthios* (Si quis non amat Dominum nostrum Jesum Christum sit anathema *Maran atha)* quando escreve: «Errat vulgus quod dici putat *Maranus*, quasi *Mauranus*, id est, Maurus vel Judæus qui abstinet *porcina*, quam vulgus Hispanorum inde vocat *Marana*». Apud Bluteau. Devia ter vindo pela transcrição grega μαραναθα ou ainda provavelmente pelo arabe que tambem tinha *marran*. É no sentido proprio o fujido, transfuga, converso. E justamente esse apodo de «*tornadiço*» era o que puniam as velhas *Ordenações Afonsinas* como afrontozo a judeu batizado (*Ord.* 2, fol. 58).

(2) *Adajios* (de Roland) — pj. 121 e na *Enferm. da lingua*, 145.

de judeus e as suas sovinices inculcavam habitos de pouco aceio, como a de varrer o lixo correndo-o para dentro das cazas; ao que alude D. Francisco Manoel:

> Esperai que ainda ha outras vassourinhas peiores destas, *que como os judeus, varrem para dentro,* por não lançarem segundo delles dizem os bens para fóra...
>
> *Apologos Dialogais,* pj. 273.

Rico como judeu ou *rico como um porco* é tudo um. (1)

E tambem acrece outra razão: é que é sempre dezhorada e postuma a utilidade dos avarentos e dos porcos, tal nol-a pinta a quadrinha peninsular:

> El avariento, amigo,
> Es como el puerco:
> Que a ninguno aprovecha
> Hasta que es muerto.
>
> Marin — *C. populares* — IV, 206.

O italiano diz a mesma coiza, n'um dos seus dialetos:

> Avaro e puorco
> Buono quand' é morto

---

(1) A sociolojia explica perfeitamente de como sob a ameaça de expulsão e confiscação dos bens, os judeus aprenderam a reduzir todos os valores ao minimo volume, isto é, a ouro e pedras preciozas, sempre portateis. Realizavam assim materialmente o aforismo do — *Omnia mea porto mecum.* Esta verdade já transparece na lenda dos judeus cujos ventres estavam cheios de ouro e pedras finas na antiga *Estoria do Imperador Vespaziano* (de 1496) cap. XXII.

***

Nos quoque gens sumus

No seculo XVIII teve grande popularidade um livro de macarronea latina o *Palito Metrico,* escrito e publicado em 1746 por Antonio Duarte Ferrão, (1) estudante da Universidade de Coimbra.

O *Palito metrico* é uma satira e investida contra os calouros ou novatos. Alguns dos seus versos sempre repetidos ficaram em proverbio; este, para exemplo, que é um desabafo do arrieiro em jornada para a cidade universitaria:

Ægrè arrierius soffrens hœc ausa calouri,
Crespus & inchatus de pectore talia tirat:
Nos quoque gens sumus: & quoque cavalgare sabemus.

Ed. de 1761; pj. 4.

***

Na era!

E um modo de negativa muito popular nas rejiões do norte do Brazil que em geral conservam

---

(1) Pseudonimo do Padre João da Silva Rebelo, naquelle tempo estudante de teolojia na Universidade. O *Palito metrico* e outras compozições varias foram reunidas em volume unico a *Macarronea latino-portugueza* que teve muitas reimpressões.

A mais antiga compozição macarronea de autoria portugueza creio que é o soneto *Si dabis mihi attentas tus auriculas* que aparece na Micelanea de Miguel Leitão de Andrada (1629) á paj. 329 da reimpressão. Salvo d'esta conta as rezas latinas dos autos de Gil Vicente.

muitas das formas arcaicas da linguajem portugueza. A quem quer que afirme coiza de si mesmo impossivel, ou duvidoza, costuma-se contestar com o dito

Na era!

como significando: tenho duvidas, não creio, ou não é possivel. A fraze é naturalmente mais aplicavel a computação de numeros, a da conta de anos de edade, sempre aos vaidosos, coisa dificil de confessar. Ao que diz:

— Tenho vinte anos.

Se prezenta ter mais, responde-se:

— **Na era!**

Outros dizem com identica ironia:

— Fora os que mamou.

— Na folhinha.

Aquella resposta foi já rejistrada na pequenina coleção de Silva Vieira (1) nos seguintes termos:

> Ás vezes discute-se quem é mais velho entre diversos e um *mais doutor* diz que é o que tem menos anos. Ao silencio semi-incredulo dos ignorantes responde triunfantemente·
>
> — Na era.

A explicação da fraze, suponho eu, remonta aos antigos tempos quando era costume assinalar

---

(1) *Folk Lore* (1.ª serie) *Coleção Silva Vieira,* Espozende, 1892— No. 4, pj. 33.

duas datas, com a diferença de anos entre a era nova e a que foi uzada, a de Cezar, até 1422.

D. João I seguindo o exemplo de Castela e Aragão, mandou que fosse esta substituida pela do Nacimento de N. S. Jezus Cristo e consta da *Ordenação velha, l.* IV, *tit.* 51. A diferença entre a era de Cezar e a do *Senhor* é de trinta e oito anos cabaes. Os que negam a edade ás vezes lançam a barra ainda mais lonje. (1)

Uma referencia ao antigo calendario aparece n'um jogo popular:

Era, não era,
No *tempo da era,*
Tres.....
N'uma panela
E mais para ella
Que são para dar
Ao primeiro que aqui falar
Fóra eu... (2)

Na peninsula a expressão — *era,* é antiquissima, com o mesmo sentido que tem hoje, pois da dezignação de tributo *(æs)* passou á computação do tempo. (3)

---

(1) Da computação dos tempos e datas tratam varios escritores, precipuamente João Pedro Ribeiro nas *Dissertações cronolojicas e criticas,* vol. II, monumento da erudição portugueza.

(2) T. Braga — *O povo portuguez,* I, 335.

(3) S. Izidoro nas suas Etimolojias, V, 36 diz a este respeito: «Era singulorum annorum constituta est a Cæsare Augusto, quando

Silojismo ou Argumento em dari

A locução *silojismo em dari* tornou-se outr'ora popular na Espanha e em Portugal e foi tomada dos preceitos da antiga Lojica.

Rejistra-a para o castelhano o maestro Gonzalo Correas no seu *Vocabulario de Refranes* e encontramol-a, p. ex., na *Ninfa Siringa* que anda com as obras de Antonio Jozé no *Teatro comico* (vol. III, da ed. de 1760, pj. 157) e em outros lugares.

Nesta fraze hoje de nenhum uzo, *dari* está por *Darii,* e faz parte do verso mnemonico dos antigos compendios de Lojica:

Barbara, celarent, Darii, Forio, Baralipton.
Et cæt. (1)

A palavra *dari* faz lembrar o vernaculo *dar* (pancada) e por isso se vulgarizou o *silojismo em dari.*

---

primo censu excogitato, Romanorum orbem descripsit. Dicta autem *æra,* quod omnis orbis *æs* reddere professus est Reipublicæ.»

Ambrozio Calepino repete-o quazi pelas mesmas palavras. Veja-se ainda a *Silva de varia Leccion* de Pedro Mexia, Madrid, 1673, pj. 355.

(1) N'este verso que abranje diferentes especies de silojismos as vogais *A, E, I, O,* representam *A* a propozição geral afirmativa, *E* a geral negativa, *I* a parcial afirmativa e *O* a parcial negativa. Donde se conclui que o silojismo em *Darii,* consiste em propozições das especies A, I, I, ou

Uma propozição geral afirmativa:	Todo animal sente.
Duas parciais afirmativas	Alguns seres são animais.
	Alguns seres sentem.

Nomes de letras

Uma das letras mais significativas é o **R**, que equivale ao *rr (erre)* e não o *r* brando intervocalico.

Foi por isso utilizada para indicar firmeza, pontualidade e força.

Em outra serie d'estes estudos indiquei o valor da fraze — **com ff e rr** — que se uza geralmente como indicio de precizão e acabamento.

Tambem era comum dizer-se **estar em erre** ou **estar erre** em alguma coiza, para significar de propozito e resolução assentada, e tambem o *risco* que se corre em qualquer conjunção grave.

Com este sentido escreveu Jorje Ferreira:

> Sobre isso fez-se-me tão grave que ESTIVE EM ERRE de levar-lhe as toucas nas unhas.
>
> *Aulegrafia* — fol. 14 v.

Ainda outro exemplo ocorre no *Auto do Procurador* de A. Prestes:

> Morreu-me uma besta minha:
> Que assi haja a benção della,
> Senhora comadre, que ella
> *Me poz n'um erre* e n'um prazo
> De trazer por ella vazo
> Por que tinha uma filha n'ella.
>
> *Obras* — 138-139 (1)

(1) O texto da ed. de Noronha diz *erro* por *erre*, e creio que não foi apontado por Epifanio Dias, pois que segundo as suas indicações corriji o meu exemplar da edição moderna.

A locução era em comum com o castelhano onde ha outras variantes de forma e de sentido. (1)

Mais recente é o sentido que **R** tem de reprovação:

Levar um *erre*

ser reprovado em exame, segundo a jiria das escolas.

Tambem é conhecido dos eruditos o sentido antiquissimo da letra **O** na expressão

Nossa Senhora do Ó

que parece extranho a muita gente. Aqui é a interjeição.

> «E a festa de N. Snr.ª da Expectação do Parto, assim chamada das sete antifonas do *Magnificat*, que começam por *O*, sete dias antes do Natal. *Ó Sapientia* etc. *Ó Adonai* etc. *Ó Radix Jesse! Ó Clavis David! Ó Oriens! Ó Rex gentium! Ó Emmanuel!* Todos estes *Oo* são vozes significativas do dezejo com que os profetas anelavam a vinda do Messias.» (2)

Nome de duas letras é o **grego til** *(i grego, til)* que são as ultimas do alfabeto uzual.

---

(1) «Estar *erre* = pontual y firme.» «Estoy *erre* todos los dias en la licion = assisto con pontualidad.» En outro cazo: «Esta *erre* = borracho». Gonç. Corrêas — *Vocab.* 533, 535, 536.

(2) É de Bluteau. E daí tambem se orijina a expressão — *ós* — para indicar a comezaina com que se festejava a expectação do Natal desde uma semana antes. Rejistra-o Morais.

E sabei que ainda que queiram não passam
do y grego til.

Eufrozina, fol. 116 v.

Destas vozes formaram as palavras *gregotil* e *gregotim*. E desta ultima por equivoco (buscado entre *grego* e *latim*), diz um poeta:

.....
Entre gabos o triste idiota
Tão pago se mostra dos seus *gregotis*,
Que nacendo sendeiro da gema,
Quer a fina força meter-se a rossim.

Gregorio de Matos—I, 177.

A letra X tambem enriqueceu a frazeolojia idiomatica com algumas expressões:

Não ter uma de *Xiz*

é não ter sequer uma moeda de *dez réis* que outr'ora traziam no cunho a letra numeral X (moeda portugueza).

Mais antigo e importante é de certo o dito

a—xis

que ocorre nos antigos escritores portuguezes, conforme o atestam os exemplos das comedias de Jorje de Vasconcelos:

—Nunca essa morre ao dezamparo: e seguro que sabe ella já o *ax*.
—E o gregotil tambem.

Ulizipo; II, cena 8.ª

> Sonham sempre derivações e boas respostas: inventam motes mais remoidos que o *ax* dos rapazes.
>
> *Ibid.*; IV, cena 7.ª

O *axiz* ou *ax* é o alfabeto ou como dizemos agora mais vulgarmente o *abecê,* quazi nada, o principio das coizas. E por isso disse o Chiado n'esta copla:

> E com tudo sempre quiz
> Estar firme no que espero;
> Ó mau cão, que se me viro
> Far-te-ei tornar ao *axis.*
>
> Chiado — *Obras,* 187 (1)

Em Portugal é provavel que ainda seja conhecida porque o escritor plebeu Jozé Daniel Rodrigues da Costa dos primeiros decenios do seculo XIX ainda escreveu na Farsa a *Caza de pasto* reprezentada no teatro do Salitre:

> — Quando v. m. pegou no *a. x.*, ja eu tinha de cór a Arte de Manoel Alves e ninguem soube, como eu, as petas dos arrieiros de Coimbra.
>
> reed. 1843 — pj. 4.

Outra expressão ainda tomada a mesma orijem é a de

---

(1) A explicação que em nota á sua ed. do Chiado dá Alb. Pimentel: («*Axi* é a pimenta da Guiné; equivalerá isto a dizer: — far-te-ei fugir para entre os teus») é de todo improvavel diante dos exemplos citados acima.

xis — garavis

que aparece no seculo XVII e significa segundo Bluteau o entremetido ou intruzo ou o que vai aonde não é chamado.

Não é muito comum. Conheço um exemplo de Fr. Simão de S.ta Catarina nas *Orações academicas;* refere-se a ignorantes:

Uns certos *xisgaravis*
Em quis vel quid doutorados,
Ludibrios da natureza
E do Momo vis retratos.

Querem que seja a Poezia
De loucos infeliz parto...

Orações acad. 238.

O mesmo sentido lhe dá Gregorio de Matos na sua satira «A um homem humilde que se meteu a fidalgo»:

Alerta, homens de ciencia,
Que quer o *Xiz-garaviz*
Que aquilo que vos não diz,
Por lh'o impedir a rudeza,
Avalieis madureza,
Sendo ignorancia traidora.

Obras — I, 131.

E do mesmo poeta outro exemplo:

Diz que um *Chis-garavis* deitára á luz,
Morgado de um presbitero montez...

Mscrito, fol. 7 (1)

(1) De um manuscrito que possuo do poeta por letra do seculo XVIII.

A palavra primitiva *garavim* (deriv. do rad. *carabus,* como caravela, *crabbe* garabulho, etc.) dezignava bordados, toucados, cabelos entretecidos, lembrando o z da letra de mão. D'aí a fraze *garavotil* que aparece na *Benteida* de Andronio Laxaed (pseudonimo de A. de Lima):

> Um ninguem me agravou: esta rezinga
> De tão pouco naceu, que é de um magano
> Que será, a ter carater que o distinga,
> *Garavotil* do abecedario humano.

Tudo é carvão

Foi adajio antigo — *tudo é carvão* — tomado ás historias fabulozas de tezouros ocultos que uma vez descobertos *em carvão* se converteram. A fabula que está no *folk lore* de todos os paizes vinha já da antiguidade: ilustra-a e explica-a a seguinte passajem de Fr. João de Ceita:

> «Antigamente se costumava enterrarem-se os tezouros *com muito carvão* por diviza: soterravam suas panelas de moedas velhas e metiam a certas parajens muito carvão pera diviza e sinal da caza.
>
> «Dá a cauza S.to Agostinho (L. 5 *de civ. Dei)* porque se acha ser coiza incorruptivel e conservar-se na forma de carvão por muitos tempos e seculos. Donde veiu Luciano a dizer: *Thesauri carbonis erant.*
>
> «D'aqui vem tambem o adajio portuguez: *Tudo era carvão.*
>
> *Sermões* ed. 1635) — fol. 183.

A mesma idéa repete-se nos escritores antigos e modernos:

Parece que esta abuzão
Tem prezunção,
E olhai que isto ha de ser;
Foi-lhe chamar canzarrão
Tornou-lhe, o que deu, *carvão.*

Prestes — *Obras,* 420.

— *Carvão quero,* á que d'el-rei!
Acodi, filho!
— Que é isto?
— É o anti-Cristo.

Ibid. 419.

O carvão foi naturalmente utilizado para impedir a oxidação ou corrupção do brilho dos metais escondidos; mas quando interveiu o diabo, foram reduzidos tezouros e carvão á mesma infima especie.

Mas depois que entrei em mim
De pressa o soneto agarro
Antes que *em carvão se torne*
Como tezouro encantado.

D. Franc. Manoel. (1)

O adajio portuguez — **tudo é carvão** — de que fala Fr. João de Ceita caiu totalmente em dezuzo,

---

(1) Nas suas *Obras metricas* e ainda no tomo V da *Fenis Renacida* pj. 384, da ed. de 1728. Outro exemplo em Antonio José

— Eu, senhor, não se me dá que se te *torne em carvão* a pelle de oiro, que eu sempre hei de forrar a minha pelle.

Encantos de Medea — II, cena 1.

ainda que estejam vivas na imajinação popular as historias dos tezouros escondidos que em carvão se desfazem.

Nenhuma analojia tem com a precedente a locução que tanto se repete agora:

a fé do carvoeiro

para especificar a fé do homem simples e que só acha razão em si mesma. É expressão recente e veiu do francez. Aqui em nota (pois que só tratamos das locuções idiomaticas) damos a explicação conhecida:

«Un charbonnier estant enquis par le diable de ce qu'il croyoit, luy respondit: Toujours je crois ce que l'Église croit.» De la est venu que etc.

Fleury de Bellingen — *Étym. des Prov.* 252.

Ao atá

E locução muito uzual ao norte do Brazil, esta de

andar ao atá

e quer dizer andar ás soltas e sem destino, sem norte ou direção. Mais restritamente dizem dos carangueijos que na epoca do cio saem numerozos das tocas e *andam ao atá,* com o que facilitam a pesca.

Atá é uma voz indijena tupi e guarani que significa exatamente *andar, passeiar.* Parece que sôa tambem

andar *a-atá*

de *a-atá* se fez *ao atá* e não raro se confunde com a locução vernacula *á toa,* pela semelhança de sentido.

Tinhamos já no lexico não pequena riqueza de

expressões para esses cardumes e enxames temporarios, *pragas* de insetos e *correição* de formigas quando criam azas:

Ali entra a fradalhada
Qual formiga *em correição.*

Greg. Matos — *Obras*, I, 71.

e a *zelação* (exalação) de estrelas, bolidos e aerolitos.

***

Gato pingado

Em sentido corrente o *gato pingado* é a pessôa sem meios, pobre ou mizeravel.

A expressão atesta um costume barbaro que era o de castigar os escravos negros e moiros com pingos de gordura fervente ou com o azeite das candeias acezas.

Com essa significação diz Gil Vicente na comedia de *Rubena:*

— Ó t... de p... sandeu
Pela hostia consagrada
Que merecias *pingado.*

II, 34.

E em outro lugar:

Ouvide ora o rasca piolhos,
Azeite no micho!

Ibid. I, 176.

O mesmo no Chiado:

O sino é já acabado,
E a justiça anda agora
Nos outros de caza fora.
Cada um merece *pingado.*

Obras — 145.

Nas obras postumas do *poeta cego,* José de Souza, ha bem explicita e clara a aluzão ao barbaro castigo:

Fervente azeite lhe escorro,
Bem no meio do espinhaço;
E porque enterrava o sonho
Fiz d'elle *gato pingado.*

(Ed. de 1746) pj. 170.

Por analojia com este castigo e o contratempo das pessoas que em acompanhamento de enterros pobres levam as tochas, ou o esquife, áquellas chamam de *gatos pingados.*

Na sua curioza parodia *Aldeia na Corte,* Bento Antonio, com pouca diferença define o termo:

Gatos pingados são os que levam o esquife com os pobres mortos.

Ed. 1750 — pj. 210.

***

Hoje costumamos aplicar de modo que me parece inexato a fraze

um pau por um olho

para indicar a conveniencia de adquirir ou comprar qualquer coiza que se oferece a baixo preço.

É pois caroavel que a expressão se acompanhe de outras de egual teôr:

> Custa uma bagatela. É uma pechincha. Um *pau por um olho.*

O sentido, porém, da fraze não se relaciona ao preço, mas á evidencia. É o encarecimento habitual dos que insinuam ou mercadejam; é o que *salta aos olhos,* e *se mete pelos olhos dentro,* e de tal arte que exclui maior exame ou cuidado.

> Não é coiza de cuidado; *é só um pau por um olho.*
>
> Antonio José — *Teatro comico,* I, 454.

E o que suponho significar e n'este parecer me confirma outro modismo vernaculo tambem rejistrado nos dicionarios castelhanos:

> «*meter una cosa por los ojos* brindar con ella afin de que uno la compre ó acepte.»

Tivemos e ainda temos a expressão antiga que se relaciona a barateza e preço vil das coizas:

um ovo por um real,

está em varios autores:

> Vendi minha lavrança
> *Um ovo por dois reaes;*
> Um cabrito, se se alcança,
> Té quatro vintens, nó mais.
>
> Gil Vicente, I, 253.

... Mas achei
Que era o simbolo em carne dos Teatros
No gosto portuguez; comprou *um ovo*
Por um real
M. Figueiredo — *Teatro*, VI, 206.

Fez dar muita rizada o dezafio
Á dama que festeja o bom mercado,
De *ovo por um real*...
Filinto Elizio — II, 73.

Outra expressão analoga é a que se declara do *meio vintem* ou *dez réis de mel coado*, etc. Assim, no *Auto do Mouro encantado*:

Por *dez réis* de sem-sentido
Por vós dou mil de sezudo.
Prestes — *Obras*, 351.

Sapo concho! furão! lagarto em toca!
Meio vintem! singuinho! bazaruco!
P. inéd. de Th. de Noronha — 4.

E daí ainda o ditado popular que se exemplifica no entremez em versos dos *Encantos de Escapim* (ed. de 1791):

Quem nasceu para o dez réis
Tarde ou nunca ao vintem chega.
Senhora Arvore, perdôe...
cena II.

Seio de Abraão

Ha muita gente que fala no — *Seio de Abraão* — como lugar de delicias, sem definir talvez o que seja esse quasi paraizo imajinado pelos teologos, como reparação devida a certos santos que não podiam ter entrada no céo.

Ao *Seio de Abraão* era que se recolhiam as almas dos amigos de Deus, dos velhos santos da antiga lei, o santo Job, o santo Elias, e todos quantos precederam a vinda do Redemptor.

Depois da vinda do Christo naturalmente se fechou e para não mais abrir-se o *Seio de Abraão.*

Pouco importa que não haja inferno, céo ou o inutil *Seio de Abraão.* O purgatorio, a mais genial invenção financeira que jamais houve, sustentará a Igreja *per omnia sæcula sæculorum.*

Botar as manguinhas de fóra

É assim que costumam agora dizer de pessoa encolhida sonsa e dissimulada que sorrateira e subitamente se revéla:

pôz as manguinhas de fóra

No tempo das capas tinham grande serventia as *mangas.* A expressão, porem, tem outra orijem. Basta considerar as suas variantes diversas, como por exemplo a que é ainda muito repetida: *pôr as unhas de fóra,* ou antes, *pôr as mãozinhas de fóra,* que é como se lê no *Anatomico Jocozo:*

> Digo que tendes uma proza mui timorata; por que, por mais que lhe grite o assunto, nunca *bota as mãozinhas de fóra.*
>
> *An. Joc.* I, 214-215 (ed. de 1752).

Não será necessaria maior ilustração que a que, no mesmo sentido nos dá a nossa mesma lingua, no modismo hoje menos uzado:

> Ora, lembra-me agora que estando Eva no paraizo, a saber encomendando-se a Deus, re-

> zando pelas contas como *deitou as manitas de fora* e olhou d'aqui para ali e d'ali para aqui, e de lá para cá e de cá para lá, logo o diabo a enganou.
>
> *Verdadeiras Bernardices*, 131. (1)

D'aí se depreende que *deitar as manitas* ou as *mãozinhas* sujeriu a expressão mais corrente de *deitar as manguinhas*.

Quem *deita as mãozinhas* de fora está perdido ou o diabo o engana.

A orijem deste dito provem de uma das historias mais antigas do mundo, a de *João* mais *Maria* que perdidos na floresta e prizioneiros de uma velha feiticeira foram por esta encerrados sob caixão ou arca e deviam mostrar-lhe os dedos ou as mãos por onde a velha havia de conhecer se estavam gôrdos e bons para serem devorados.

Não convem, conseguintemente, *pôr os dedinhos* ou as *manitas* ou as *manguinhas de fora*. (2)

Ter azar!

O *azar* é a má fortuna, a mofina, (o *caiporismo* como dizemos nós) ou a infelicidade, no jogo.

---

(1) Veja-se a noticia que dei a respeito deste antigo e curiozo livro de facecias.

(2) O conto *João mais Maria* foi colhido da tradição oral por Silvio Roméro — *Contos populares*. Temas mais completos dessa historieta encontram se nas versões européas *Hänsel und Gretel* dos alemães e outras. Tratou da versão brazileira o dr. Oskar Nobilin (Almanaque Garnier, 1907, pj. 232).

Ter azar é o contrario do *ter sorte*.

A expressão indica um dos quatro pontos dos dados de jogar que uzavam os arabes: *chuque, carru, taba* e *azar*.

Lançados os dados, quem lhe saiu o *azar*, perdeu.

Com o mesmo uzo de hoje é o que está em Jorje Ferreira:

> —Estou ervoado da cabeça.
> —Não seja vinho...
> —Elle não se dá de graça e o dinheiro *tem azar* comigo e foge de mim.
>
> *Aulegrafia*, fol. 23.

A forma *azara* menos commum vemol-a em Gil Vicente no dialogo dos judeus:

> Que falas? que falas? *azara* te veiu?
>
> *Obras*, I, 343.

Nas mesmas circunstancias, ao *azar* dos dados os romanos chamavam *canis* (1) e ao bom lance *Venus*. Nos antigos jogos portuguezes ao *azar* opõe-se o *encontro*.

---

(1) Não creio que exista vestijio d'essa expressão latina. A palavra plebéa (que não encontro nos dicionarios) *encanzinar*, ficar com raiva de cão, explica-se melhor pelo sentido literal de *cão* do que pelo *canis* ou *azar* dos dados que é já uma metafora. De analoga imajem e metafora é que se fizeram *emburrar* (estar com o *burro*; Morais, *Dic.*) *amuar* (mú), *embezerrar* e outros.

A má sorte, desventura ou mofina tambem se expressa pelo ditado francez — *cair de costas e quebrar o nariz* — que já corre em linguajem.

Em cazos identicos diz Gil Vicente na comedia da *Nau de Amores:*

Eu senhor, vos digo eu
Que vou sempre por espinhos,
Se o bem tem mil caminhos
Acerto o que não é meu,
E vou cair de focinhos,
Inda a chuva está no ar
Quando eu cá escorrégo...
.....
se arma a rede aqui,
Saltam-lhe os peixes por cima.

Obras, II, 315-316.

***

Ora cebo! cebo de grilo!

Frazes se formam de outras frazes ou por analojia de sentido ou por mera associação muzical.

Este ultimo processo de formação ainda que mais discreto não deixa de ter exemplos.

Em — *ora, cebo!* — trae-se a fraze orijinal que devia ser — *ora cebolas!;* já foi notado na primeira serie d'estes estudos que *cebola* indicava coiza minima, insignificante, pela sobriedade da alimentação que representa, e ainda por isso ao homem tolo, rustico e simplorio se chamava *cebolo,* que tem a cabeça para baixo do solo.

O' Jesús, como és *cebolo!*

Gil Vicente; III, 48.

E nos autos do Chiado:

Tem tamanha fantazia!
Tam parvo e tam *cebolo*
Sem cabeça e sem miolo!

Obras — pj. 122.

Depois ainda, Simão Machado escrevia:

— Xo!
— Xo! eu não sei onde estou
Que tanto sofro a um *cebolo!*

Comedia Alféa, 136.

D'aí se tirou *ora cebolo! ora cebo!* e *ora cebolorio!* da jiria e linguajem plebéa (1).

Esta mesma interjectiva acreditou outra de orijem diversa:

cebo de grilo!

para indicar qualquer ninharia e por escarneo. Vem da forma que é de uzo mais frequente *cêvo* ou *isca* que se deita a certas armadilhas chamadas *grileiras* (2).

Comtudo, a forma *cebo* com o sentido uzual de *cevo* tambem era empregada. Disse Manoel Tomaz, o seicentista:

---

(1) *Cebolorio* de *cebolo*, como *simplorio* de *simples*.

(2) Esta *grilleira* rejistrada no *Dicionario* de Candido de Figueiredo.

Não correu traz dos pomos Atalanta
Enganada no *cebo* de ouro fino

Fenis da Luzit. — c. 1, est. 51.

Tambem é certo que andar um homem a *pão e cebola* (como se explicou na primeira serie) é o mesmo aperto e necessidade que pode suceder á *rapoza quando anda aos grilos.*

***

Que maganão!

Parece que só se aplica a certos sujeitos molherengos que andam por altas ou rusticas cavalarias. E como o rei de todas as cavalarias foi sempre o assaz famozo Carlos Magno que o povo chama *Carlos Magáno,* dir-se-ia que d'aí vem essa saudação pouco angelica á boa fortuna dos Lovelaces:

Que maganão!

Trata-se aqui de conquistas e ninguem as *maganeou* tantas como o grande imperador do ocidente. *Maganão* dá qualquer idéa de grandeza, é irrecuzavel. A coiza porém é muito outra. Até hoje ninguem achou a etimolojia da palavra. Os lexicos definem: *magana* — a meretriz e *magano,* o que as frequenta, o impudico e lascivo.

Na poezia ou nos romances não é raro topar com a impudicicia marota de uns *olhos maganos.* Em ocazião de perigo gritou Gerardo Escobar:

Áque d'el-Rei que me matam
E quem me mata não vejo
Uns filhos da p...; uns *olhos*
Tão maganos....

Cristaes d'alma, pj. 47.

E ainda em outros lugares da mesma novela. Em uma peça de Correa Garção:

Este *magano*
Nos lances amorozos é um pasmo!

Obras — II, 72.

Conjeturo, quanto as orijens, que a palavra primitiva — *magana* — meretriz, provem do gotico (magaps) da mesma raiz de *magd, mädchen,* rapariga, moça e criada. Parece confirmar essa conjetura o facto de que *magano* significa criado, rapaz de ganho ou de frete, mariola, e como ha o vezo de chamal-os á fala, sem maior consideração por assobio, tambem pôde ainda dizer o mesmo Escobar:

Maganaços de assobio...

Cristais, pj. 47.

* * *

Trabalhar para o bispo

Trabalha-se pelo pão cotio, para ganhar o sustento e a vida. Ha ainda quem trabalhe para a gloria que é aereo e subtil proveito; mas ninguem mais quer

trabalhar para o bispo

que vem a ser o mesmo que trabalhar sem lucro, sem gloria nem proveito. A expressão orijina-se de antigos costumes medievais; da extorsão e corvea que faziam nobreza e clero sobre os mizeros vilões. Pagavam-se varios tributos *mortualhas, colétas* e principalmente as *terças* que as havia pontificaes para a mitra e reaes para o trono. Muito tem custado o paraizo a quem trabalha.

Para conveniencia e facilidade da cobrança fiscal em certos e determinados *dias trabalhava-se para o bispo,* ou para o *mosteiro* ou quem quer que fosse.

Em Italia havia, como pelo resto do mundo, a mesma aladroada arte de dirijir e bem aventurar os povos; na Toscana, formou-se o proverbio que rejistra Pico de Luri:

pescare pel proconsolo

que corresponde ao nosso *trabalhar pr'o bispo.* Um antigo majistrado de Florença, o *proconsul* tinha o beneficio de toda a pesca entre as duas pontes do Arno, e assim nasceu o adajio e não morreu nunca mais (1).

---

(1) E la cagna frettolosa,
Dice il proverbio, fa i catellini ciechi:
E chi pesca, ed ha fretta, spesse volte
Piglia de' granchi, o *pesca pel proconsolo*
Salviati (apud P. Luri, 103).

Os francezes tem igual proverbio que não pode ser antigo —

Vir de carrinho

Para cá, vem de carrinho parece ser nova adaptação da formula que se depara em Antonio Prestes e talvez mais antiga — *vem de mula:*

> Pera confeitos me empraza
> Vossa mercê? *vem de mula.*
>
> *Obras* — 212.

E ainda, em outro lugar:

> Ora em fim
> Não me vem buscar a mim.
> Foi na *mula?*
> — Em *mula pé*
> — Ha *mulas pés?*
> — Senhor, sim.

Vir de carrinho ou *de mula* é por ironia vir a pé. No *Reino da Estupidez* a carruajem ou trem chama-se *carrinho*:

> O estrondo que faziam nas calçadas
> As fumegantes rodas de um *carrinho*
>
> Canto II.

Era o *carrinho* do bispo com os seus quatro lacaios.

Os fizicos ou medicos do alto das mulas escrevinhavam as receitas como em consultorio ambulante;

---

travailler pour le roi de Prusse; foi atribuido a Voltaire. Veja Rozan — *Petites ignorances de la conversation* — pj. 105-109.

prezumo que assim era por um conto ou epigrama de Tirso de Molina:

A um pobre doente que sofria de postema encoberta, receitava o doutor um remedio «para hidropezia». O pobre homem aprossima da mula afim de entregar ao medico a pena com que este firmava o recipe; a mula que era ardega assentou-lhe em cheio a ferradura com o que a postema rebentou.

> En postemas mas acierta
> La mula que no el doctor.

A ironia da fraze — *vir de carrinho* — inculca a negativa e formal recuza. *Para cá vem* de carrinho ou de mula, isto é, por mais rico e guapo que venha, nada conseguirá. Ainda o povo diz mais sinteticamente em duas palavras para indicar a repulsa: *Para aqui!* e assim está em Antonio Jozé, por boca de Sancho Pansa:

> Diga-me vossa mercê que me meta eu n'outra cova! *para aqui!*
>
> *D. Quixote* — 1, cena 7.

«Eu não sou como pé de exercito, porque vou sem carruajem» — diz Frei A. das Chagas na sua *Vida* escrita pelo P. Manoel Godinho. (1687) pj. 77.

Em geral, os *doutores* e pregadores da caza real como convinha a decencia d'elles, tinham *mula* e *mula ruça*. A este propozito lembrarei o parecer do quinhentista João Afonso de Beja publicado na

Filozofia dos Principes II, 148 *segu.* onde se conta a anedota de um «Juzarte Viegas a que chamam o Bracarense que se chegou um dia a el-Rei que Deus tem e disse-lhe: Senhor, fazei-me mercê de *dinheiro para uma mula,* que parece mal o vosso pregador andar a pé: respondeu-lhe el-Rei gracejando — Eu não tenho dinheiro».

Recorde-se ainda aqui o *macho ruço* de que figura o testamento no Cancioneiro Geral de Garcia de Rezende.

Botar para Deus

É costume ainda mórmente ao Norte do Brazil onde melhor se arraigaram as tradições portuguezas, uzarem os inocentes ante acuzação injusta do protesto

bóto p'ra Deus

quando só Deus pode confundir a calunia e os falsos testemunhos. De invocação passou a praga terrivel.

Os antigos diziam — **Voto a Deus.**

— Jesus! senhora comadre!
— Digam quem são? *Boto a Cristo!*

Fidalgo Aprendiz — III jorn.

Mas mandardes lhes faça eu os tercetos
Isso não farei eu, não *boto a Cristo*
Mas crêde....

Dom F. Manoel — *Obras* — II, 40.

Mas como a invocação de Deus por motivos futeis e minimos

foi sempre coiza defeza, os escritores e o povo acharam outras formulas menos irreverentes, e aqui exemplifico as seguintes:

Voto a tal uzada de Camões e outros:

— Traze-me a viola cá.
— Voto a tal que me vou rindo.

Auto do Filodemo — I, cena 2.

E *voto a tal* que é partido
Para vêr e para ouvir.

Ibid. — I, cena 7

Voto a tal que é valente a vilã e bem disposta.

Eufrozina — III, cena 7.

Voto a tal que o viu e fujiu por não lhe falar.

Aulegrafia — III, cena 6.

Outro equivalente de grande emprego na mesma epoca era o **voto a mares** talvez ainda mais comum, e o preferido nos Autos de Prestes:

Se ella não é do que eu digo
Voto a mares que tem bico
De ser de algum vilão rico.

Autos — 60.

Voto a mares, que gran pressa!

Autos — 327.

Voto a mares de jogardes.

Autos — 375.

e ainda na *Eufrozina:*

Que vos entrasse com mantenha-vos Deus *vot'a-mares.*

— fol. 3.

Desse eufemismo por derivação tirou o *voto a maravilhas* Dom Francisco Manoel:

Aunque *bote a maravilla*
No hai quien le tenga por fiero.

Obras metricas — I, 255.

Ha ainda outras perifrazes que se deparam nos autores antigos; como, **voto a São**... (um santo que se não nomeia):

> Pois *voto a são*
> Que foi bom cairem.
>
> Prestes — *Autos*, 99.

ou ainda, mais fiado da palavra de honra, basta jurar por ella, com o **voto a mim**:

> Estai assi quêdo que *voto a mim* de fazer outra que vos abafe.
>
> *Aulegrafla* — fol. 88.

Em alguns cazos como este ultimo é simultaneo o protesto e a praga ou mau dezejo e o *voto a mim* pouco se distingue do *puto de mi (judio) que te sufro* (Aulegr. fol. 121 v.) ou do *voto a tal* da imprecação de Filinto na tradução do *Vertvert* de Gresset:

> — Gafo gaiato!
> Ja pragas, *voto a tal*, com grito infame!
>
> *Obras* — x, 136.

Por *voto a mim* tambem se uzava **juramy** (juro a mim) como na *Eufrozina*: «*Juramy* que quando m'eu vi fora tive a Deus pelos pés» (I, cena 6) «*Juramy* que não sei quanto ora acerto em estar aqui» (II, cena 8).

Em *voto a mares* invoca-se uma força imensa da natureza, como ainda se invoca a luz que nos alumia ou o *céo*, ou ambas as coizas juntas, o que não é raro:

> Por este *céo* que nos cobre e por aquelle *mar* sagrado, que é verdade.
>
> *Ulizipo* — III, cena 6.

Da praga do *voto a Deus* creio que é inseparavel aquelle duende jaculatorio, eterno perseguido, o fantasma medieval do **Joannes Buttadeus**, o *João do Espera em Deus* da tradição portugueza e peninsular, o Ahasverus, ou o *Judeu errante* de outras terras.

IV

Cebolas do Ejito. Olho de panela. Latinismos populares: *quod natura dat, cum quibus, gratis,* etc. A prima face. F. das malvas, ervas. A mão do gato. Levante o dêdo. Dinheiro que abranda o mar. A reio; reatar. Alá! Gato e farinha; andar enfronhado. Falar no mau, preparar o pau. Deu-lhe o ar. Aréo. Genet de gravata lavada; sangue no olho. É das Arabias. O frade onde canta. Do pé para a mão; meter os pés pelas mãos; em polvoroza; pé sepelo. Prezo por mil, prezo por mil e quinhentos. Coizas do vento.

É frequentemente repetido o proloquio: — voltar ás antigas

cebolas do Ejito

que, sob essa forma, mascára a verdadeira expressão que é — «voltar *á carne* ou á *panela* (ôlha) do Ejito». — volver á vida de regalos e comezaina.

Foi esse o dezejo do povo de Deus quando cansado da fome e aridez dezerto com agua na boca, começou a murmurar contra Moizés:

> Prouvera a Deus (diziam) que morressemos no *Ejito* pela mão do senhor, quando lá estavamos assentados junto *ás panelas das* carnes e comiamos pão.
>
> *Exodo* — XVI, v. 3.

Ou conforme o texto: «*super* OLLAS *carnium et comedebamus panem*».

Tinham pois saudades da *olha* do Ejito. E *olha* é panela e cozido de carne e hortaliça. Confirma a orijem a variante castelhana: «*bolver a las ollas de Ejito*», (1) como está no Dom Quixote.

---

(1) Em Cervantes. v. Cejador y Frauca, 792.

De *olhas* fizeram *cebolas*.

A tranzição de *olha* a *cebolas* nada tem de surpreendente desde que estas são indispensaveis condimentos. No seculo XVII diz o jezuita Alexandre de Gusmão em um dos seus romances alegoricos:

> Ó se gostasseis o mel e manteiga desta terra da Promissão, como vos enfastiaram as *cebolas e alhos* do Ejito!
>
> *Predestinado Peregrino* — 356.

Parece que inda foi essa mesma forma castelhana *olha* (de *olla*) que produziu o modismo — *olho de panela* que se aplica á pessoa amada e predileta — *o enfant gaté*. Em Jorje Ferreira:

> Eu era a sua mimoza, o seu *olho da panela*; bem criada e mal fadada.
>
> *Ulizipo* — pj. 190.

> E tal ha de ser a senhora Eufrozina que é *olho da panela* do pai.
>
> *Eufroz.* — fol. 163 v.

Nos autos de Antonio Prestes:

> Entregai-me vós a ella,
> Que de mim para ella dai-a
> Por meu *olho de panela*.
>
> *Autos* — 231.

> Não que eu era o enteado
> E vós *olho de panela*.
>
> *Ibid.* 237.

> Ó que fazem uns caldozinhos
> De rosinóis; uns *olhinhos*
> *Da panela*, uns beloricos...
>
> *Ibid.* 255.

Em Gerardo Escobar:

> Foreis *olhos da panela*
> Que eu desde mui criancinha
> Como nunca fui mimozo
> Desses regalos me rira.
>
> *Cristais d'alma*, 50

O *olho da panela* é o melhor da *olha* que é sempre compozita e variada.

E não extranha que se aprossime das coizas amadas esta glotonaria dos bons bocados e da panela, quando das beldades de Lisboa escrevia com saudades Camões que «têm ellas um rostinho de tauxia e chiam como *pucarinho novo* com agua» (Carta I). Dizia-o desde os confins da India.

***

Alguns latinismos

Não são poucas as frazes e palavras latinas que por pertinazes e assiduas se tornaram proverbiais ou vulgares.

O aforismo — **Quod natura dat nemo negare potest** — que foi de uzo extensissimo, quasi sempre se vê aplicado ao irrezistivel do amor sensual e da função genezica. Assim se explica o celebre verso dos *Luziadas:*

> O que deu para *dar-se a natureza.*
>
> *Luziadas* — IX, est. 76.

que é simplesmente o *natura dat.*

Antes de Camões, empregou-o Gil Vicente na Farça do *Juiz da Beira,* quando Pero Marques exculpa um crime de sedução contra uma rapariga jovial, dizendo:

> Se ella mesma não folgara,
> Chamára ella — áque d'El-Rei!
> Mas *credo quo natura dat*
> *Nemo negare pote.*
>
> G. Vicente — *Obras,* III — 165.

E tambem é assim que justifica Garcia de Rezende os ardores juvenis de D. João II nas suas primeiras viajens a Citera:

> O principe como homem mancebo que era, ainda que o esforço, saber e os cuidados eram de muito maior idade, todavia *não podia negar o que a natureza dá* e aquillo a que geralmente os mancebos são mais inclinados e algumas horas *ia de noite* fóra, secreto, com uma ou duas pessoas, a *folgar em coizas de amores.*
>
> G. Rezende — *Cronica de D. João II,* cap. 6 (pj. 6).

E nem esta exclui outras aplicações possiveis como a que alude ao triste e mal pagado mister de fazer trovas:

> Porem *quod natura dat*
> Nos diz o latino adajio
> Que *nemo negare potest.*
>
> *Fenis renacida,* IV — 236.

Ainda muitos outros latinismos se foram cristalizando na linguajem comum.

Bem antigo e conhecido é o **cum quibus,** com que «se compram os melões», diz o vulgo:

> — Isso assim é; mas o jogo faltando o *cum quibus* não se pode exercitar.
>
> M. Miranda — *Dialogos,* I, 194.

Tambem era comum o *quis vel qui* das antigas artes de gramatica e lojica:

> ... são chapins
> Com que se empantufa um homem
> A modo de *quis vel qui.*
>
> *Oraç. acad.* 138.

O **Deum de Deo,** palavras do simbolo da Fé, aparecem traduzidas em *dê onde der* ou *de dêo em dêo:*

Já houve quem disse: *Deum de Dêo* dê onde der.
Memorias do B. do Pará — 52.

O **transeat** da argumentação dialectica ou o *transeat a me calix is* do Evanjelho como o parafrazeia Fr. S. de S. Catarina, nas orações citadas (pj. 138).

O **de juro** (por *de jure)* ccorre já como tendo fóros de vernaculo, mormente na locução *de juro e herdade:*

— Cuidei que estaveis de juro.
Aulegr. fol. 141.

Não foi sonho pois não é *de juro e herdade* que hajam de sonhar todos os dons Franciscos.
Dom F. M. — *Apologos,* 128.

Fizeram-lhe por arbitrio o que a elle lhe deviam fazer *de juro.*
Anatomico joc. — II — 106.

O **ora pro nubes** para chamar as chuvas:

Si no viene lluvia...
.....
Ora pro nubes, ora pro nubes.
Gil Vicente — I — 69.

Em estilo mais rasteiro e por influxo do sentido de *meco* (enganador de mulheres) de que falamos em outro lugar, aparece *badameco* (peralta) por *vademecum* que mais erguido e erudito é nome de *enchiridion* ou livro manual de qualquer arte, pasta de papeis escolares.

Andar sempre a vijiar a minha filha para não a deixar dar ao badalo com um certo *badameco* meu vizinho...
Farça do *Duende Cazamenteiro* — cena II.

No entremez de Curvo Semedo:

Que tal é o *badameco*,
Fiai-vos lá em ninguem!

Os tres Enjeitados; cena VII.

O **bolaverunt** é lugar comum dos seicentistas e aparece ainda no seculo XVIII:

— Raro assombro. Aqui ha grande traição!
— Adeus, luzes!
— *Bolaverunt!...*

Teatro comico, IV — 273.

As onze e meia *bolaverunt* galhetas para a meza dos donos de caza e cada um a modo de quem se põe em seguro se foi pondo na sua.

C. d'Oliveira — *Cartas,* I, 160.

Mais tarde o renovou Filinto, escrevendo:

Mal que eu queira, o capote *bolaverunt.*

Filinto — *Obras* XII — 211.

No seu tempo, porem, o *bolaverunt* já não era de uzo. (1)

Generalizou-se o **gratis**, mero, em lugar do **gratis data**, como devia de ser:

Uma graça *gratis data*
E um espirito mui alto.

Fenis — IV — 235.

Era a fraze da teolojia antiga, e queria dizer da graça sobrenatural, dadiva que cabia aos predestina-

(1) E com essa razão desculpa-se o poeta em nota daquelle seu sestro de rejuvenecer palavras antigas ou nobilitar expressões triviaes e baixas.

dos antes de a pedir e alcançar por esforços e merito proprio.

É de notar-se que a expressão *graça* de que faziam uzo os antigos reis foi substituida pela de *mercê*. No tempo de Affonso V assim era o costume «porque até então os reis diziam *fazemos graça* e não *fazemos mercê* como agora se diz. «G. de Rezende — *Cronica de D. João II*, cap. XXXIII.

***

A prima facc

É a expressão latina — *prima facie* — que equivale a — «ao primeiro aspéto ou exame, á primeira vista».

Com este valor é que corre; todavia, contem outro sentido menos aparente e que o dezuzo tornou fujitivo ou apagado.

Falando da abominação que é (ou era) a mulher, diz Prestes no *Auto da Cioza:*

Mais vos digo
Que é tão diabo consigo
Este mal, que, mal pecado!
Mais se tira ao mal cuidado
Que ao bem que é nosso amigo:
Quando a Fernando marchastes
Assi que a moça ficasse
Eu vos vi *a prima face*
Que tibiamente a tomastes.

Obras, 307. (1)

(1) Para a intelijencia deste trecho convem corrijir em versos antecedentes a fraze *braza no céo* por *braza no seio*, correção que fiz no meu exemplar e não está entre as numerozas e excelentes emendas indicadas por Epifanio Dias sobre a edição moderna. Neste

E assim em outros cazos. Aplicação diversa teve a fraze que servia para indicar uma das divizões antigas em que repartiam o dia.

Eram divizões um pouco irregulares e uma dellas era a **prima faz** ao escurecer e ao acender das candeias.

A *prima faz* envolve com dubia e incerta luz entre o dia e a noite a vizão crepuscular e incompleta das coizas (1). A expressão vernacula que traduzia esse lume crepuscular era *sonoite* de que uzaram Sá de Miranda e outros:

> Mas dizem neste lago
> Que *ás sonoites* se vê voando um drago.
>
> S. Miranda — (ed. Carol. Mich.) — 495.

***

Filho das ervas

São numerozos os apodos que mais ou menos

---

mesmo excerpto convem lembrar que *marchar* significa «mastigar, falar mastigando, entre dentes», e assim o uza o autor da *Arte de furtar:* — Respondeu *marchando* os beiços — cap. 56 — na ed. Garnier, pj. 268.

(1) Vejam-se por exemplo na *Escola decurial* de Fradique Espinola — tomo V, lição 3.ª — as doze divizões (que faziam os antigos) do dia a partir da meia noite: *Noctis inclinatio, Calcinium, Conticinium, Diluculum, Mane,* meio dia, *Occiduum, Suprema tempestas, Vesper,* prima faz, *Nox concubina, Nox intempesta.* Outros dizem *concubia* que é a lição classica, e, em lugar de *Calcinium, gallicinium.*

Excluidas essas e outras diferenças de computação o dia dividia-se ao meio *meridies (ante-meridiem* e *post meridiem).* Ao meio dia terminava a *sexta hora;* a *prima* correspondia pois ás 7 h. da manhã ou ás 7 h. da noite.

trazem o mesmo cunho e que não havemos mister explicar; tais são — *filho das ervas, das ortigas, filho das malvas, filho da folha* etc. e todos inculcam o mesmo escarneo ou insulto.

Em *f. das malvas* é já *malvas* uma derivação popular de *malvado* (male levatus) sob a analojia de *f. das ervas* ou das *folhas* (1).

Antigas meretrizes eram as *ervoeiras* (halbergueiras) que davam poizada a adventicios e forasteiros (2).

> Pelo menos mal não digas
> De uns que por boa medrança,
> Desprezam tantas fadigas
> E *nacendo nas ortigas*
> Vão morrer na governança.
>
> Dom F. Manoel — *Obr. metr.* II, 65.

No *Filinto perseguido:*

> *(Com um papel na mão)*
> — Senhor, aqui está o *filho da folha.*
>
> *Teatro comico,* IV — 27.

E nos *Encantos de Merlin:*

> — Só por não andar em bocas do mundo se não pode ser valente, pois uns lhe chamam o bufão, outros o arrojado, outros o *filho da velha,* outros o *filho da folha...*
>
> *Ibidem* — IV — 232.

---

(1) Corrêas arbitrariamente faz derivar *malvado* de *malva,* inversão inadmissivel.

(2) Veja esta palavra arcaica em Viterbo — *Elucidario,* e a nota que escrevi na minha *Seleta Classica,* s. v.

No interessante conto, de Filinto Elizio, da leviana dama teimoza, a quem lhe vem dezejos de banhar-se n'um charco, a vista dos patos que nadavam anima-a á arriscada aventura....

> Que ancias lhe vinham lá do amago d'alma
> De ser pata (sequer) por dois minutos.
>
> *Obras*, II, 75.

A palavra que envolve sentido torpe ainda agravado pelo — *sequer* — tambem substitue a de *folha* ou *urtiga* em locução equivalente ás já apontadas.

A mão do gato

A mão do gato não erra o lance, é pronta, segura; maneia tam rapida que pode passar por invizivel.

Por isso, as pessoas de consideração e respeito, a quem um lance errado comprometeria a fama de honradas, furtam só *com a mão do gato.*

Para estas escreveu o autor da *Arte de furtar* todo o capitulo XXXVII onde se acumulam preciozos exemplos e se apontam

> os modos com que cada dia se *tiram sardinhas com a mão do gato.*
>
> *A. de furtar* — n. 113.

O mesmo escreveu o poeta cego:

> O que me cauza mais pasmo
> Foi que *tudo quanto tira*
> *É sempre com a mão do gato.*
>
> *Obras post.* — 170.

Emfim não pode escapar
A um gato tão ladino (1)
Que a forca *com a mão do gato*
Quiz levar o passarinho.

Fenis renacida, I, 331.

No pedaço d'um espelho
Destes assintes teatro,
Á mão do gato encomenda
Ignez o *sape* d'um gato.

D. Francisco Portugal—*Prizões & solturas*, 23.

O ditado tem uma das suas fontes primevas na antiga historia popular de *João e Maria* ou os *Meninos perdidos* na floresta que vieram parar á cabana de uma velha feiticeira que fazia doces; e de cima do telhado os famintozinhos com leve anzol roubavam os bolos: dezapareciam os doces em quanto a velha tudo atribuia ao gato:

Sape! sape! meu gatinho
Não me tires meus bolinhos!

Roubavam assim, como tanta gente quando rouba, *com a mão do gato* (2).

---

(1) Diz graciozo o mesmo poeta que é o gato latino ou ladino porque

Lhe diz — *meus mea meum* —
Por miau, miai e mio.

Ibid.

(2) Não é aqui o logar de cotejar especies do *folk-lore* e deslindar a confuzão que na literatura popular européa o povo faz de varios contos embrechados uns de fragmentos de outros, como é o

O *gato,* emfim, é, por muito ladrão, o grande responsavel.

Veja-se, no capitulo anterior, o que escrevi a cerca da locução *pôr os dedinhos de fora.*

Cabe aqui lembrar a fraze — LEVANTE O DEDO! — do *folk lore* infantil, simbolo de juramento e uma das tretas com que se põe á prova a vivacidade e rapidez de movimentos.

Tem profundas raizes na literatura popular de varios povos

— Prometes-me isto? — Prometo.
— *Alça o dedo!* — Todos cinco.
— Eu te darei um brinco.

Prestes — *Autos,* 281. (1)

E nos *Encantos de Merlin* do *Teatro comico:*

— Eu prometo.
— Ora *levante o dedo para o ar.*

1 — cena 3.

A orijem da expressão é evidente; a promessa ou juramento faz-se *por Deus* invocando-o, ou apontando para o céo.

O dinheiro

São sem conta e assombrozos os prodijios que opera o dinheiro. O adajiario vernaculo de Roland

---

cazo especial deste onde se aglomeram varias historias *Los dos hermanos* de Estremadura, *A bicha de sete cabeças, Os meninos perdidos* (de Portugal, segundo as versões de A. Coelho e Teofilo Braga) e *João mais Maria* (do Brazil, versão de S. Roméro). Cf. a *Biblioteca de las tradiciones pop. españolas,* tomo X, pjs. 270 e 280.

(1) A. ed. Noronha diz *prometeste;* em lugar de *prometes-me,* conforme corrijo.

rejistra muitos d'esses milagres, mas não este que se depara na *Eufrozina:*

> Por tachas mórmente estas, já ninguem perde o cazamento: *dinheiro faz o mar chão.*
>
> III, cena 7.

Parece que ha aqui o influxo remoto de certa historieta arabe que está entre os *Contos e lejendas* reunidos por R. Basquet:

> «Um velho consegue de um salto transpor um rio, façanha que varios rapazes robustos e sadios tentam sem exito. Chamado pelo rei para que désse explicação do milagre, que tal parecia a todos, o velho abrindo a camiza mostrou uma cinta cheia de moedas que trazia.»
>
> A explicação pareceu suficiente e acabou-se a historia.

O que dá para transpor um rio, bem pode aplainar o mar ou *fazer o mar chão,* como diz o autor da comedia.

Esse é o milagre do oiro e só podera disputal-o o prestijio do *amor* para os enamorados Macias:

> Rei (es) tu sobre os Reis
> Coroado Emperador
> D'u te prazen van tas leis...
>
> H. A. Rennert—*Macias,* 38. (1)

(1) O texto impresso não contem o acrescimo *(tu)* que é essencial, e é do punho do erudito professor da Universidade de Filadelfia.

Mas, excetos os Macias, a relijião do dinheiro não conhece hereticos e é verdadeiramente catolica de um polo a outro.

***

A reio

A REIO ou ARREIO, significa a fio, a eito, sem interrução. Reduz-se, ao que dizem, á antiga voz gotica latinizada em *rēdum* donde sairam *arreio,* o italiano *arredo,* e ainda o nome *correio* (que sofreu o influxo de *correr).*

Dizei ha cá jogo *arreio?*

Chiado — 132

E em outro lugar:

E porem que lhe dêm
Pancadas como em centeio,
Dana-se este cão *arreio*
E então morde quem o tem.

Ibid. 202.

Em D. Francisco Manoel:

Faça-me V. Paternidade mercê de me mandar dizer nove missas *arreio* no altar do Santo Cristo.

Cartas — pj. 612.

Nas *Trovas* do Bandarra:

Um dos tres que vão *arreio*
Demonstra ser grão perigo;
Haverá açoite e castigo
Em gente que não nomeio.

Trova XCVIII.

Por isso tambem existe a locução **a reata.**

Levar o gado *a reata*

isto é, uns animais prezos aos outros de modo que se não tresmalhem.

É consideração importante porque com ella se explica a palavra *reatar* de grande uzo; *reatar* não é tornar a *atar,* mas está por *arreatar,* levar *á reata,* isto é, prender uma coiza a outra, e por isso mesmo quando se não *reata,* quebra-se o fio (1).

Alá!

É muito comum esta expressão, pelo menos ao Norte do Brazil, para indicar que já não convem pôr entrave ou freio a qualquer coiza, ou dar quaesquer conselhos de prudencia quando já inuteis...

Ah lá! *deixal-o!...*

como se dissera: — a Deus mizericordia! seja o que Deus quizer! que importa agora! —

Com este sentido que é o proprio e exato, penso que se poderia escrever conforme a transcrição arabica

Allah!

palavra e exclamação equivalente a: *Deus!*

---

(1) D'esta arte é obvio que embora não seja *reatar* composto de *atar,* todavia ambas as formas *a reata* e *atar* por afinidade ou semelhança externa terão sofrido reciproco influxo. É de si mesmo evidente que havendo *atar,* nada impediria a formação de *re-atar.*

O padre Godinho descrevendo uma tempestade nos mares do oriente, diz:

> Os arabios se foram lançar a dormir debaixo do toldo que a vela lhes fez e uns roncavam e outros ao entrar da onda gritavam: *Alá! alá!*
>
> *Caminho da India*, 109.

Vemol-a ainda em Simão Machado:

> Santo *Alá*, que desvario!
>
> *Comedias*, pj. 28.

Os escritores naturalmente haviam de ter escrupulo, n'outro tempo, em adotar essa interjectiva que o era dos mouros; mas não é menos certo que o povo a conservou e ainda a emprega constantemente.

Por ignorancia das orijens, escrevemos hoje — *Ah! lá!* dividindo a expressão arabica em duas outras vernaculas.

Gato e farinha e fronha

Já examinei em outra serie destes estudos o influxo que exerceu na linguajem proverbial em varias formulas idiomaticas a antiga fabula do Ezopo em que se reconta a astucia do gato envolvido em farinha para surpreender as suas vitimas. E dessa orijem foi o antigo ditado — *Nem todo o branco é farinha* — que aparece nos antigos escritores.

Mais curioza é, porem, a expressão

andar enfronhado

onde *enfronhar-se* não é mais do que a alteração de *enfarinhar-se* para indicar a fraude e trapaça lejendaria do gato que se disfarça em alva farinha.

A alteração proveiu de se haver fundido em um só vocabulo *fronha* e *farinha,* pronunciando-se e escrevendo-se *enfronhar* ao revéz de *enfarinhar.*

Que aquelle ardil e disfarce se mascara com a *farinha* e não com a *fronha* logo se evidencía com outras formas paralelas como:

Por fóra *muita farófa,*
Por dentro molambo só.

ou,

São bazofias e *farófias*

e, como aconselha o Chiado:

Guardar de *fazer farinhas.*

Obras — 150.

Tambem varios exemplos apontam áquella ori jem. E tais são os seguintes passos:

Do *escudeiro* que finje de cavaleiro:

Hoje sirvo não sei donde
Lá de riba um escudeiro
Enfronhado em cavaleiro.

Dom F. Manoel — *Fidalgo aprendiz,* I, cena 1.

E o que diz o Chiado:

> Quem se mete na *farinha*
> Logo fica *d'outra côr.*
>
> *Obras* — 184.

é essencialmente a mesma metamorfoze que gloza D. Francisco Manoel quanto á desventura da sorte:

> E quem foi incapaz de uma boa sorte, escuzo parece que ficava de padecer outra adversa.
> Comtudo *esta fronha* em que anda o melhor espirito é de um burel muito basto.
>
> *Cartas* — (ed. 1664) pj. 122.

No curiozo auto da *Pratica dos tres pastores* publicado por C. Michaëlis (1) a mesma antiga manha do gato, que se enfarinhou, figura-se agora na serpente do paraizo:

> Pois elle não seja besta,
> Nem tão valente,
> Que *se enfronhe na serpente*
> Para enganar a coitada
> De Eva que estava inocente, —
> Só pela vêr condenada
> Com toda a sua semente.
>
> pj. 26 (versic. 606).

D'esta manha esperam vingança, por que emfim

> O Senhor nos vingará
> De quem nos *engaticou.*
>
> Versic. 620.

---

(1) *Ein portugiesiches Weihnachtsauto.*

Onde *engaticar, enfronhar, enfarinhar,* equivalem a enganar ou seduzir.

O autor do *Anatomico Jocozo* prefere a expressão primitiva derivada de *farinha* n'este exemplo:

> Elle então, a foro de filozofo *enfarinhado,* devia fazer uma demonstração com que infirmasse o proposto...
>
> *Anatomico,* II, 24.

E ainda com a formula etimolojica escreveu Melo Franco no prologo ao seu poema heroi-comico, zurzindo o pedantismo de alguns lejistas:

> *Enfarinhados* unicamente em quatro petas de Direito romano, não sabem nem o direito patrio, nem o publico, nem o das gentes...
>
> *Reino da estupidez* (prologo).

Creio que já logrei dar toda evidencia á confuzão das formas *farinha* (que é romanica) e *fronha* (que é portugueza) nessa metafora que se exprime por *enfronhar* ou *enfarinhar.*

São ainda exemplos que abonam a locução os seguintes:

> — Para mim tenho e já o disse
> Que naceu para enfadonho
> .....
> A fé que por tal o *enfronho.*
>
> Prestes — *Obras,* 119.

Palavras de cortezia
E mais adinheiradas,
Ó como são docicadas!
Para mim las quereria
Quando com obra *enfronhadas.*

Prestes — *Ibid.*, 206.

Que eu respondo a esses muitos e esses poucos
(*Enfronhados* em vistas circunspetas)
Que todos os poetas serão loucos.

Pinto renacido — 119.

— Deixe falar essa toleirona *enfronhada* que se não lembra de que todo o novelo tem o seu casquelho.

Entremez do *Plano malogrado*, cena XI.

Andar feito peralta em tais *farofias.*

M. Figueiredo — *Teatro* — tomo 6.º, 206.

Marca a tranzição da formula — *cobrir-se com farinha* — ou *meter-se uma fronha* — o seguinte excerpto de Jorje Ferreira:

E tudo consiste em desmamando o cachopo,
enfronhal-o em um capuz de autoridade.

Aulegrafia, III, cena II (fol. 92).

Assim foi que se deu preferencia *á fronha* quando o embuste ezopiano e primitivo era a *farinha.*

***

Falar no mau

Ha um aforismo e verdade que se agora explica pela telepatia, o de

falar no mau e logo aparece

ou com a rima:

falar no mau, preparar o pau.

Expliquemol-o sem a metapsiquica dos sabios modernos. Aqui o *mau* era a principio o diabo (como o é a aluzão do padre-nosso *libera nos a malo,* livra-nos do *Mau* e não do *mal)* e sempre foi crença ou superstição que o nome do diabo se não deve dizer, porque logo este aparece; e daí as inumeras perifrazes, os rodeios e eufemismos com que se apelida Satan (1).

Falar no ruim diz-se na *Ulizipo:*

> —Ouvistes vós já como *falam no ruim* logo aparece?
>
> *Ulizipo,* IV, cena I.

Serve esta variante de fio para rastrear um dos germens provaveis do aforismo.

---

(1) O *tinhozo, o cão;* o mesmo *diabo* ou *Satan* são vozes translatas e meros epitetos.

A locução mais completa é

falar no **ruim de Roma,** *logo assoma*

que se encontra ainda sob varias redações antigas (1).

Este ruim de Roma, anticristo ou diabo, era (quem o diria?) o papa. Os portuguezes, e em geral, os peninsulares, aderiram á Santa Sé de Avinhão durante o chamado *Novo Cativeiro de Babilonia* no seculo XIV, e n'esse lapso de tempo os papas romanos tidos por anticristos ou quazi diabos eram os *ruins de Roma.*

Tambem se compajinou em firmar o brocardo, outra segunda historia; e não são raros esses inconhos na filozofia popular. É superstição muito acreditada de que os *lobos* só com a vista fazem *emudecer* e já em outra ocazião dezenvolvidamente explanamos este cazo, que deixou vestijios na linguajem vulgar (2). Ora, aqui o temos de novo na variante erudita

falai no lobo ver-lhe-eis a pele

«modo de falar proverbialmente (diz Bluteau) que se uza quando sobrevem a pessoa da qual se fala» (3).

---

(1) No castelhano Corrêas havia rejistrado as seguintes: *Al ruin de Roma, en mentandole luego assoma. Al ruin cuando le mientam luego viene. En mentando al ruin, suele venir.* Nos *Dialogos familiares* de I. de Luna, (1619) *Al ruyn de Roma, cuando le nombram luego asoma* (Dial. VI).

(2) Nas *Frazes feitas* (I serie), pj. 36.

(3) Dissemos *erudita* a variante porque é a mesma dos latinos: *Eccum tibi lupum in sermone.* Bluteau—s. v. lobo.

Dessa mesma fonte deriva o excerpto dos dialogos de Jezam Barata:

> —Vêdes como é certo *falarem no ruim* e elle logo *aparecer?* Eis aqui me tendes como se fora *Lupus in fabula* para desmentirdes rifões antigos.
>
> *Recreiação proveitoza* — 1, 157.

Aquelle que sobrevem obriga a que calem os que d'elle tratavam, tal como o lobo que faz emudecer.

***

Deu-lhe o ar. Aréu

Em geral para o povo (e para a medicina antiga) o *ar* era qualquer das formas da paralizia. Dizia-se então dos doentes que lhes *havia dado o ar.*

Por translação, o pasmo e mudez oriundos de espanto ou terror explicavam-se tambem da mesma sorte. E por isso das pessoas pasmadas se dizia que *estavam* **areiadas.**

E não só se formou a expressão *arear,* mais ainda a fraze:

ver-se aréu

que é empregada por Filinto Elizio:

> O afouto Mendes Pinto a quem perigos
> De terra e mar não descoráram nunca,
> Palmilhou areais; rompeu por brenhas,

Largos rios nadou; trepou por serros,
Viu-se aréu com leões e crocodilos...

Obras, x, 115.

Explica o poeta a significação do termo *aréu* — «homem que não sabe o que fazer no discrime em que se acha.»

E acrecenta: «alguns em lugar de *aréu* dizem *aério*» (1).

Aqui, suponho, é provavelmente o golpe de *ar* que resfria e tolhe o movimento aos musculos.

Nas *Obras* onde o poeta Malhão nos reconta alegremente a sua *Vida e feitos* em proza e em verso depara-se a quintilha:

As velhas que em dias seus
Não viram tanto, a gritar
Chamando a todos *aréos*
Não cessam de lhe pregar
Que são castigados dos céos.

(3.ª ed.) — III, pj. 189.

Da mesma natureza que *aréo* é o *airado* de *airar*, receber ar e estupôr, ou com forma vernacula antiga *arear*, já citada (2).

---

(1) Na *Enfermidade da Lingua* rejistra-se a fraze plebéa: — Tenho-me visto *ério* (pj. 148).

(2) *Arear* = perder o rumo: «Totalmente *areou* e perdeu o tino, como acontece ás vezes a alguns pilotos ruins no mar.» *Historia trajico-maritima* (ed. mod.) VI — 61.

* * *

Gente de gravata lavada

Foi só depois de Luiz XIV que se introduziu no ocidente o uzo das gravatas. É coiza trivial.

Hoje as gravatas não se lavam porque são sempre de seda. Outr'ora, porem, eram grandes *lenços* e por isso entravam no ról das roupas brancas que iam á lavadeira.

Ainda era assim no seculo XVIII, e n'um entremez de cordel depara-se este ról:

> —Camizas de mulher seis. Anaguas quatro. Lençois seis. *Lenços do pescoço* oito.
>
> *A mestra Abelha*—cena VII.

Era natural pois que a gente limpa andasse sempre de *gravata lavada,* como disse um poeta falando de crendices de velhas:

> Muita gente que ata *gravata lavada* cae nellas...
>
> Filinto—*Obras,* IV, 44.

A *gravata* é apenas um artificio; sinaes verdadeiros de fidalguia eram outros: por exemplo, as rajas de sangue na esclerotica.

Já não ha quazi mais quem TENHA SANGUE NO OLHO. Olhos encarniçados (ou *injectados* como dizem agora) ou com rajas de sangue era sinal certo de fidalguia. Tanto valia ser gôdo e neto dos antigos conquistadores como ter olhos abrazados.

Se esta coloração vinha das habituais borracheiras ou dos mi-

lagres da pura linhajem, pouco importa, mas era maravilha o *sangue no olho*.

A esse intento disse um dos Singulares:

Todos quantos vêm a Nize
Qualidade tem fidalga,
Não só *tem sangue no olho*
Nos olhos o sangue lhe anda.

Acad. Sing. II, 224.

Baixezas de carater não podiam vir dos *gôdos* (Ulizipo, 248, 249; *Aulegraña*, 49;) bem ufano era quem *piava* de godo (Ulizipo, 291) e por vezes plebeus, chatins e vilãos inventam e «descobrem novos avoengos, titulos exquizitos, e «*Marienes* converte-se em *Dona Ximena*.»

E tambem sorri Gregorio de Matos:

É tal a farinha do ninfo gentil
Que por machos é sangue tudesco
Porem pelas femeas humor meretriz.

Obras, 172.

Ha fidalgos modernos que se sagraram com só aquella honraria, de que fala a Ana de Gil Vicente

... Eu te provarei
Que um cavalo d'El-Rei
Estercou á minha porta.

Obras — III, 169. (1)

Pouco distará da meia tijela.

---

(1) Esta fraze é proverbial em Espanha pois foi rejistrada no *Vocab.* de Corrêas: «El caballo del rey cagó a mi puerta y la baca de la reina en mi portal.»

Ha muitas alvuras e vaidades de hoje que mergulham a sua prozapia n'essa esterqueira. No poema de Giambattista Casti, só porque o Leão tratou de amigo a um sabujo, logo toda a republica burrical estremeceu:

Ha detto *ámico* al can! con maraviglia
Va ripetendo ognum: c'ho udito anch'io:
Si, si: gli ha detto *amico*, altri ripiglia
E il can ciascun invidia, e fra se dice,
Oh fortunato cane! oh can felice!

Gli Animali parlanti — I, 101.

Os mais nobres e irados reis de Portugal D. Pedro I e D. João II tinham o olho vermelho se são fidedignos os seus cronistas.

Até mesmo alguns cães por zombaria poetica podem remontar á prehistoria sem o valhacouto da hipoteze darwinica:

Antes de entrar mourisma em Portugal
Já seus maiores por diversos modos
Tinham nome plauzivel entre os *godos*.

Gaticanea, pj. 12.

Que o digam os genealojicos. (1)

É das Arabias!

E o que se diz de individuo insolito, raro, espantozo e sem igual, excentrico ou inexcedivel e principalmente se aplica ao que ninguem logra apanhar:

é das Arabias!

A coiza mais inverosimil das Arabias e que certamente nunca pessoa alguma viu e todos a conhecem, é a *Fenis* celebrada dos poetas.

Não é mais rara que um sincero amigo
Essa *ave* extranha que na *Arabia* vôa
Fala-se della mas não ha pessoa
Que a visse neste ou no tempo antigo.

Coleção (2) — t. II, 8.

---

(1) *Gaticanea*, poema por João Jorje de Carvalho, 1781, curiozidade da livraria e da cultur-historia portugueza no seculo XVIII.

(2) *Coleção de poezias inéditas dos melhores autores portuguezes.* (Saiu em pequeninos volumes). *Lisboa*, 1810. Contem versos avulsos dos Arcades.

Na comedia do *Acredor:*

— Ainda mais veiu ella mesma ter comigo.
— A *Fenix* dos poetas? *A da Arabia!*
— A mesma.

M. Figueiredo — *Teatro*, x, 170.

Ainda é mais explicito o satirico Tomaz Pinto Brandão, em um dos seus romances academicos:

Fenis se chamava a moça
.....
Por unica em luzimentos
E ignorar-se-lhe a prozapia.

E já aqui temos a Fenis
Verde, que foi muito achal-a.
Porque na *Arabia* ha só uma.

Pinto Renacido — 304.

Viva uma vida imortal
Da *Arabia* essa *fenis* bela,
Mas inda mais anos que ella
Viva a dona do cazal.

Xavier de Matos — *Rimas*, III, 232.

Comtudo, apezar das patranhas que ainda se recontaram, ninguem adiantou ao antiquissimo Herodoto que disse só ter visto a *Fenis* pintada.

Quem quer que é *Fenis* (e poetas e escritores

muito abuzaram deste epiteto) é tambem *das Arabias* (1).

Antes da *Fenis* para alguns poucos cazos menos poeticos de assombro serviria o *vilão do Danubio*, celebrado dos fabulistas. (2)

Quando a reputação da *Fenis* ameaçava ruir ampararam-n'a os neo-alquimistas que na *avis rara* descobriram o simbolo da *pedra filozofal* que havia de resurjir tratada pelas cinzas nos cadinhos dos doutores iluminados; assim o pensava o nosso Bocarro mestre consumado nessas artes diabolicas, e lá disse na *anotação crizopeia* do seu poema:

> Debaixo deste finjimento (o da *Fenis*) quizeram os sabios antigos explicar a dignidade da *Pedra Filozofal*...
>
> *Anacefaleozis* (ed. 1624) fol. 35.

Como quer que seja a Arabia passou a ser mãi de todas as monstruozidades da natureza.

O passaro monstro que caiu em terras do Alemtejo em 1628 foi descrito por Miguel Leitão de Andrada em termos que revelam aquella superstição na geografia da fauna:

> ... Couza tam extranha, com tamanhas azas e estrondo, parece devia vir dessa Africa ou *Arabia*.
>
> *Micelanea* (2.ª ed.) — pj. 426.

O frade onde canta...

O modismo que creio o mais repetido — *o frade onde canta aí janta* — é já uma alteração do primitivo:

O padre DONDE canta D'AÍ janta.

---

(1) Diz-se das *Arabias* porque havia tres *Arabias* como já o definia Camões no canto IV, a *petrea*, a *feliz* e a *dezerta*. As divizões politicas ou naturais faziam com que se pluralizasse o nome geral d'ellas: as *Arabias*, as *Italias* e as *Espanhas*, assim diziam em outro tempo.

(2) *O vilão do Danubio* foi lembrado por D. Francisco Manoel no Apologo das *Fontes* e por Simão Machado na primeira *comedia de Dio*, 15.

O sentido é obvio e é que o sustento ou o ganho do padre vem das suas cantorias. Comprova-se com o proverbio paralelo do espanhol já rejistrado na antiga coleção de Iñigo Lopez:

El abad *donde* canta *dende* yanta.

Nos nossos escritores antigos, o rifão é exemplificado em sua verdadeira construção sintatica:

> Sabem elles muito bem, que o *Abade donde canta daí janta* e que comigo negociar ha de ser faze-me a barba e far-te-ei a trosquia.
>
> *Eufrozina*, fol. 23.

> Tratarei de quem o tenha que o *Abade donde canta daí janta* e eu não hei de comer de boas razões.
>
> *Ulizipo*; I, cena VII.

D. Francisco Manoel, em um dos seus epigramas explica literalmente o sentido do proverbio, consoante a sua forma antiga:

> Toda vida ouvi dizer
> Que *donde o clerigo canta*
> *D'aí janta*, quando janta;
> Sei que o *frade* o mesmo quer.
> Vós que tanto trabalhastes,
> Razão será que entretanto
> Pois que *não jantais do canto*
> *Almoceis do que cantastes.*
>
> *Obras*; II, 235.

E nos *Disparates na India* diz o grande Luis de Camões

e não diz
Um rifão muito geral
Que o *abade donde canta daí janta.*

Redondilhas, 120.

***

Pé e mão

Dom Francisco Manoel na sua *Feira de Anexins* (§ 12), *Em metafora de pés,* rejistra um sem numero de formulilhas que entretanto ainda ficam lonje de esgotar a riqueza de imajens e comparações tomadas a aquelle veio (1).

Quazi todas são compreensiveis ao primeiro alancear d'olhos.

Algumas merecem explanação maior. E é curiozo acompanhar a formação da fraze — METER OS PÉS PELAS MÃOS desde os seus balbuciantes começos. DO PÉ PARA A MÃO, dizem, quando um se adianta mais do que convem, irrefletida ou rapidamente.

A fraze é historica. É a do *sapateiro* que criticando um retrato, do pincel de Apeles, notou com razão que não valiam muito os sapatos, e envaidecido logo passou alem.

---

(1) Outra serie de metaforas semelhantes depara-nos um romance de *Jeronimo Vahia* ao *Milagre de S. Francisco Xavier* que converteu em agua doce o mar em que meteu um pé. Na *Fenis renacida,* IV.

— *Não passe alem das chinelas,* adverte a fabula que moraliza a mesma historia.

D'esta passou-se a — **dá-se-lhe o pé e toma a mão** — sinal de vilania:

> Dai-me o *pé* que vos prometo
> De *vilão* não parecer
> Pois não *tomarei a mão*
> Se *vós me déres o pé.*
>
> *Fenis* — IV, 249.

D'aqui se concluiu que o vilão, canhestro *parvenu* em geral, como as alimarias bravias,

mete os pés pelas mãos

tudo confunde com grosseria, inepcia e audacia.

Entendo que todos estes modismos, com variantes de sentido e de forma, se reduzem ao anedotario antigo atestado pela fabula de Fedro.

* * *

Polvorozo não quer dizer mais que «cheio de poeira». Entretanto a forçada associação de idéas entre *polvorozo* e a *polvora* terrifica, deu a aquella palavra intensidade e valor que de si mesma não tinha.

Tudo em polvoroza — é hoje, quazi confiagração e incendio.

A fraze antiga e trivial era — *meter os pés em polvoroza* — e significava sair correndo e levantando poeira.

> Dona, não vos esganiceis que o hospede *poz os pés em polvoroza;* vá-se com todos os diabos...
>
> *Ulizipo,* pj. 240.

* * *

Outra locução ocorre nos antigos cujo sentido não alcanço. E a do

pé candeu

Parece derivar de *cando*, casco do cavalo.

Em um romance de Serrão de Crasto, quazi se define o duvidozo sentido:

Vê como com ella corre,
Olha, não te descomponhas,
Has de pôr o *pé candeu*
Como o põe o mariola.

Acad. dos Sing. 204.

Em outro romance:

Solas de cravos passadas
Mariolas vi trazer,
Porque para o *pé candeu*
Dizem que de dura é.

Fenis renac. — IV, 273.

Tem talvez o sentido de *pé zambro*. A forma que aparece na *Macarronea* é mais intelijivel pois que se relaciona a *cambaio*:

Dar quatro voltas de pé *cambeu* ou bem ou mal que sempre se ha de aplaudir.

Feição á moderna — 227.

Os espanhoes tem — *Pé gibado* — nome de dansa antiga que Zerolo no seu lexico diz que hoje se não sabe qual era. Deve ser a mesma que os portuguezes chamavam a *xiba* e *pé de xibáo* a que se refere D. Francisco Manoel

Uma *alta*, um *pé de xibáo*
Galharda, pavana rica...

Auto do fidalgo aprendiz, 1 jorn.

* * *

Outra locução escrita ás vezes em uma unica palavra é o

pé cepelo

ou *pessepelo,* que o Bluteau traduz na fraze latina *altero pede incedere.*

Falando do milagrozo S. Francisco:

Ao *pé cepelo* quizera
Só com vosso pé correr
Que ninguem me alcançará
Inda que me fique ao pé.

Fenis renac. — IV, 250.

Alguns derivam a fraze de *pospelho, a pospello,* contra o pelo, isto é, em sentido contrario; o que se não conforma com o sentido. A *pé sepelo* é a deturpação de *a pés em pelo,* isto é, a pé descalço.

***

Prezo por mil
prezo por mil e quinhentos

É a filosofia cinica dos que acham que um leve pecadilho é coiza que não paga as penas de cometel-o. É fama sem proveito.

A fraze foi glozada sobre o texto das *Ordenações* antigas e novas (filipinas, livro III, titulo 31) que mandavam prender por dividas ao devedor que não tinha bens de que podesse o juiz fazer sequestro.

E a ser prezo por pouco, dizem, mais vale que o seja por muito.

Assim o Chiado na *Pratica dos Compadres* em que um ameaça degredo para a America:

— Eu darei apontamentos
Que vos lancem no Brazil
— Aguardai. *Prezo por mil*
Prezo por mil e quinhentos.

Chiado — 103.

Fechemos o nosso discurso de modo que não apareça mais diante de gente que por fas ou por nefas sempre leva a sua a vante.

— Pois *perdido por mil, perdido por mil e quinhentos.*

Governo do mundo em seco — II, 281

A fraze tem maior zona geografica que a da nossa lingua. Na *Decencia de los modorros,* manuscrito espanhol do seculo XVII, encontramos o mesmo brocardo:

Dadme dineros y no consejos, aunque me maten, diga quien dijere, *preso por mil, preso por mil y quinientos.*

Paz y Melia — *Sales españolas* — I, 342.

Na culpa como no arrependimento ou castigo ha subtilezas que o mesmo povo, que é ás vezes lince, sabe esmiuçar.

É por exemplo coiza grave

cair de sendeiro magro

queda injustificavel como se diz com outra variante no *Cancioneiro geral* de Rezende:

Exemplo bem verdadeiro
Que a todos ei de dal-o
Diz que *queda de sendeiro*
É maior que de cavalo.

Cancion. — III, 414.

Os teologos tambem conhecem o cazo que chamam de *atrição* que é a meia contrição ou arrependimento imperfeito, por exemplo, o do que devendo mil e quinhentos restitue apenas mil ou o do que se desculpa de haver roubado apenas mil quando poderia roubar mil e quinhentos.

Cazos de conciencia... elastica,

Do vento

Ha um rifão portuguez, rejistrado no adajiario de Roland e em todos os outros, e diz:

> **Tudo é vento** *quando não ha rei nem prior no convento.*

quer dizer, tudo é coiza nenhuma ou tudo está ou anda perdido, na auzencia do dono ou senhor. A locução provem de que se chamavam outr'ora *coizas e animais de vento* as que não tinham ou não se lhes achava dono e assim é que se exprimiam as *Ordenações* no seu Livro III e titulo XCIV, que se inscreve «Como se hão de arrecadar e arrematar as *coizas achadas* **do vento.**»

Os jurisconsultos modernos reformaram a expressão e dizem: *coizas, gado de evento* (1), correcção que me parece excessiva. Os textos da lei antiga dizem:

> Quem cárrego tiver de arrecadar as *coizas do vento.*
>
> *Ibi* — § 1.

> ... O mordomo ou a quem o direito *do vento* pertencer, os ditos *gados* ou *bestas* que assi *andarem de vento.*
>
> *Ibid* — § 3.

> ... Não poderão vender nem emalhear as *coizas* que assi trouxerem *de vento.*
>
> *Ibid* — § 4.

---

(1) C. Mendes — *Cod. filipino*, pj. 712-713 cf. *Ord. manuel.* III, 76.

Em certas comunidades ou em cazas de muitos tambem se chamavam *moços de vento* os criados de todos, isto é, sem patrão certo.

A primeira menção das *coizas* e *bestas de vento* data da ordenação de Afonso IV que está nas *Afonsinas,* em lei que manda

> em cada ũa vila aja lugar assinado pera o gado e outras *couzas* que forem *do vento.*
>
> *Ord. of.* III, 107.

Não creio aqui descabido lembrar a antiga lenda portugueza dos *Cavalos de vento* de que trata Duarte Nunes do Lião:

> Todos os escritores antigos que das coizas de Espanha escreveram dizem que não lonje de Lisboa, como vinham e ventavam os *ventos favonios,* que são os zefiros, pondo-se com os rostos fronteiros, as eguas concebiam delles sem ajuntamento de macho e pariam delles *cavalos ligeiros como os mesmos ventos.*
>
> D. N. Lião — *Descr. de Portugal,* 126.

E comprova-o com as afirmativas de Varrão, Columela, Silio Italico e afinal Justino que deu a coiza por fabula grosseira. Tambem é chamado a testemunho Vergilio:

> ... sæpe sine ullis
> Conjugis vento gravidæ (mirabile dictu)
> Saxa per & scopulos, & depressas convalles
> Diffugiunt...
>
> *Georg.* III.

A tradição d'estas *bestas de vento* bem poderia influir nas formulas da antiga lejislação se acazo não nos parecesse despropozitado o influxo das letras classicas no portuguez arcaico. (1)

---

(1) D'essa tradição trata o erudito Dr. Leite de Vasconcelos nas *Religiões da Luzitania,* II, 30-31, onde aprezenta novas fontes classicas e modernas acerca do assunto.

Toca ainda esta materia o P.^{e} Manoel Bernardes na sua *Nova Floresta,* IV, 266, com excursos literarios de Ariosto, Tasso e outros.

A fabula de ginetes gerados do vento foi sempre um lugar commum dos poetas; e Ariosto faz o levipede Rabicano concebido do vento e da labareda:

> Questo é il destrier che fù del Argalia
> Che di *fiamma* e di *vento* era concetto...

Voltando ao primitivo sentido da lei, não diferem das *bestas de vento* o *boi do concelho* que anda em proverbio:

> Se uma envida outra enrevida
> Carregam *boi de concelho.*
>
> Prestes — 275.

> Dar-lh'ás infinda pancada
> Como em *boi de concelho.*
>
> Chiado — 106

No Brazil (Rio G. do Sul) a esses animais que perderam o dono ou passaram ao fisco chamam *reúnos.*

Lembre-se aqui outra expressão antiga e juridica, a de *terras novaes* aplicada ás terras que nunca foram cultivadas.

V

Morreu o Neves. Poetas d'agua doce. Os *numeros*, de um a cinco: nem uma nem duas; tres razões; estar nas quintas; entre a quarta e a meia partida. Parteira do nuncio. Frei Tomaz. Leva rumor! Toque de Aragão. Frazes biblicas: as Marias; pessoas e animais e plantas; pelo *flos sanctorum*, Santiago, São Fernando. Historias do trancozo. A grifa parideira; o Bandarra. Ladrão gaião. Assobiar ás botas. Mafoma e o oiteiro. Que tem uma coiza com outra. Expressões juridicas: fora de termo, rixa velha. N'um credo. Pescar em aguas turvas. O diabo emquanto esfrega um olho. O diabo as arma. Moirão, moirão!

Morreu o Neves!

E' um ditado muito comum no Brazil, e não sei se em Portugal, este que certifica o obito de um certo snr. Neves, illustre desconhecido.

E' tão certa coiza a morte para todos, que a fraze serve justamente de matraca aos que supoem trazer alguma noticia nova e extranha. Responde-se-lhe então:

Ora, **morreu o Neves!**

ou ainda — *até aí morreu o Neves!* ou ainda mais concizamente — *ora o Neves!*

Não ha na historia ou na lenda nenhum Neves famozo que eu conheça e por mais que pesquize não encontro referencia bastante para assentar-se em um *Neves* proverbial.

Pode ser que tenha orijem em algum entremez, *vaudeville* ou comedia.

Conjecturo que se trata aqui nada menos que da celeberrima e desventurada *Inez de Castro,* que o poeta comparou a

... a bonina que cortada
Antes do tempo foi, candida e bela.

III, 134.

E não só as filhas do Mondego, mas o mundo universo memorou a trajedia da sua morte.

Quem poderia ignoral-o?

Como todos os acontecimentos, ainda os trajicos, a noticia da sua morte tornou-se, de repetida, vulgar e sem importancia.

Por isso, era possivel dizer-se mais tarde — *Morreu Inez!* — para indicar a insignificancia de gasta novidade já de todos sabida.

E desse — *morreu Inez!* — é que se tirou a consoante fraze: *morreu o Neves!*

A questão seria, aqui, demonstrar se existiu a fraze feita *morreu Inez* ou outra equivalente que acredite a derivação.

Existiu, sim, e talvez existe ainda por algum recondito vão da linguajem popular. *Inez morreu* ou *Inez é morta* é um dos dizeres com que logo se alcunha qualquer corriqueira trivialidade.

Atestam-n'o os versos do Filinto:

> *Raras lá dão um salto as novidades*
> Do que passa por cá neste universo;
> Tarde e sediças chegam as toadas
> Das guerreadas guerras, da paz feita,
> De Beltrão que cazou, de *Inez que é morta.*
>
> *Obras* — IX, 23 (ed. Lisboa).

Para o poeta, que repete aqui o povo, — *Cazou Beltrão* ou *Morreu Inez* — são novidades sediças e corriqueiras.

No acto V da *Trajedia de Castro* o mensajeiro traz a noticia terrivel ao infante nestas palavras:

> —*É morta D. Inez* que tanto amavas!
>
> Ferreira, II, 278.

A *Nova Castro* de João Batista Gomes repete em mais de um lance a *Inez é morta!* (na cena VII, ato V) e entre as poezias apensas á trajedia vem o conhecido soneto que principia:

> Morreu Inez mais bela do que as flores...

A repercussão da fraze acompanhou a do triste sucesso e juntou os dois nomes Pedro e Inez. E até transcendeu os limites nacionais, pois creio que deve ter a mesma orijem a fraze espanhola que desde o seculo XV se pode atestar na *Celestina,* como novidade já tão sediça qual parecera a *Filinto*. Enumerando noticias velhas, diz Sempronio:

> El turco es vencido, eclipse hai mañana, la puente es llevada, aquel es ya obispo, a *Pedro robaron, Inez se ahorcó.*
>
> *Celestina* (a. III) pj. 70.

A Inez associa-se sempre a idea da morte.

De tudo quanto apontei concluo que este — *morreu o Neves* — é uma deturpação da fraze historica

e popular — *morreu Inez!* — que de muito sabida passou a symbolizar as novidades atrazadas (1).

***

Poeta d'agua doce

Não ha só *poetas d'agua doce*. A especie gerou outras variedades igualmente comicas. D. Francisco Manoel falou em *profeta de agua-doce* (2), C. Guerreiro em uma das suas satiras lembrou o *critico de agua doce* (3) que tambem está em uma das notas de Filinto Elizio (4).

---

(1) Reprezenta, conjecturo eu, uma das fazes de adaptação da fraze explicada est'outra em que figura a palavra *neve* e está na comedia *Alberto Virola:*

> — Ella trata o marido como as enteadas. Vá-lh'o logo dizer que a mim dá-se-me tanto disso, como da *nevè de cem anos.*
>
> *Teatro de Figueiredo* — v, 273.

Quanto a *dificuldades foneticas*... servirão para os criticos.

(2) E diz tambem — *pintor d'agua doce* — na *Feira de Anex.* 139. E ainda para encher as medidas ha e sempre houve os *Bandarras d'agua doce* de quem fala o mesmo D. Francisco Manoel nas suas *Cartas* (pj. 229).

(3) Na *sat.* XII:

> Estes pedantes são dos maus leitores,
> *Criticos de agua doce,* exploradores
> De pontinhos nos livros, em que peguem ..

Que carapuça para os Lopes Almeidas e Lagos, e para quantos eunucos estereis ha que andam ainda no periodo parazitario e prehistorico da caça e da pesca!

(4) *Obras* I ,55 e V, 6 (da ed. de Lisboa).

O *poeta d'agua doce* é insulso, é o que não tem sal e o sal é a graça e o condimento essencial a todas as coizas; como disse Gongora:

Patos del *aguachirle* castellana...

Outra razão não desprezivel foi que os poetas de alto coturno e civilizados podiam falar do mar, da vastidão do oceano e do mundo, desde Camões e Sá de Miranda; mas os poetas menores e populares não manejaram nunca o verso heroico, falavam apenas nas suas trovas e endechas agrestes das fontes, dos rios e das aldeias. Os da *medida velha* com seus vilancicos e redondilhas conheciam *Leonor na fonte,* ou *Izabel e mais Francisca* e tudo que eram *cristalinas aguas,* etc.

No seu aliás bem salgado *Serão politico* Felix da Castanheira Turacen (anagrama de Frei Lucas de Santa Catarina) como seicentista gongorico e subtil distingue as especies do romance:

> Ha romances *de agua doce;* romances de *marisco;* romances de *sapata;* e romances de *coturno.*
>
> pj. 124.

E' evidente que a especie de Venus e do salso mar, de Galatéa e das ondas marinhas ou das lagostas cabe ao coturno epico e já não será a mesma das lavandeiras...

> *Izabeis,* com os seus cargos de roupa cheirozos, que vão caminhando sobre dois jasmins

> que não passam de tamancos e *lavam a roupa com cristal*...
>
> pj. 125.

Emfim, o assunto do *romance de agua doce* é quazi sempre o de

> ... uma *moça de cantaro* que se chama Inez, que vai para a fonte (descalça pela calçada) com suas rodilhas de ouro e sem dinheiro para comprar uns sapatos...
>
> *Id. ibid*, 124.

Alude-se aqui ás eternas coplas de *Leonor na fonte*. O poeta de *agua doce* é um pescador de linha:

> Poeta de cana
> mas come que gana.. (1)

A avaliar por alguns dos ultimos relinchos de Pegaso, parecem agora voltar á fonte, ás lavandeiras, os poetas novos de hoje sequiozos de frescura e sombra.

***

De um até cinco

Na primeira serie destes estudos de frazeologia rejistramos varias das muitas locuções tomadas aos nomes de numeros, abonando-as com exemplos antigos. O assunto é inexaurivel. Eis aqui, ainda, al-

---

(1) Em uns *Nejamen* do seculo xvii de D. Francisco de Rojas.

gumas frazes que por identica analojia se formaram com as lições de autores que as acreditam.

Um *é conta de porco,*

é uma formuleta do *folk lore* infantil sujerida pela voz onomatopaica — *hum!...*

Nem uma nem duas!

é fraze naturalmente antiga e pode ser ilustrada com um exemplo do anedotario picaresco do outro tempo. Como inumeras frazes sintéticas de igual teor, se tornaram proverbiaes, graças a facecias antigas, que a memoria do povo jámais olvida, é possivel que tambem esta fosse perpetuada pela seguinte burla:

> Una muger de un rustico labrador tenia amores con un licenciado, el cual era compadre de su marido, y el labrador convidóle un dia a un par de perdices. Como la muger las hubiese asado, y se tardassen, y a ella la creciese el apetite, se las comió.
>
> Venidos a comer, no tuvo otro remedio sino dar a su marido la cuchilla que la amolasse. Estando amolando, acercóse al licenciado y dijole: — Idos presto, señor, porque mi marido ha sabido de nuestros amores y os quiere cortar ambas orejas; no veis como está amolando la cuchilla?
>
> Elle entonces dió á huir. Dijo la muger: — Marido, el compadre se lleva las perdices.
>
> Saliendo el labrador á la puerta con la cuchilla

en la mano, decía: — Compadre, compadre, a lo menos la una!

Respondió el licenciado: Oh h. de p...! *ni la una ni las dos!* (entendiendo de las orejas).

Silva curiosa de Julio Medrano, 1583; reimpr. por Sbarbi — IX — 166.

Diz-se do que sai agravado e precipitadamente, *sem dizer nem uma nem duas,* entendendo-se palavras, razões ou outra coiza. A facecia que tem outras variantes plebeias mais cruas não foi de certo a que criou a fraze, mas fortaleceu-a na imajinação popular. (1)

---

(1) Entre *uma* que é pouco e *duas* que pode parecer muito, fica a discreção qual se conta (nas *Memorias* de Fr. João de S. Joseph publicadas por Camilo C. Branco) do conde Lucano «que disse perguntado»: *Haceis coplas?*

Si, señora.
Ni tan simple que no haga *una,*
Ni tan loco que haja *dos.*

pj. 55.

Em alguns quinhentistas encontramos a fraze proverbial

levar uma em capelo

que equivalia a — levar no saco — isto é, ouvir reprensões e dezaforos caladamente e sem a corajem da replica.

Sabeis o que tenho feito sobre isso, porque vejais que não sou mulher que *leve duas em capelo.*

J. Vasconcelos — *Aulegrafia,* fol. 31 v.

— Pois se cumprir á vossa honra, eu não me hei de negar.

— De tudo zomba: pois a fé que não hei de *levar duas*

em capelo e que me não ha de ir a Dorotéa por a pendencia a Roma.

Ibid. fol. 90.

— Nesses dentinhos framongos
Conheço que sois um peco
De todos quatro avoengos.
F. — Tudo vos *levo em capelo*
Já que estais tanto em agraço.

Camões — Anfrita — I, cena 3.

Do mesmo genero e analojia é a que se exprime sob a formula

não é com **tres** razões que... etc.

O numero *tres* é bastante simetrico, sobrio e significativo. As razões, alegações, argumentos e pontos de discurso são sempre *tres*. Tudo que crece e se dezenvolve e acaba é uma curva que a equação *tres* representa analiticamente. Os famozos sermões de Frei Gerundio de Campazas, e da sua geração de gongoricos (1) eram sempre em *tres* pontos.

---

(1) O celebre romance do P.e Isla que ridiculiza os prégadores mimozos do tempo. Veja a refer. de Filinto, VI, 7. No livro das *Bernardices* composto no tempo de D. João V já se alude a este ridiculo dos *Tres pontos* do sermão (pj. 93 e 195 da ed. Aillaud) de S. João: fogo, foguete, traque ou S. João quente, fervente e esquentadaço!

O numero *tres* ou antes a particula, tornou-se um simbolo de superlatividade e tresdobro indefinido das coizas. D'ai as formulas concurrentes para indicar quantidades grandes: *como trinta, trezentos* (diabos); *como terra* (*Eufrozina* fol. 207 v. 208); *como trigo* ou *farinha, como treze, como tripa* e outras que tanto se explicam pela substancia como pelo mero *flatus vocis*.

Vai senão quando o pregador se assôa...
Nos solta em peso a grossa baforada
Dos *tres* pontos, mui novos, mui do trinque!

Filinto Elizio — *Obras* VI — 9.

E na satira ao *Sermão,* do mesmo poeta:

Prégava um cura e em seu prégar dizia:
Tem meu sermão *tres* pontos...

Ibid. V, 179.

Não é só culpa de Frei Gerundio; a retorica universal, toda a estetica e toda a filozofia reduziu deuzes, dramas, sermões, historias e lejendas ao numero *tres*.

É modismo de orijem franceza, o de

diabo a quatro

isto é, grande tumulto, dezordem e alarido.

O padre Tuet (1) explica esta locução que proveiu dos antigos autos e misterios medievais; nelles, como se não bastara um, apareciam sempre quatro personajens vestidas de diabos e que faziam horrivel barulho com o intuito de atemorizar os espectadores, instruindo-os das penas infernais.

Em outro lugar estudamos o modismo — *buscar cinco pés ao gato.*

---

(1) *Matinées sénonaises* ou *Prov. français,* Paris 1789. Cf. Le Roux de Lincy — *Le livre des proverbes,* I, 13.

Outra fraze de uzo é

estar nas suas quintas

onde se entende por *quinta* o lugar de recreio, passatempo e socego de espirito. Está *nas suas quintas* quem pouco se lhe dá do que passa, alheio aos negocios e preocupações. O sentido literal de *quinta* é o que melhor pode explical-o, mas creio que entra aqui por muito o influxo de outras idéas. (1)

Estou na minha quintinha
Que é chacara soberana,
Ora comendo a banana
Jogando ora a laranjinha.

Gregorio de Matos – *Obras*, 187.

Busca outros temperilhos
Que eu já estou destemperado,
E *estou na quinta do Pégas*
Minhas coizas cachimbando.

Ibid – 205.

No seguinte exemplo, em trocadilho, aponta-se o regalo das *quintas* por opozição ás *sextas feiras*, que são diàs de guarda:

Hei de ver um dia se acho alguma ficção de direito para semelhante cazo; porque havendo

(1) O de ser dia *jovial*? o de reprezentar o intervalo de *quintas* que é consonancia perfeita na muzica? Cf. *Estar de quintal* (ap. Bluteau) = de acordo.

tantas para outros, parecia-me a mim justo que por *retrotractionem*, que é o cabrestante dos impossiveis, podia um homem comer carne *á sexta feira* e supôr *que estava na sua quinta.*

Paiva — *Governo do mundo em seco* — 1, 206

O *ir ás quintas* louvo, o morar nellas não gabo.

Carta de Guia (ed. Camilo) — 174.

Escrevia ainda D. Francisco Manoel «se estou mais de vinte quatro horas no campo, cuido que me torno boi.» Não era aquelle mundano cosmopolita homem para quintas. Ajunte-se ás observações já feitas a notação psicologica de que a *alquimia* havia feito da *quinta* compozição das suas drogas um delicado superlativo, o *requinte,* como nas *quintas essencias* e quejandas. E a prova de que essa subtil coloração não passou despercebida é que Antonio Prestes podia dizer como disse *quintas sombras* no *Auto da Ave Maria:*

Fazem possantes
Quintas sombras para a calma.

Obras — 12.

A variante popular — *estar nos quintos* — pode ocorrer como no entremez da *Mestra Abelha:*

— Senhor, meu amo, elle entrou, cá está, *esteja elle nos quintos.* Quer V. m. uma coiza boa? Vamos para a escada e escuitemos.

Cena v, pj. 4.

aqui parece haver propozitado equivoco e Paspalho (o gracioso da comedia) diz *quintos* por *quartos* (apozentos).

É conhecida e popular a locução

entre a quarta e a meia partida

que se aplica ao andar dos ebrios, incerto e caracolante. É termo uzual da nautica em que a *meia partida* dezigna a direção intermedia entre dois rumos.

Entre os quatro pontos cardiaes ha os *rumos* que são *oito* que dezignam os ventos e outros tantos intermedios a que chamam *meias partidas;* entre essas ha dezaseis, a que chamam *quartas*. Os bebados quando caminham, se não estão muito bebados, bamboleiam de *quarta* para *meia partida* e não caem nunca... salvo se beberam agua.

Parteira do nuncio

Esta famoza *parteira do nuncio* fez arder os miolos a muita gente.

Castro Lopes tirou-a do latim de não sei que fraze *adrede* preparada, segundo o seu louvavel costume.

A fraze por exquizita merece algum exame.

Na sua *Oração dos sonhos* na Academia anonima diz Fr. Simão de Santa Catarina:

> Seja primeiro a menina!
> Venha com ella nos braços
> Feito *parteira do nuncio*
> O Silva muito enfeitado.

A locução gerou-se de deturpação popular de palavra que se havia arcaizado perdendo o sentido primevo; creio eu.

O que havia na edade media portugueza e romanica era a *partilha* ou a *parte do nuncio* e com esse nome se dezignava um tributo antipatico, fôro, dinheiro, a melhor joia ou sinal que se pagava entre o luto e funeral de pessoa morta. Chamava-se *nuncio* ou *luitoza* (1). Era um imposto *post-mortem* que até os Bispos cobravam do espolio dos parocos e beneficiados. Era a *parte do nuncio*. E uma lei que izenta os soldados d'essa extorsão postuma, diz que em relação ao cavaleiro *nec ulli domino det nuncio* (2).

Esta *parte do nuncio,* cobrada a viuvas e até a ecleziasticos, foi a que, segundo conjecturo, ao tornar-se obsoleta, na memoria do povo e da linguajem se transformou em *parteira do nuncio.*

É provavel que, uma vez obliterada a fraze — *parte do nuncio* — se enjenhasse uma facecia ou anedota na epoca da restauração (pois só n'esse tempo vieram *Nuncios* a Portugal, segundo parece).

Não dou coiza alguma por todo este rabisco conjectural.

* * *

Frei Tomaz

Frei Tomaz é o pregador imoral em quem a doutrina não se conforma com o exemplo.

---

(1) Vejam-se os dois vocabulos no *Elucidario* de S. M. Viterbo — II, 66, 120.

(2) *Ibid.* II, 121. Os tabeliães que latinizaram o romance já formado ora escreviam *nuntionem,* ora *nuncium* e *nuntium.*

«*Frei Tomaz;* façam o que elle manda, mas não o que elle faz».

É historica a personajem? Bem pode ser.

Do seculo XVII em diante, quanto pude verificar, aparece o santarrão nas obras jocozas e de burla. E parece ter vivido naquella epoca.

Gregorio de Matos na sua satira á Justiça hipocrita:

A cazada com adorno,
E o marido mal vestido,
Crêde que este tal marido
Pentêa monho de c...
Se disser pelo contorno
Que se sofre a *Frei Tomaz,*
Por manter a honrinha o faz.

G. Matos — *Obras,* 69. (1)

E de modo mais explicito:

Um cazamento ao revez
Frei Tomaz somente o faz
E eu raivo de *frei Tomaz*
Que tal cazamento fez.

G. Matos — *Mscrito.*

---

(1) No quarto verso ocorre a fraze — PENTEAR C... — que é popular e lembra os versos de Vergilio (*Eneida* — VII) onde Silvia penteia e engrinalda os ramos frondozos do cervo. Esse enfeite sem aluzão classica era uma pena imposta a maridos consentidores na antiga lejislação portugueza:

> E sendo provado que algum homem consentiu a sua mulher, que lhe fizesse adulterio, serão elle e ella açoitados, *com senhas capelas de c...*

Com senhas capelas, isto é, cada um enfeitado com a sua capela ou grinalda de c... (Nas *O. filipinas* V, 25; nas *Manuel.* V, 15).

Em outro lugar o mesmo poeta gloza o seguinte mote ao *Rev. Fr. Tomaz:*

Louvar as vossas ações
É pregar do pregador,
E a mim *me dá mais temor*
O prégador que os sermões.

Ibid fol. 60. (1)

Nas *Obras* do Tolentino

A teu forçozo argumento
Respondo com *frei Tomaz:*
Faze o que o pregador diz
Não faças o que elle faz.

(Ed. Torres) — 133.

Parece que se refere a outro *Tomaz dos Pós,* «donato que por pregar foi para as galés» a quintilha seguinte:

Tomaz dos Pós fez missões
Ajuntou gente infinita:
Mas inda em negros vergões
Traz nos artelhos escrita
A paga dos seus sermões.

Ibid. — 253.

---

(1) Nos manuscritos de Gregorio de Matos, *mihi* fol. 17, 17 v., 60. Por este mote, conclue-se que *Fr. Tomaz* era contemporaneo do poeta. Parece-o, pelo menos.

Na literatura de cordel, no entremez os *Amantes arrufados:*

... os quais não digo
Por temer que responda certo amigo,
Que está prezente e tem genio mordaz,
Arsenio *bem o préga Frei Tomaz.*

Pj. 16.

E mais não consta e nem podemos averiguar (1).

Antes de *Tomaz,* outro reinava no rifão: «*Braz* bem o diz e mal o faz» rejistrado na *Prozodia* de Bento Pereira (pj. 1301), provavelmente muito mais antigo.

Confronte-se ainda a referencia de Cervantes no *Dom Quixote:* «No diron sino que son unos *santos Tomazes*». Por ironia, já se entende.

Leva rumôr!

Para fazer cessar qualquer ajuntamento, barulho ou vozearia, gritam uns — *leva rumôr!* e outros dizem — *vá de rumôr!*

Ambas as frazes parecem geradas de outra mais

---

(1) Como esse *frei Tomaz* pela imoralidade, foi celebre pela ridiculez no seculo XVIII o FREI GERUNDIO o pregador já aludido, frequentemente nomeado nas *Obras* de Filinto Elizio (VI, 6, 7; VIII, 243; XII, 251; XIII, 320, etc.) e que é uma criação literaria e famoza do Padre Isla no seu celebre romance satirico *Frai Gerundio de Campazas* que foi avidamente lido em toda a peninsula. Em Portugal a critica dos equivocos e trocadilhos de prégadores sem excluir o grande Vieira, foi principalmente movida por Luis Verney no seu curiozo *Verdadeiro Metodo de Estudar* (Valença, 1747) publicação anonima em que se anticipou aos posteros em muitas verdades então desconhecidas.

antiga — *levar remos!* — que ordena dispersão. Assim, em Jorje Ferreira no final de uma cena:

> — Nem eu creio menos dessa pessoa e lonje
> vá o mau agouro. Ora *leva remos,* ivos comer e
> untai vossas barbas...
>
> *Aulegrafia* — fol. 90.

Levar remos é andar, seguir e proseguir. Na mesma comedia:

> — Contai (a historia).
> — Ora, ouvi *remar.*
>
> *Ibidem,* fol. 93.

isto é, *ouvi a continuação.* N'este mesmo sentido de proseguir, levar por diante qualquer questão, temos no *Auto do Procurador:*

> Estou já nessa demanda
> A *levar* nella por banda
> Os meus vinte e cinco *remos.*
>
> *Obras* — 121.

Parece-me, pois, que de *levar remos* se formou o *levar rumôr* do linguajar plebeu (1).

---

(1) *Leva rumôr!* ocorre varias vezes no romance realista *O cortiço* de Aluizio Azevedo, e deve ouvir-se frequentemente em *cortiços* ou estalajens.

* * *

Toque de Aragão

O *toque de Aragão* ou o *sino de Aragão* para indicar a hora de recolher, sempre pareceu fraze brazileira e até fluminense. Por lejitimal-a, um dos nossos historiografos descobriu um chefe de policia de apelido *Aragão,* dos começos do seculo XIX; e a questão se julgou acabada.

Certamente por isso, rejistrou-a Gonçalves Viana como expressão brazileira, abonando-a com um trecho de procedencia tambem brazileira (1).

A fraze, porem, não parece ser nossa; e antes creio que veiu de alem-mar.

Está no *Anatomico Jocozo,* onde se consagra (II, 247) todo um capitulo «Ao tremendo Padre Mestre Dom *Relojio de Aragão*».

O sino Aragonez teve nomeada peninsular e foi o projeto da celebre *campana de Huesca,* tal e tamanha que se devia de ouvir em todo Aragão, e era afinal uma patranha do velho rei dom Ramiro que, para o finjido fim de fundil-a, convidou ricos homens e principes e tendo-os reunido mandou cortar-lhes as cabeças.

Foi isso no seculo XII (1164) e desde aí a campana de Aragão ainda sôa aos ouvidos. D'ella trata

---

(1) G. Viana — *Apostilas,* I, 80.

Fradique Espinola na sua *Escola Decurial*, II, 127.

Parece que ao tenue fio da antiga fraze ainda semi-viva deu vigor e vida o toque de recolher do terrivel Aragão policial.

> O *sino* é já *acabado*,
> E a justiça anda agora
> Nos outros de caza fora.
>
> Chiado — *Obras*, 145. (1)

Tarde e depois do *Aragão* é que saíam e ainda saem as justiças a cavalo e a dormir.

* * *

Frazes da Biblia

São numerozas as frazes do antigo e novo Testamento que se tornaram proverbiais, na redação literal ou ainda sob disfarçados circunloquios.

Assim o ATIRAR A SUA PEDRINHA aos acuzadores faceis, é a mesma balda dos que apedrejavam a adultera. E diz-se na *Ulizipo*, parafrazeando o Evangelho:

> Quem for mais inocente e simples na tenção *lance a primeira pedra*...
>
> A. IV, cena 6.ª

Ainda da biblia veiu a *pedra de escandalo* (Izaias VIII, 14). E o **lavar as mãos**, não foi tomado á criminoza indiferença de Pilatos. (S. Mateus, XXVII)?

---

(1) A este propozito escreve Alberto Pimentel na edição do Chiado, a nota seguinte: «Havia o costume de *correr o sino* das oito para as nove horas da noite... Soropita referindo-se ás noites do Ano bom e santos Reis diz «serem noites privilejiadas em que não correm o sino». No Porto chama-se ainda a este costume tradicional — o *sino dos mariolas*. Ibid. 145.

E a **Maria vai com as outras** e mais explicitamente **as tres Marias** no *folk lore* portuguez e romanico referem-se ás tres Marias da Lei nova: *Maria*, N. Senhora; *Maria*, Magdalena, e *Maria* irmã de Lazaro. Mas no mundo como na linguajem ha *mais Marias*.

Do *languedoc:*

Se s'en van *las tres Marias*
Toutas tres à bras à bras.

A. Atger — *Poés. pop. en l. d'oc*, 60.

Os nossos escritores misticos tambem as reuniram no mesmo cheirozo ramalhete:

Muito de manhã partiram *as Marias* para o sepulcro, mas ainda assim já era saido o sol quando chegaram.

Bart. do Quental — *Medit.* II, 14.

O ditado *Maria vai com as outras* é o equivalente do proverbio classico — *os carneiros de Panurgo* — que Rabelais com tanta graça popularizou. D'esse fala J. Ferreira Vasconcelos n'uma das suas comedias e, só por isso, aqui o incluimos porque os proverbios recentes de orijem franceza não nos interessam.

— Por velhas as tenho eu já; mas que ha homem de fazer? senão *como carneiros saltar uns atraz de outros?*

A aluzão aos carneiros de Panurgo é bem transparente.

O belo nome de Maria com o cristianismo tornou-se tão generalizado que passou a dezignativo do sexo. Nas *Frazes feitas* já estudamos a interessante formação *marmanjo* de *Marimacho*, equivalente a mulher homem ou homem mulher, madraço. Em todas as epocas da literatura encontramol-o como termo geral. São exemplos:

a *Maria cazada* do proverbio:

Então *Maria cazada*, hajam as outras más fadas.

Eufrozina, fol. 27.

a *Maria de bons pés:*

Fui eu, *Maria de bons pés*, fui muito correndo.

Eufroz. fol. 36.

E eu *Maria de bons pés* com o meu coração sem malicia nunca outra coiza fazia.

Ulizipo — III, cena 3.

a Maria Pinheira:

Quando te disserem — *Maria Pinheira* é mouca — olha que vem a dizer que percebas o que te dizem.

Bento Antonio — *Aldeia na Corte*, 209.

Aqui houve deturpação do nome que é *Maripalreira* ou *Maria palreira* a que fala pelos cotovelos e corresponde á *Marisabidilla* dos castelhanos (1) trocado em *Maria Pinheira* por pertencer *Pinheiro* ao onomastico vulgar. Empregou-a Filinto Elizio que conhecia o copiozo vocabulario do povo, na tradução de uma das fabulas de Lafontaine:

Entra *Maripalreira*
A dar a taramela
Fala n'isto, n'aquillo — fala em tudo.

Obras — XIII, 283.

E tambem a *Maria arreganhada* ou rizonha equivalente a *Marirrisa* (2) espanhola:

— Tenho raiva a esta pequena por ser outra *Maria arreganhada* como seu pai.

Figueiredo — *Teatro* — X — pj. 201.

---

(1) Gonzalo Correas — *Vocabulario de refranes*, 617.

(2) Desculpa-se Filinto do plebeismo, em nota, escrevendo: «*Bacharela muito espevitada* é tão comprido para entrar em verso... e tão prozaico; falta-lhe tanto o pico, a aluzão e a graça...»

Do ditado — *Marirrisa, hija de Pero Afun* — rejistrado em Correas, 442.

De uma d'estas diz o epigrama de C. Guerreiro:

Mostras bem pouco juizo
Em te andar *arreganhando*
Sem veres como, nem quando.
É fraze o espojar com rizo
Fraze que em ti vem frizando.

Epigramas, pj. 238.

Outras *Marias* já se deparam cristalizadas em vocabulos inteiriços, em dois nomes de insetos:

Mari-poza
e *Mari-bonda* (1)

e de planta comestivel, uma portulacea que crece no Brazil:

Maria Gomes
ou *Maryogomes*. (2)

Na literatura classica peninsular ha constantes referencias a uma personajem proverbial que simboliza nas historias da *carochinha* o tempo das fadas e das varinhas de condão, i. é.

o tempo de Maria Castanha.

Esta *Maria Castanha* tem cunho de muito mais valia que os *Afonsinhos*. Na satira a umas beatas, disse um poeta, referindo-se ao costume obsoleto de andarem as damas encerradas:

Esses pontinhos no trato
Uzou *Maria Castanha*,
Hoje a gente que é viuva
Quanto mais nobre, mais lhana.

Fenis renacida I, 342 (ed. 1746).

---

(1) A forma uzual *maribondo*, não é a primitiva. *Bluteau* rejistrou *Maribonda* e assim G. Pizo (maribon*da* lusitanis insectum). — Em geral, os nossos etimolojistas derivam a palavra do *bundo*, o que não exclue a compozição apontada, pois o mesmo se deu com o nome *Maria Gomes* (do bundo *ngombe*, boi) planta tambem chamada *lingua de vaca* em varios lugares do Brazil.

(2) Leia-se a nota antecedente.

Nesta cidade de Lisboa ha muitos anos em tempo de *Maria Castanha* houve um cidadão rico e de letras e de cargos nobres por nome Ulizipo.

Ulizipo — prologo, pj. 11.

e ainda no *Teatro comico*, III, 309, nos *Encantos de Amor*, do satirico Alexandre A. de Lima, finje-se o dialogo entre um estranjeiro e uma regateira:

— Mim quereri *tomari castanhi*...
— *Maria Castanha* sel-o-á elle mas a sua alma: ainda que o não entendo...

II, cena 2.

E outros exemplos numerozos. (1)

Outra fraze biblica é a do *caminho de Damasco* quando S. Paulo foi deslumbrado por subita conversão *cum appropinquaret Damasco*.

* * *

De Salomão é a sentença de que infinito é o numero de loucos ou estultos:

Numero infinito monta
O dos tolos, vou contado
Nelle posto que me afronta.
Mas quem quer fugir da conta
Esse é o mais refinado.

Couto Guerreiro — *Epigr.* pj. 253.

E se em Salomão se simboliza a ciencia, em Job sempre se figurou a penuria e mau trato:

— Izabel, da cá estas cartas.
Eil-as aqui. Que dizer?
— Ó Jezu! Como *estão Job!*

Chiado — 133. (2)

---

(1) *Mariseca* é outra forma que se depara em A. Prestes — *Obras*, 255.

(2) «Mizeraveis» explica em nota A. Pimentel. E talvez rotas.

Á de Job sucedeu depois a *pobreza franciscana*, dos frades de S. Francisco que nada podem ter de seu.

Outra fraze é

não levanta a perdiz o vôo
ou a *perdiz voa rasteira*

que de certo poderia ser tomada da observação uzual ou dos caçadores, mas é provavelmente orijinada em uma lenda da fujida do Egito onde na tradição popular figura o cazo, conforme se verifica de varias coplas peninsulares:

E *al vuelo de una perdiz*
Se la ha espantado la mula
Y dijo la santa Virgen:
Maldita seas por ave —
Y dijo el niño de Dios:
— La pluma, que nó la carne. (1)

Tambem de orijem sagrada são os ditados:

Isto é **outro cantar** (2)
ou, **Outro galo te cantara**

Que se refere ao conhecido epizodio da paixão em que Pedro negava a Cristo, e então cantou o galo.

Entre os versos populares do Alemtejo, colhidos por A. Pires, ha esta quadra:

Se São Pedro não negara
A Cristo como negou,
Outro galo lhe cantara
Melhor que o que lhe cantou.

---

(1) Nos *Cantos populares españoles* de F. R. Marin IV, 167. Na historia santa do *folk lore* figuram naturalmente muitos animais, a serpente que tem a cabeça calcada e chata, a perdiz que não vôa alto, as andorinhas amigas de Jezus que arrancaram os espinhos da coroa, etc.

(2) «Mas as (odes) que foram escritas com tinta orijinal e estreme... *isso é outro cantar.*» Filinto — *Obras* (ed. Lisboa) IX, pj. 58.

É natural que ao alanceiar das grandes comoções d'alma, como nas dores do corpo, se invoquem os santos.

Mas cada um desses bemaventurados tem virtudes especificas e a intercessão distribue-se pelos seus valimentos profissionaes.

Santa Barbara aplaca a ira das tormentas e o fogo dos coriscos:

> Alguma muza serena
> Que *tempestades aplaca*
> Com a sua luz me acuda
> Neste *trovão:* Santa Barbara!
>
> Brandão — *Pinto renac.* 151.

Santiago! *São Jorge!* nas Espanhas é senha e é grito de guerra:

> Antonio de Faria saiu então do toldo aonde estava com obra de quarenta soldados e *bradando por Santiago* deu nelles com impeto.
>
> F. Mendes — *Peregrin.* XL, pj. 48. (1)

No *Auto do Procurador:*

> ... dom Braz é tão drago
> Quem me vem *dar Santiago*
> A furtar-me a paciencia.
>
> Prestes — *Autos,* 156.

> E como quer que a terra fosse trabalhoza, elle *chamando Santiago* fez a volta sobre os mouros.
>
> Rui de Pina — *C. D. Duarte,* 185.

Ao começar, *davam Santiago,* os espanhoes nas pelejas contra os incréos e mouros. *Santiago* é o padroeiro da cristandade na peninsula e a elle, em romaria, acorrem todos os devotos na paz como na guerra guerreiada.

Outra formula frequente que se juntava a *Santiago!* era de — *cerra Espanha!* que ainda ficou popular por muito tempo. D'ella com

---

(1) Nos *Ineditos* de hist. portugueza III, 24; *Fenis,* II, 186 e em todos os autores antigos e modernos que trataram de batalhas; o que escuza abonar o termo com outras documentações.

Cf. *Cerra Espanha* — Teatro comico I, 214.

graça aproveitou Antonio Jozé na *Vida de Dom Quixote*, na guerra que o cavaleiro andante moveu ao parnazo:

> Com esta espada hei de vencer a quantos poetas ha no mundo. *Cerra Espanha*, viva Apolo, morram traidores!
>
> I, cena 8.

Antiga invocação era a de

corpo de S. Fernando!

que encontramos, por exemplo, em Gil Vicente:

> Ah *corpo de S. Fernando!*
> Estão os outros jentando
> E cantaremos?
>
> III, 72.

Alude aos padecimentos e martirios do *Infante Santo* Dom Fernando, no seu cativeiro em Africa, de que estão cheias as historias e cronicas portuguezas.

***

Historias do Trancozo

— São historias do *Trancozo* — dizemos das historias mentirozas, falsas ou incrediveis.

A expressão explica-se pela afluencia de duas fontes de carapetões e a mais principal é a das proprias historias de um antigo mestre escola publicadas sob o titulo:

— *Contos e historias de proveito e exemplo* por Gonçalo Fernandes Trancozo (Lisboa, 1585).

O livro teve muitas edições e tornou-se popular. É uma imitação do *Patrañuelo* de Juan de Timoneda, do mesmo seculo.

A outra fonte são as famozas profecias de Gonçal'Annes Bandarra, o sapateiro de Trancozo.

É o que basta para caracterizar as *historias de Trancozo*.

Premiado ha de ser como merece.
Por premio tenha um livro do *Trancozo*
E saiba que não quero escrupulozo
Da Oração reparar em muitos pontos
Este livro lhe dou por ser dos *contos*.

Obras post. do Cego — pj. 50.

A grifa parideira

A *grifa parideira!* foram palavras profeticas do Bandarra e que fizeram ferver o miolo aos seus ingenuos supersticionarios.

E é dos seus lugares comuns.

Lá diz o insigne sapateiro em versos xacocos:

O rei novo é levantado
Já dá brado;
Já assoma a sua bandeira
Contra a *grifa parideira*
La gomeira
Que tais prados tem gostado.

Trovas, n. LXXXVII.

E outra vez ainda com a mesma sensaboria:

Já alevanta a bandeira
Contra a *grifa parideira*,
Que tais pastos tem comido...

Trovas, n. C.

Vejo um grande Rei humano
Alevantar sua bandeira,
Vejo como por peneira
A *grifa* morrer no cano.

Trovas, n. CXLV.

Haviam de ser melhores os sapatos de correa que elle fazia em Trancozo.

Ainda nas *Trovas ineditas* que publicaram em Londres, por embuste (1) aparece a grifa terrivel:

Vejo a *grifa parideira*
Juntada com uma serpente,
E vejo que muita gente
Tem d'isso muita canceira.

Trovas ined., pj. 30.

O Padre João de Vasconcelos, bandarrista consumado, no seu curiozo livro da *Restauração de Portugal* (2) dá explicações escuras d'esse e de ou-

(1) *Trovas ineditas*, Londres, 1815.

(2) *Restaur. de Port. prodijioza*—1644. Saiu sob o pseudonimo de D. Gregorio de Almeida, *uliziponcnse*. Na lição deste autor, na primeira trova citada, verso 5.º, em vez de *la gomeira* deve ler-se LOGOMEIRA; o exejeta pesquizando o sentido da abstruza palavra, consultou pessoas antigas e capazes que lhe disseram ser—vaca *logomeira* a que não contente com o pasto proprio anda a comer pelos lugares alheios.—E (acrecenta) deriva «do nome de *lugar* que nossos antigos chamavam *logo*, donde ainda se conserva nas palavras das excomunhões: *Nem fogo, nem logo.*»

Na III parte da mesma obra voltando ás suas interpretações já dadas, o P.e Vasconcelos repara que o verso (acima transcrito)

Já dá brado

tros enigmas. A *grifa parideira,* já se adivinha, é Castela expansionista; e o sapateiro

> chama *grifa* porque, como escrevem os naturaes, os *Grifos* «sunt animalia pennata et quadrupedia...» E é reprezentada individualmente Castela por suas armas constarem de leões e aguias.
>
> O que se confirma com as Aguias imperiais, de que uza Castela, se chamarem *grifas.* Chama-lhe *parideira* por que se fez senhora de tantos reinos por cazamentos de Ifantes que deu a varios reinos donde em Italia se lhe fez aquele celebre distico

---

aparece em outras copias com outra lição:

Já *dobrado*

variante que ao exejeta parece mui boa e natural porque el-Rei se dobrou á vontade e aos dezejos e ancias do seu povo.

Seria lição inadmissivel, não por insensata que pouco sizo haverá nos profetas, mas porque não condiz com as palavras do outro bandarra, o Salutivo citado por Vieira:

> Alla verrá de Lixbona
> Una illustre persona
> Cuja fama ja resona
> Por toda parte y lado
> En el mundo *dará brado.*

Vê-se logo por aquelle dezalmado *verrà* que a citação é infiel e de espurio castelhanismo. A verdadeira é a que dá Souza Pereira:

> Verra de la gran Lisbona
> Chiara & illustre persona
> Adorna d'ogni opera buona,
> Il cui nome risuona
> Per tutta la terra, & lido
> Per tuto gira il grido.

Bella gerant alii, tu, felix Austria, nube,
Quæ Mavors aliis, dat tibi regna Venus.
.....

R. de Port. — I, 124.

Outro bandarrista e teologo Souza Pereira procura a concordancia das trovas apontadas com algumas palavras de S. Izidoro e da Sibila Cassandra (1). Não é muito que até Holanda pague o que não fez e passe igualmente por sequaz da *grifa:*

> Todos estes (holandezes) entraram a vendimar em nossa vinha, achando os muros e portas derrocadas, entrando diante a *grifa parideira*...
>
> Velozo de Lira — *Espelho de luzitanos*, pj. 117.

O padre Vieira aceita a mesma explicação de Vasconcelos pois que a confirma em seus pormenores. (2)

***

Ao celeberrimo **ladrão gaião** referi-me algu-

---

(1) Pedro de S. Pereira — *Maior triunfo da monarquia luzitana*, 1649 — pj. 71 *(mihi*, 61). É uma resposta e dezagravo ao livro celebre de Caramuel, o *Philippus prudens demonstratus* (Antuerpia, 1639).

(2) No seu *Quinto Imperio* — publicado nas *Obras ineditas*, I, 83 e segu. — Não sei se é erro de impressão a forma *gripla* (duas vezes) por *gripha*. O P.e Vieira separa-se de Vasconcelos (e sempre sem o nomear) na interpretação de outro enigma do Bandarra

Gente de casta *goleima*.

Para Vasconcelos goleima (comilão?) vem de *Golias* e quer dizer casta ou gente baixa. Para o P.e Vieira é a casta ou raça alemã.

res, (1) brigante, bandido, e salteiador que com outro de alcunha *Sol posto* infestou a peninsula e entrou, com igual direito, pela literatura dentro.

Disse quem elle era o autor da *Monarquia luzitana:*

> Aquelle famozo *ladrão gaiam* de que confuzamente se fala foi homem poderozo; era alcaide de Santarem, pouco aceito ao povo e devia ser nas materias de justiça severo, por isso não foi a sua memoria agradavel a gente vulgar.
>
> *Monarquia luzit.* III, cap. 10.

E, pois parece que alem de carniceiro era juiz venal, porque depois disto jamais cessam, seculos adiante, as referencias de escritores.

> Porem sua caza era
> ... caza do *ladrão guaião.*
>
> *Fenis,* IV, 264.

A palavra tornou-se obsoleta. (2)

---

(1) No glossario que compuz para a *Arte de Furtar* da ed. Garnier — *sub v. Sol posto.*

N'aquelle glossario propuz a emenda *gaião* em vez de *jaiam;* mas esta forma é diferente (equivale a *gigante)* e tambem existe no castelhano. A correção, pois, não tem lugar.

A forma *jaiam* foi tomada dos versos:

> E comecei de roncar
> Como un *jayan* malandrin...

ainda que caiba o sentido de *gaião,* e os dicionarios não rejistrem nem uma das duas formas, a emenda não parece necessaria.

(2) O nome *Galhano* que aparece (na *Acad. dos Sing.* II, 30 e 32 e em outros escritos, v. g. Jozé de Souza, 30) com o sentido de louco ou astrologo é o do autor de um reportorio ou lunario do tempo.

* * *

Assobiar ás botas

O *assobio* é um dos recursos uzuaes de linguajem entre camponios, a grandes distancias. *Assobiar ás botas* é como pedil-as e por assobio, isto é, sem circumloquio e sem palavras, quando a occazião urje e é precizo fujir sem perda de tempo.

Assobiar ás botas é fujir ou sair precipitadamente, e baldar ou faltar a promessas feitas. É fraze antiga e de uzo sempre constante nas varias epocas da nossa literatura.

No seculo XVI:

> A um ruim, ruim e meio; amor mostra mil vias de enganar, prometendo francamente, de promessas as faço eu ricas; ao tempo da paga, *assobio-lhe ás botas*, nunca faltam escapulas.
>
> *Eufrozina* — II, 7 — fol. 89.

E sempre nas epocas seguintes:

> Uns se metem pelas portas,
> Outros lhe largam as capas,
> Este lhe *assobia ás botas*.
>
> *Fenis renacida* (2.ª ed.) III, 173.

Em dois lugares do Anatomico Jocozo:

> Quizeste ser moço daquelle cego por lhe tocares a gaita, pois com o dinheiro lhe *assobiaste*

ás botas que sempre foste magano de assobio. (1)

I, 174.

Era tenor um pintaroxo, falsete um pintasilgo, e contralto um melro garraio que podia *assobiar ás botas* ao maior muzico.

II, 166.

Já n'este ultimo exemplo, *assobiar ás botas* significa: ficar lonje, exceder, avantajar-se.

Pela analojia entre *botas* e *sapatos* foi tambem a locução aplicada ao jogo da *sapateta:*

Assobic-lhe aos pés a sapateta
Lancem-lhe mil tanhos sobre a tola.

Frei Simão Antonio — *Oraç. acad.* 19.

---

(1) **Maganos de assobio,** mais comum entre negros, são os que gostam de assobiar e por assobios se entendem. Gerardo Escobar nos seus *Cristaes d'alma* aplica este modismo a certos olhos que tambem falam sem ser por palavras.

Uns f. da p..., uns olhos
Tão *maganos* que são negros...
.....
Manganaços de assobio
Quando conquistam travessos.

(Ed. 1690) pj. 47.

E em D. Francisco Manoel

São vocês *maganos de assobio;* pois já agora, *assobiem-me ás botas.*

Feira de anexins, 153.

Tanto em Portugal como no Brazil é costume chamar os guardas de policia por meio do assobio ou apito.

mas sem injuria do sentido proprio da palavra. E com este significado ficou sendo uzada. Na sua celebre Carta X, feita de proverbios e ditos idiomaticos, escreveu o Cavaleiro De Oliveira:

> Chegou o nosso pequeno... e já pela escada acima vinha cantando um menuete novo a modo de quem *assobia ás botas*.
>
> *Cartas* — I, 157.

***

Mafoma e o oiteiro

Ha um antigo dito dos arabes muito divulgado que é o de Mafoma e da montanha, tam repetido dos nossos escritores de quinhentos:

> Si no va *el otero a Mafoma*, que venga Mafoma al otero.
>
> *Ulizipo* I, cena 6.

e a variante do Chiado:

> *E pois agua não vai ao moinho,*
> *Que vá o moinho á agua,*
> P'ra tudo ir por seu caminho.
>
> *Obras* — 73-74.

Esse modismo tem raizes mais profundas que as da historia de Maomet. E é ainda um vestijio desse pensamento oriental a sentença do Evanjelho de São Mateus:

> Porque na verdade vos digo que se tiverdes

> fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa d'aqui para acolá e elle ha de passar.
>
> c. xvii, 19.

Ou, segundo a formula uzual: — a fé abala as montanhas — «*Por fee os montes se mudam*» diz Jorje Vasconcelos na *Eufrozina* II, cena V.

Uma das fontes d'este aforismo depara-se no *folk lore* dos arabes, nas antigas historietas do santo varão Djoh'a, que rezumimos assim:

> *Djoh'a* fazia vida de santidade. — «Mas, disse-lhe uma vez um incredulo, não ha santos sem milagres. Ordenai que aquela palmeira que está ao lonje venha a ti, e eu acreditarei.»
>
> *Djoh'a* mandou que a palmeira viesse; a palmeira, porem, não obedeceu á ordem do santo. E eis que este se levanta e se põe a caminho...
>
> — Aonde vais? perguntou o incredulo.
>
> — Não sou orgulhozo, mas humilde, respondeu; a palmeira não veiu a mim; irei, pois, a ella. (1)

***

Que tem uma coiza com a outra?

Ha muitos modismos que indicam a disparidade ou a extravagancia e contradição de objetos que a cazo ou a propozito se defrontam.

---

(1) O texto orijinal foi colhido por R. Basquet e publicado na *Rev. des trad. pop.* xix, 311.

No *Auto do Procurador,* de Antonio Prestes, ha a seguinte coartada:

—Sabeis que cá chove ha dias
Que não bastam já gamelas?
— *O que hão botas com chinelas?*

Obras, 158.

Em Jozé Ferreira a imajem é de outra especie:

—É de congruo, pois o estudamos.
—Que *diabo tem de ver o congruo com os amores?* ali entra malicia.

Eufrozina—fol. 59 v.

De todos esses dizeres, o mais vulgar e plebeu é o

que tem o ... com as calças?

Gov. do mundo — I, 82.

Na coleção de *Refranes* da Catalunha, editados por Sbarbi (IX, 205) ha a variante:

Que te que fer lo c... ab las quatro temporas?

que é tambem do castelhano: *¿que tiene que ver el c. con las cuatro temporas?*

Naturalmente todas estas variantes semanticas remontam e confluem a uma formula primitiva de identificação de coizas que se enumeram seguidamente. É o que se vê, por exemplo, em Bernardim Ribeiro:

Tornada ella onde Aonia estava lhe contou tudo *couza e couza* que não ficou nada.

Menina e moça—Cap. 27 *in fine.*

Á enumeração natural sucedeu fazel-a aos pares: *coiza com coiza.* Efetivamente, em uma *Carta de um portuguez,* manuscrito da Biblioteca de Madrid e publicada por Paz y Melia, encontramos o ditado na sua forma atual:

> «O nosso general João Mendes está podre de que não se faz *coiza com coiza.*
>
> *Sales españolas* — I, 332.

A mesma expressão nas *Cartas* de Dom Francisco Manoel (—1.ª ed.—334) e *Apol. dialog.* (paj. 11).

Em uma das *Cartas* de Sá de Miranda achamos a expressão analoga:

«Não diz ora com ora»

> Se eu isto estimado agora,
> Vira como dantes era,
> Por meu conto avante fora,
> Mas não diz *ora com ora,* (1)
> Vão-se como ao fogo cera.
>
> Sá de Miranda — I, 222.

Em outro lugar, no prologo da comedia *Estranjeiros,* em linguajem mais sinjela, chã e compreensiva, diz o mesmo poeta:

> Agora parece que me estranham inda mais,
> parece-vos que *não diz a fala com os trajos?*
>
> Idem — II, 73.

---

(1) Parece-me ser *ora* (hora); mas é possivel que tenha afinidade com *oura* (fronte) cf. *orates.*

Pertence á mesma serie de ideas o

não diz a cota com a verdugada.

Em uma das suas notas ás Fabulas de Lafontaine, para justificar o termo *conchavar,* escreve Filinto Elizio:

> *Conchavar!* palavra baixa! não reparais, papalvos, que são uns aldeiões os que falam; e que ha de dizer a *bota com a verdugada?*
>
> *Obras,* XII — 155.

Bota, aí está em lugar de *cota,* e com esta verdadeira forma é que se exprime Figueiredo:

> —É o que se uza.
> —*Não diz a cota com a verdugada.* Estes calções e estas cabeleiras pediam uma cazaca do seculo de quinhentos.
>
> *Teatro* — XI — 47.

Significa: não diz ou condiz a *cota* ou corpete com a *saia.* As *saias* eram *averdugadas* quando tinham barbatanas para lhes aumentar a roda, moda que depois passou ás senhoras nas saias de *balões,* crinolines ou donaires, como lhes chamavam os antigos.

É, por isso, provavel que no modismo plebeu citado se houvesse deturpado a fraze mais conveniente

que tem o *coz* com as calças?

onde *coz* indica o cinto dos calções; e *calças,* como então se chamavam, eram as *meias* (1).

Vale a pena anotar ainda que *coz* tem alguma analojia, para o ouvido, com *coiza.*

A propozito da expressão *cota* e *verdugada.*

Nas *Chansons du* XV^e^ *siècle,* publicadas e explicadas por Gaston Paris na primoroza coleção dos *Anciens textes* depara-se com sentido especial *cotte verte:*

Que plus n'allon a la petite porte
Luy et moy a mynuit querir la *verte cotte.*

Alude á ação de deitar-se sobre a relva, o que naturalmente mancha de verde os vestidos. Com sentido equivoco, ficou proverbial.

***

Expressões juridicas

Muitos dos vocabulos empregados nas ordenações e leis antigas pelo repetido uzo que delles se fazia, ficaram cristalizados em formulas ou ditos prover-

(1) *Calças* e *meias.* V.ª na I serie das *Frazes feitas* o modismo *Dar ás de Vila Diogo.*

biais. De ordinario, pouca ou nenhuma dificuldade de exéjeze oferecem.

Seja, para exemplo, o

fora de vila e termo

que se aplica a coizas fora de ordem, de lugar, de tempo, ou a tudo que não vem ao cazo, por extravagante e sem cabida. As autoridades municipais tinham natural jurisdição dentro dos limites, mas de certo exorbitavam se a estendiam fora de vila e termo.

> Eu conheço esses; tem um estilo forjicado em breves sentenças e nunca *saem fora de vila e termo* e nem se alongam...
>
> *Eufrozina* — 116 v.

> E eis que me acho em meio de um dezerto, eu e meu viandante, cercado de bandoleiros, homens de rostos atrozes, costumes *fora de vila e termo*...
>
> Dom F. Manoel — *Apologos*, 78.

> E querendo cobrir com a joeira de uma ciencia imajinada o céo da minha clareza, *sai fora de vila e termo* da resposta, lançando as bravatas de sabichão maduro.
>
> *Anatomico*, II, 28.

Mais restritamente dizem tambem — *fóra de termo* — e por uma leve alteração

fóra de termos

o que já envolve um sentido diferente para o vocabulo *termos,* que aí empregam como equivalente de *palavras.*

A locução tambem era mui repetida, por ser uma pena frequente a pequenos delitos o simples degredo para *fora de vila e termo,* segundo o texto das *Ordenações.*

Outra fraze tomada das Ordenações antigas foi a de

baraço e pregão

Em certos crimes, se os criminozos eram plebeus, *apregoava-se* em audiencia ou nas ruas o nome dos culpados que deviam tambem trazer um *baraço* ou corda pelo pescoço, para vergonha d'elles e escarmento do povo (1). Dezapareceu esse dezar e costume, mas ficou o ditado na linguajem comum.

Tambem era distinção que se fazia nas antigas leis filipinas e manuelinas *(respectivè,* livro v., 43 e l. v., 93) a de

rixa velha

em contrapozição a *rixa nova,* expressão esta que já ninguem uza. A *rixa nova* era a briga inesperada, involuntaria ou improviza; a *rixa velha* era a precedida de premeditação.

Assim de *rixa nova,* como de *propozito*...

Ord. filip. v, 51.

---

(1) *Ord. filip.* v, tit. xvii, xix e outros.

Se as palavras forem ditas em *rixa nova*...

Ibid. v, 43.

E em cazo de ferimento quando a querela foi dada em *rixa nova*...

Ibid. v, 122.

Era privilegio de fidalgos, em certos crimes graves, ir ao degredo

de braga ao pé

O plebeu, porem, levava em taes cazos *cadeia no pé* e *colar* ou argola *no pescoço*.

As locuções juridicas — *achados de vento* — e *deitar a marjem* — são estudadas em outro lugar deste livro.

***

N'um credo

Foi sempre na linguajem popular o CREDO uma medida de tempo para exprimir a brevidade e equivale ao minuto que se despende, rezando-o.

Em Fernão Mendes Pinto, cujo frazear é sempre idiomatico, nunca erguido e menos retorico, aparece a expressão frequentes vezes:

Em menos *de um credo* foram mais de quarenta (inimigos) dentro da nossa lorcha.

Peregrinações (ed. 1765) pj. 48.

Em outro lugar, forma um multiplo, dizendo:

> De novo se tornou a travar a briga de tal maneira que *em pouco mais de tres credos* que os nossos os acabaram de matar, elles nos mataram dois portuguezes...
>
> *Ibidem*, 52.

Na mecelania poetica que anda reunida á *Cronica de D. João II*, Garcia de Rezende, descrevendo o terremoto (de 1530), acrecenta:

> Obra *de um credo* durou
> Se mais fora destruira,
> Tudo por terra caira,
> Morrera quem escapou.
>
> *Cron. D. João* — pj. 379.

> I-me esperar em a sua travessa que *em um credo* sou comvosco...
>
> *Ulizipo* — III, cena v.

Da mesma natureza é a locução *santiamen*, tomadas as ultimas palavras do persignar dos cristãos: «In nomine patris, filii et spiritus *sancti, amen.*»

N'um santiamen — foi um modismo de extenso uzo em outro tempo:

> Logo a invocação de seus poetas que iam pelos ares em bolandas (que são mais ligeiras que os *santiamens*)...
>
> *Serão politico* — 122.

C'uma destas franzinas ferramentas
Armo eu um galeão *n'um santiámen.*

Filinto — *Obras* — VI — 30.

E assim em outros lugares e em diversos autores (1).

* * *

Pescar em aguas turvas

São finorios os que enturvam as aguas para lançar a comodo as suas redes varredoiras.

O quinhentista Jorje Ferreira notava a boa fortuna desses lances supremos:

Mal vai á rapoza quando anda aos grilos e ao juiz quando vai para a forca. Pois eu ei de ver onde isto para, que *na agua envolta pesca o pescador.*

Eufrozina — fol. 65.

A fraze provem de uzo europeu, antiquissimo,

---

(1) P. ex. no *Governo do Mundo em seco* de Payva — I, 11. No mesmo Filinto — *Obras,* em outra passajem, explica o poeta a orijem da fraze em anotação aos versos:

O eloquente animal, n'um *santi ámen,*
Já pragueja, arremata, dezadora...

«*Santiámen.* Palavras ultimas do sinal da cruz, que alguns clerigos e frades, *caçadores,* pronunciam em voz mais alta e apressada como apito da missa que começam. O erudito Morais não quiz ou não soube dar-nos definição alguma etimolojica d'esta palavra composta.» *Obras,* X, 127 (da ed. de Lisboa).

de pescarias primitivas por meio de *ramadas* e *entroviscadas* com que se remexia o fundo dos rios e remansos de agua.

Entre muitos, um documento do tempo de Afonso II ordena a um certo Mendes: *nec facias ramada nec entorviscada.* Uma lei de D. Diniz tambem é contraria a esse tosco processo *(Mem. para a Hist. das Inquisições,* Lisboa, 1815 — pj. 56).

E ainda:

> E os lavradores choram o de que se ficam rindo os pilhantes que *n'esta agua envolta* são os que mais *pescam.*
>
> *Arte de furtar,* c. 56 — n. 164.

Das *entroviscadas* cobraram foro os senhores até o tempo de D. Manuel, mas essa arte de pesca, por barbara, prejudicial e nociva foi depois proibida em varias leis (1).

Com tudo, cá fora dos rios cresceram os *entroviscadores.*

Não é ociozo notar que sempre se dezignavam as crizes politicas e sociaes de outro tempo com a imajem literaria de — *aguas envoltas.*

---

1) Veja-se Viterbo — *Elucidario* s. v. *ramada* e *entorviscada.* No *Trésor des sentences* rejistrava no seculo XVI Gabriel Meurier:

> *Pescher en eau trouble.*
> Est gain triple ou double.

***

O diabo

Entra por muito o diabo nas coizas do *folk lore*, nas superstições e na linguajem popular. O diabo é numero, é tempo, espaço, medida e unidade de todas as grandezas.

Uma das medidas de tempo brevissimo ha seculos uzada é a de

Em quanto o diabo esfrega um olho

frequentemente abonada na linguajem literaria de hoje e de antanho. Nos *Encantos de Circe:*

> E pois Cupido o mais egrejio encantador, pois vemos que a cada canto encanta, *em quanto o diabo esfrega um olho.*
>
> *Teatro comico* — IV, pj. 136.

A razão deste dito deduz-se do outro tambem proverbial: *O diabo não dorme* (1), ou como diz o poeta cego:

> Mas o *diabo*, emfim, *que não tem sono*
> Não sei como ordenou...
>
> *Obras* de J. de Souza — 58.

---

(1) No *Dom Quixote:* El diablo no duerme (II, 25); el diablo no duerme y todo lo añasca (I, 20).

E esta perpetua vijilia do diabo que o faz *esfregar o olho,* por não ceder ao sono (1).

Creio que é uma facecia popular o modismo

O diabo as arma

para indicar, geralmente, a intriga ou qualquer insidia de inimigos. A fraze é moderna e parece referir-se ao perigo das armas de fogo que, segundo a excelente superstição popular, podem subitamente ser carregadas pelo demonio. Tanto assim parece ser que no *folk lore* peninsular ha algumas historietas que desta crença naceram ou a justificam; e ainda o confirma a formula castelhana — *el diablo*

---

(1) As alcunhas populares do diabo são infinitas, o *cão,* o *tinhozo,* o *sujo,* o *decho* (diacho, de *diabolus*):

Dou ao *decho* o franxinote
Simão Machado — 111 (Alfea).

O *decho* se chantou nellas!
Gil Vicente 1, 129.

e as longas imprecações que se deparam na trilogia da *Barca,* 1, 222, 233, onde se reunem os mais torpes epitetos do espirito das trevas. A mesma relijião nos seus livros introduziu igual variedade de eufemismos para evitar o nome proprio do demonio: o *diabo, diabolos,* isto é, o embusteiro, o traidor; *Satan,* isto é, o contraditor (no antigo testamento *Satan;* no novo, *Satanaz), demo* ou *demonio,* voz grega que significa o astuto, etc. Na linguajem plebeia ocorrem os mesmos epitetos de Boca do inferno, o *beiçudo,* o *corn...,* o *pé de pato.* Cumpre citar o *Mau,* de que tratamos com a explicação de outro proverbio neste mesmo livro.

las carga — uzada em circumstancias identicas. Leia-se o seguinte e engraçado exemplo:

> Es malo apuntar a una persona con armas de fuego, aun que estén descargadas...
>
> Refierese que un hombre robando pimientos en una huerta, fué sorprendido por el hortelano, que le reprendió duramente. Entonces el ladron le apunto con un pimiento y el hortelano se fué corriendo, *no fuese cosa de que el demonio cargase el pimiento.*
>
> *Bibl. de las trad. pop. españolas*, I, 232.

Mourão! Mourão!

As crianças quando arrancam os *dentes de leite* ou da primeira dentição atiram-n'os fora, dizendo as palavras:

> *Mourão! mourão!* toma um dente velho e dá-me um são.

São palavras sacramentais. Tambem as tem o *folk lore* de França:

> Tiens, *feu*, voilà ma lent,
> Rends-la moi, dans un mois,
> Blanche comme l'argent.

e os espanhoes:

> *Tajadito* nuevo
> Toma este diente viejo
> Y traeme otro nuevo (1).

(1) *B. de trad. pop.* IV--89.

Ora, em portuguez, *mourão* que as crianças pronunciam inconcientemente nem é *fogo* nem é *telhado*. Tampouco é a trave, poste ou estaca empregada em varias construções.

Mourão é um arcaismo apenas conservado naquella formula infantil e significa — *monturo* — para onde se lançam os dentes velhos e as coizas sem serventia.

Mourão deriva de *morum* (μῶρον) e é uma forma paralela de *morango*, embora com certo descaminho de sentido; equivale a montão de pedras, *mouroço* em J. de Barros (1). Nada tem de comum com o radical de *moiro, moirama* (2).

---

(1) Dic. II fol. 161, indicado por Bluteau s. v. *mouroço*.

(2) É curiozo anotar que em toda a peninsula se dizia por facecia *mouros* (de *mauros*, já se vê) os meninos que não eram cristãos. Eis uma formula castelhana com que a madrinha de batismo entregava a criança batizada aos pais: «*aqui tiene Ud. a su hijo me lo entregò moro y se lo devuelvo cristiano*. Ainda dizemos *pagãos* ou *gentios* aos sem batismo.

Veja-se a *B. de trad. pop. esp.* I, 70 Cejador e Frauca — *Op. cit.* s. v. *morena;* não conhecia o autor a formulilha portugueza e infantil que em tudo confirma a etimolojia, ignorada mas entrevista por Bluteau quando aponta os sentidos de *mouroço* e *mourão* (t. de agricultura).

VI

Equivocos foneticos. Sujeito escovado; dar trela; destrinchar; dito e feito; mistico e mixto; apanhia etc. Perdoaste o meco? cruzados mecos. Quedê, como quê, com quê, etc. Sangria e facada. Adefina. Cór e côr; acordo. Pôr de lado, e pôr de lodo (arcaismo). Aventar as pegas. Raia ou rata. Falar lila; aleli. O ai Jesus — *noli me tangere*. Roupa de francezes; caminho francez, etc. Mais vale um gosto que quatro vintens. Pai velho, pai de velhacos. Pai Paulino; paulinas. Ten-tim por tentin.

Equivocos foneticos e outras alterações

São verdadeiros *trocadilhos* (ou *equivocos,* como lhes chamavam os classicos) certas alterações populares, muitas vezes intencionais, que sofreram algumas palavras.

Aqui trataremos d'estas e de outras especies interessantes.

Em quazi todo o Brazil fala-se de

sujeito escovado

a propozito de pessoas ladinas, seguras, nunca apanhadas em falso. Ora este *escovado* não pode ser senão o *escoimado* dos antigos escritores:

> Ás vezes essas honestas e muito *escoimadas* são as que Deus sabe...
>
> *Eufrozina* — fol. 67 v.

> E mais podeis-vos fiar de mim nesta parte, porque *sou muito escoimado,* e entendo bem quanta agua demanda uma mulher de primor.
>
> *Ibi;* 74 v.

Vós sereis tambem *tão escoimado* que vireis a não achar mulher que vos faça?

Ulizipo, pj. 140.

Outra deturpação e trocadilho era a de aproximar da **perdriz** (ave) o sentido de *perda*. É o que vemos, por exemplo, em Gil Vicente, na comedia *Fragua d'Amor:*

E eu peitarei *perdiz*
E dois pares de cruzados...

Obras; II, 342.

Em castelhano tambem dizem:

ha habido *perdices* (=se perdió)

Sbarbi, I, 38.

Vê-se que é tão subtil o aparelho da linguajem que por um só resquicio delle pode entrar luz nova e diferente côr ás palavras.

***

Eil-a, uma das alterações mais curiozas.

É muito vulgar e corriqueiro no Brazil o modismo popular

dar trela

em frazes como — *Não lhe dou trela* — e outras semelhantes.

O sentido é o de dar atenção, satisfação por pa-

lavras, manter conversação com quem não o merece. É uma das deturpações mais curiozas n'esse genero.

A forma primitiva devia ser *dar tela* e á *tela* juntou-se um *r* adventicio *trela* (1).

Os classicos diziam — *dar trella* ao assunto — como se diz — soltar a *trella* aos cães. Nestes exemplos a palavra *trella* tem o significado conhecido de *correia,* e é completamente distinta da primeira.

Dar tela é dar e tomar a mão ou o turno á pessoa que inquire ou responde na conversação; é finalmente a mesma couza que *ouvir*.

E assim dizem os castelhanos

mantener la tela

que os lexicografos explicam como sendo apanhar a deixa ou tomar a palavra no dialogo e na conversação.

A jurisprudencia conserva a palavra na formula — *tela de juizo* — de que se serviu Jacinto Freire na *Vida de D. João de Castro:* «Os quais D. J. de C. mandou verificar por *tela* de juizo.» (2)

A *tela,* entendia-se na idade media, das justas, torneios e combates singulares e d'aí passou a si-

---

(1) É fenomeno comum ás silabas em *t* e principalmente *st:* rosto, *rostro,* rasto, *rastro.*

Em — *dar trela* — houve o influxo de *taramela* — dar á taramela — fraze que se emprega com identico sentido.

(2) Exemplo tomado a Bluteau.

gnificar o lugar de controversias e a audiencia dos juizes.

Dar trela é responder em contradita. (1)

***

O povo frequentemente confunde *pia* e *pilha* na expressão:

salgado como uma **pilha**

e tambem dizem *pia,* por sujestão da *pia* da agua benta, que é salgada.

> A banha não é salgada e essa está como uma *pilha.*
>
> Malhão — *Vida e feitos,* II, 77.

Tanto a *pia* como a *pilha* ou montão de sal tem a mesma orijem.

Em geral os sabios da fonolojia que são contraditoriamente aqui rigorozissimos e acolá acomodaticios, não se contentam com o latim *pila* e inventam *pilla* ou *pilea,* e com *pillum* e *pilum,* ha os mesmos passes majicos; por que é forçozo que orijine *pelo* ou *pêllo, pilhar* (tirar o pêllo) e até provavelmente *pilheria* (cf. o esp. *pillado* = sagaz, astuto) de uma forma com duplo *ll.*

Não ha linguas puras senão por falsa hipoteze, como tambem, sem mentira, não ha povos sem mistura. São os dialetos infinitesimais que compoem as linguas: não são, aquelles, cauzas de perturbação, mas ao contrario são os proprios tecidos organicos da lingua. Cada individuo que fala é tão individual como dialectal.

Ha na ciencia da fonetica assaz do excesso malsão com que não

---

(1) Depois de escritas as linhas acima sae-me á vista um lugar das *Bernardices* em sermão burlesco: «*Date tella,* como elle me tem dito já algumas vezes; e para a noite grelos cozidos...» pj. 125-126.

ha muito na medicina se dezamparavam os cazos clinicos por amor das abstrações e se estudavam a *tizica* e outras entidades imajinarias, a custa dos pobres doentes.

Entre gramaticos a coiza é menos grave por inocua; mas reconstruir o latim por meio do romance é pura esterilidade silojistica, e é praticar uma especie de paleontolojia *amusante;* as etimolojias achadas por esses processos hipoteticos e idealmente rigorozos parecem-se á resposta que dão as crianças á pergunta: — «De quem é filho? — Sou filho de meu pai.» Não ha nada mais certo, mas tambem como esclarecimento...

* * *

Na locução muito comum e aparentada de *trança (trencha):*

destrinchar um negocio (1)

é evidente a sujestão de outro vocabulo mais proprio — *desintrincar* — que melhor exprime o que se quer dizer. Emprega-a Filinto:

> Em tudo se ostentou grão sabichão,
> Pronto *desintrincou* qualquer questão.
>
> F. Elizio, III, 97.

Outra alteração comica é a da virtuoza

agua de malicia

muito empregada pelas alcoviteiras que conheciam os simplices para desmaios, aborto, as ervas de amor e outras maravilhas.

No poema eroi comico da *Bertéida* uma velha benzedeira aconselha:

> *Jaleco de prelado,* uma delicia,
> *Masturado* com *auga de malicia.*
>
> Canto III, est. 38.

---

(1) Ou antes *destrinçar:* «Então julgará o leitor do merecimento d'elle sem que o ensinem a *destrinçar* sistemas, escolas e metodos e centenares de subtilezas.» C. Castelo Branco — *O Judeu,* II, pj. 6.

A mesma expressão ocorre no entremez em versos *O tutor Enamorado:*

— Espera, espera, menina
Que eu nesta aljibeira trago
De boa *agua de malicia*
Um vidro bem atacado.

pj. 5.

é a agua de melissa.

Do mesmo genero é o *mestre em alhos* por *mestre em artes* (1) equivocos torpes a respeito dos nomes *Tomaz, Vasconcelos.* Quem canta *más fadas* (seus males) espanta. (Na *Eufrozina,* fol. 142 v.), *São canas com canetas,* a *filozomia,* como disse o Afonso Alvarez em resposta ao Chiado:

Em tua *filozomia*
Julgára quem foi discreto
Que és ladrão encoberto...

Chiado — *Obras,* 200.

e assim inumeras outras e tantas que só paciencia larga poderia apurar.

***

Ás vezes qualquer deturpação altera substancialmente o ritmo da fraze. Parece ser intencional a brevidade de

dito e feito

que exprime rapidez e ação pronta, em lugar da locução mais antiga e mais arrastada e prolixa — **meu dito, meu feito.**

Pois isto é ás avessas, porque eu, em tudo o sou, *meus ditos e meus feitos.*

D. Franc. Manoel — *Cartas,* 569.

---

(1) *Mestre em alhos* no *Teatro comico,* I, 197

Sem *seus ditos* d'elles e sem *seus feitos* d'ellas, espero nos faça Deus mercê de que atinemos com o que v. m. dezeja de ouvir, e eu procuro dizer-lhe.

C. de Guia, 66 (ed. de Camilo).

Serviu de mór apetito
(Disseram fortuna e inveja)
Emfim *seu feito, seu dito*
Pera al criado o sprito,
Isto só sonha e dezeja.

Sá de Miranda—1—257

E no *Filinto perseguido*, impressa com o Teatro comico do Judeu:

— Pois então, deixe-a para mim...
— *Meus ditos, meus feitos.*

Ato II, cena 2.

Nas Ordenações filipinas (v, titulo 128) lê-se: «o Julgador o segurará *de dito, feito e conselho*» para exprimir a brevidade da ação.

Uma das mais curiozas alterações de palavras foi a que realizou o bom gosto dos poetas dos seculos XVII e XVIII substituindo o *cagalume*, que se não podia nobilitar, por **vagalume**. A questão foi tratada na memoravel sessão academica de 26 de fevereiro de 1696 (1); propozeram-se então varios

(1) Nas *Conferencias eruditas* celebradas na livraria do Conde da Ericeira; reconta-a o padre Bluteau nas suas *Prozas*, 17.

alvitres: a substituição pelo nome *pirilampo* pareceu afetada, adotaram-se *Noiteluz* e *Bicho luzente* como mais proprias dezignações e recuzaram por impróprios, *fuzilete* e *vagalume*.

Todo este trabalho rezultou inutil; por que mais tarde *vagalume* (d'antes *vago lume,* como havia sido imajinado) foi o vocabulo que o uzo comum fez prevalecer.

***

Nos escritores antigos frequentemente se antolha o vocabulo **mistico** em vez de *mixto (miksto),* de que derivou por transpozição de silabas.

> A republica é corpo *mistico* e as suas colonias membros d'ella.
>
> *Arte de furtar* — n.º 178.

isto é, *corpo compozito*.

E Garcia de Rezende na *Cronica de D. João II* diz que este rei «era *mistico* em todas as coizas» por dizer que tinha instrução completa varia e enciclopédica (1).

***

Creio tambem que o influxo da assonancia irmanou duas expressões populares **caixa d'oculos** e *caixa d'ossos*. O *caixa d'ossos* é o sujeito magro ou o que anda na espinha e *caixa d'oculos,* o inutil.

---

(1) D'esta palavra tratei na *A. de furtar* (anotações) ed. Garnier, e na *Seleta classica,* ed. Alves; s. v.

Nas *obras postumas* do Cego:

Afirmo-vos que havia tal dos nossos
Que irmão podia ser do *caixa d'ossos*.

pj. 17.

Nos seculos XVII e XVIII muito correu do vocabulo **apanhía**, dito por escarneo contra a *Companhia* (de Jezus) em quem viam dezenfreiada cobiça ou sordida avareza (1). Nas poezias colijidas na *Fenis Renacida* encontramos os seguintes dois exemplos:

Feito de *apanhia*
Mistura o seu rosto etc.

I, 126.

Em Gregorio de Matos, torna-se explicito o remoque Companhia de Jezus nos seguintes versos:

Que em toda a franciscania
Não achasse um mau ladrão,
Que lhe ouvisse a confissão,
Mais que um padre da *Apanhia*.

O. poeticas, pj. 162.

Costuma o povo dizer *rompante* (saiu-se com um *rompante*) o que presupõe um verbo *rompar* que não existe. Deve ser *rompente*; assim e melhor diziam os antigos:

Entra Merlim a sua Macaronea com este *rumpente* extravagante...

B. de Castro — Recreação prov. I, 133.

E efetivamente na linguajem da heraldica existe ainda a mesma forma: *lião rompente* isto é, meio oculto, ou aparecendo em parte (2). Como se vê entre outros dos versos do seicentista Manoel da Veiga:

O luzitano Imperio
Cujos filhos valentes
São guerreiros leões, touros *rompentes*.

Laura de Anfrizo (1627) LII, *od.* 1.

---

(1) Tratei na ed. que anotei da *Arte de Furtar*, documentando o vocabulo com outros passos de escritores antigos.

(2) Desta expressão tratei na ed. da *Arte de Furtar*, Garnier, 1907.

Rejistremos, emfim, outro grupo de alterações que se denunciam em varios modismos da mesma afinidade de orijem: *cachuchos escalados* (1) e *xuxa calada,* que derivam de *chuça calada,* isto é, «baioneta calada», como hoje se diz, e era o chuço espetado no arcabuz ou espingarda.

A chuça calada significava, pois, o ataque sem dar tiro, conseguintemente silenciozo.

***

Perdoaste ao meco?

Os estudiozos da lingua conhecem a fraze plebeia como tal rejistrada:

—*Perdoem ao meco* mas não o castiguem— (2).

Mas não conhecem talvez a historia alegre que a acredita.

A palavra *meco* e a aluzão aparecem mais ou menos disfarçadas nos autores antigos:

> «Este *meco* não é de uns porretas que grozam «Retraida está la Infante» e «Pera que pariste madre»?
>
> *Ulizipo* — v, cena 7.

> Na verdade nunca fui d'esses *mecos* que fazem saudades antre valados e amam por artificio.
>
> *Aulegrafia* — fol. 44 v.

---

(1) Algures no *Governo do mundo em seco* de Paiva.

(2) V. g. no *Dicion.* de Domingos Vieira, s. v.

E outros exemplos. Desde logo se vê que *meco* é o namorado, galanteador atrevido, especie de fantasma donjuanesco, papão de raparigas incautas.

O *meco,* entidade semisilvestre, ainda leva as lampas ao luxuriozo *maganão,* que estudamos em outro lugar.

Cá o meco, dizem de si os que se vangloriam de conquistadores.

Por *meco* e por sujestão de rima tambem dizem o *marreco.*

A gloza é a seguinte:

«Aos de Entre douro e Minho costuma-se perguntar por zombaria: *Perdoaste ao meco?* Mas com muito maior razão fazem os do Minho esta mesma pergunta aos de Galiza que são os verdadeiros galegos; e o cazo é que um minhoto estando em Galiza tirou a muitas donzelas a honra e poz a muitos cazados os c... (1), do que os galegos ficaram mui sentidos e raivozos e esse tal foi chamado por alcunha o *meco,* e por isso se ofendem tanto os galegos da pulha e injurioza pergunta: *Perdoaste ao meco?*» (2)

Esta parece ser a orijem da fraze. Como quer que seja quando é pilhado o que tem culpa, logo dizem: *Cá está o meco!* (3)

---

(1) Puz pontinhos onde no original estavam pontinhas... Se acham que fiz mal, estava zombando.

(2) Bluteau, s. v. *meco.*

(3) *Meco;* de *mœchare* lat.; *meacare* ital. é a etimolojia mais apontada. No *Suplem.* diz Bluteau que o *méco* vem de um *medico* façanhozo de Braga.

O *Meco* é uma personajem trigueira de feições, fabuloza e incoercivel, inventada talvez pela astuta injenuidade das raparigas que não sabem explicar a orijem de inesperadas hipertrofias.

— Foi o *Meco!* dizem entre lagrimas.

No *folk lore* da Galiza ha muitas historietas sobre este *meco*. Uma dellas, segundo o informe de Juan C. Piñol (1), diz que com este nome havia um individuo luxuriozo e incontinente que não perdoava a donzela nem a cazada que lhe caissem ás unhas: afinal enforcaram-n'o n'uma figueira os ofendidos que eram já multidão.

Ao formar a cauza perguntava o juiz: *Quem matou ó Meco?* e respondiam em coro — *Todos nós* — com o que fujiam ao castigo e pena.

Estas e outras lendas de creação popular foram talvez ádrede imajinadas sob o influxo de palavra antiquissima que corre em todas as jirias, calós e *argots* romanicos. *Mec,* é o forte, o chefe, o poderozo, o senhor; *mec des mecs* no argot francez é Deus (no marselhez — *lo grand meco d'adaut);* a divindade gentia dezapareceu, mas conservou o maligno poder.

Salvo melhor juizo. (2)

---

(1) No seu pequeno *Dic. gallego;* s. v.

(2) Supõe Lazare Sainéan que esta palavra que nas linguas romanas figura «avec une sorte de puissance et d'autorité mysterieuse», deve ser uma derivação de *magnus,* da qual fez o escocez o seu *Mac,* chefe de *clan,* e o argot *meck* e *meg,* deus.

A palavra portugueza e galiziana pode talvez ter esta orijem.

Em circunstancia diversa e especial tem a palavra *meeo* outro sentido. No *Auto dos dois irmãos* de Antonio Prestes diz um criado:

> Ó senhor cofre meu *meco*
> Perdoe-me Deus se eu péco.
>
> *Obras* — 279.

Parece indicar o dinheiro bom, o ouro subido, de toque alto.

Affonso V fez cunhar cruzados de maior quilate para suas emprezas no exterior (1), corriam em toda a cristandade esses *cruzados* e a esse ano é que sem duvida se refere Shakespeare no *Otelo*.

Serão esses acazo os *cruzados mécos* dos auctores antigos:

> Cinco cruzados *mecos* me leva deste ferro a mulata,
> pelos quaes eu lhe ainda espero dar cinco mil pingos.
>
> *Ulizipo* — II, cena 6.

Não alcanço a orijem d'esse epiteto. (2)

***

Quédê? e Como quê

É conhecida a fraze popular *quedê?* e no Brazil *cadê?* — em vez de — *que é de...?*

Os gramaticões não admitem que se diga *quedê* e corrijem para *quéde;* mas o povo persiste em dizel-o e com toda a razão.

O acento conserva-se na ultima silaba por que

Resta, todavia, explicar o porque da coloração trigueira e morena do *meco*.

(1) Severim de Faria — *Noticias de Portugal* — ed. 1740 — pj. 175.

(2) Não sei se *meco* quer dizer *meu;* ou se é tomado a qualquer inscrição de moeda (como de uma de D. João II: — Dominus, protector vitæ, *meæ, a quo* trepidabo? —); ou se se refere aos antigos *mitkaes,* moedas do medievo na peninsula. Veja-se o voc. *metkal, mitical, mercal* em Viterbo, Yangas e outros.

envolve o vestijio do antigo artigo *lo la,* da mesma sorte dizia-se *qués* por *queres* (1).

Quedê equivale a *quedelo, qu'é del,* e assim dizem as parlendas infantis

O gato comeu o rato
— *Quédelo* gato?
O rato comeu o queijo
— *Quédelo* rato?
etc.

E ainda na cantiga popular:

— *Qué dela* chave
Que te dei para guardar?

E perfeitamente disse Nicolau Tolentino:

Coração triste em que cuidas?
Qué dela a tua alegria?
Porque cauza assim te entregas
Á negra melancolia.

Obras completas — 157 — (ed. Torres).

Outra locução do mesmo genero foi a que se formou por contração analoga

Como quê

---

(1) Reuni varios exemplos na minha *Selecta Classica.* O tradutor dos *Idilios* (de Gessner) Freire Barboza diz sempre *qués:* «Se *qués* ver a natureza» pj. 25. «*Qués* que um logar aberto procuremos?» pj. 34. «*Qués* ó Micon que a canção te repita?» pj. 35, etc.

e equivale a *como que é,* assaz frequente nos escritores classicos. Na comedia *Os Estranjeiros:*

> — E a meu aio que lhe faremos?
> — *Como que?* Diremos que esse é o que faz todas estas calabreadas.
>
> Sá de Miranda — II, 131.

E na *Pratica de tres pastores,* editada por Dona Carolina Michaëlis, diz um delles:

> Perque lhe fez Deus mercê
> De lhe entregar um verjel,
> Fresco e rico *como qué*
> Cujo nome inda agora é
> O paraizo terreel.
>
> *Ein port. Weinachtsauto,* 22.

Emfim, *como quê* equivale a *como o que é* e em outros cazos *como é que* e por isso com esta ultima sintaxe tambem se diz *com quê, com que então,* etc. Ainda se refere a este fenomeno a distinção popular marcada pelo acento em *por quê* (= por que é que) quando se pergunta e *por que* (sem acento) quando se responde.

O espanhol diz *como es possible que* ou *como que es possible que* (D. Quixote) formulas analiticas que confirmam as nossas mais contraídas e concizas.

É certo que tambem pode haver elipse ou sub-

entendido quando a fraze *com quê* dispensa qualquer repetição: *tem com quê* (viver):

Aito cuido que dizia
E assim cuido que é,
Mas já não aito bofé
Como os aitos que fazia
Quando elle tinha *com quê*.

Gil Vicente—I, 127.

Quanto á prozodia, cada cazo é distinto (1).

Outro momento interessante é o do erro ortografico de Gil Vicente quando uma vez escreveu *se é* (lat. *est)* em vez de *sê* (lat. *sedet),* desconhecendo, como em verdade se desconhecia naquella epoca, a raiz *sedere* em alguns tempos do verbo *ser*.

— Senhor, o ourives *s'he* ali.
— Entre.

G. Vicente—III, 206.

— Senhor, in-Rei *s'he* no paço.
— Em que caza?

Ibi.—III, 209.

---

(1) Veja-se a varia prozodia do *que* em G. Viana—*Apostilas,* II, 309, e as fontes latinas do vocabulo. Na *Vida do Grande Dom Quixote* de Antonio Jozé creio que o auctor escreveu *para aqui* em vez de *para quê* na cena III da parte I:

Senhor, para aqui são as lagrimas: ah senhor, que o diabo levou o meu burro.

Deveria ter escrito *sê* como ainda o povo o dizia no seu seculo:

> Porque diz o anexim antigo: Tu que *sês* na seda, qual me vires tal espera.
>
> *Eufrozina* — Prol. fol. 2

E o que ainda é melhor, dizia o povo *seí* por ocupo e habito, da orijem *sedere:*

> Não posso acolher ceitil, como dizem, terra que *sey* por madre a *ey*, tal é Lisboa...
>
> *Eufrozina* — fol. 49.

O joven e desventurado Bias Mendes (1) explicava o brazileirismo *cadê* pela formula mais pura *qu'é de;* explicação insuficiente pois não dava conta da deslocação do acento. *Cadê* como *quedê* veio de *qu' é de lo...?* ou ainda de *qu' é d'elle? que é d'ella?* frazes nas quaes o acento da voz *é* progride para a silaba seguinte.

Assim tambem a hipoteze de que o modismo do norte — *Estão ralha, ralhando, fala falando* — sejam meras traduções do tupi *(aitá oñeen ñeen oicó* — elles falando fala estão) é inteiramente gratuita; aquelle modismo é peninsular e principalmente de Espanha; emprega-o D. Francisco Manoel quando diz:

> Não! mas eu *zomba zombando*
> Perto sou donde ei de entrar.
>
> *Fidalgo aprendiz* — jorn. III.

* * *

Levar uma facada

Dar ou *levar facada,* de dinheiro, entende-se, é

---

(1) No opusculo *Estudos Americanos,* 1905 — pj. 125.

fraze entre nós tão vulgar como o é esse mesmo mau costume de boemios.

Em Portugal deve haver o mesmo uzo, se não ha a fraze. Entretanto, é do Tolentino:

> Quando todo o ginja rico
> Para a caza a prôa inclina,
> Por temer *facas de bico,*
> E cuida que a cada esquina
> Lhe lança mão o *joanico*...
>
> *Obras* — (ed. Torres) 239.

É já uma adaptação de outra mais antiga e que tambem faz correr sangue: *dar uma sangria* ou

sangrar na veia d'arca

N'esta formula houve naturalmente a intenção de aprossimar as duas ideas de *sangria* e de *arca,* que era onde se guardavam valores e economias, e como no corpo humano ha, segundo os velhos anatomicos, uma chamada *veia d'arca,* as duas ocurrencias vieram a talho de foice.

Atesta-o o seguinte trecho das *Memorias inéditas* de Fr. João de S. Jozé:

> Morreu D. Lourenço de Almada pobrissimo não só pelas *sangrias* que lhe deu, com ordem d'El-Rei, Dom Diogo de Mendonça, *na veia d'arca;* mas porque fiou ao judeu Liz em Holanda o seu vastissimo cabedal.
>
> *Memorias do B. do Pará,* 150.

Em um dos sonetos apensos ao *Palito metrico* de Duarte Ferrão ocorre a fraze:

.....
Levar *na veia d'arca uma sangria*
São pensões de um novato e d'um calouro
Pelo foral da nossa academia.

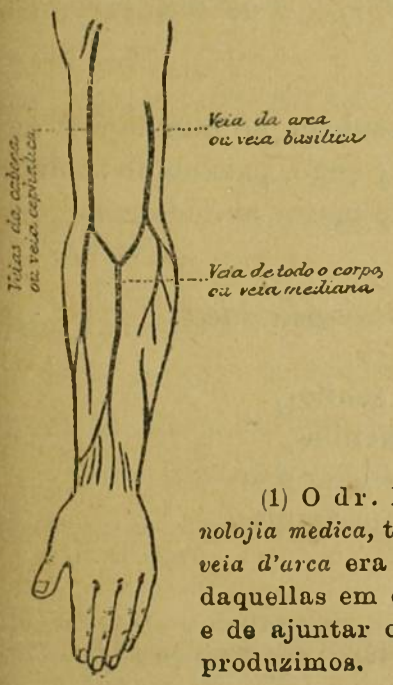
Palito metr. — pj. 15.

Eis por que as lancetadas de dinheiro eram sempre na *veia d'arca* (1).

***

A defina

Não é raro que de uzança já muito antiga e morta não fique mais que agonizante sobrevivencia



(1) O dr. Placido Barboza, autor da *Terminologia medica*, teve a bondade de esclarecer-me que a *veia d'arca* era a que hoje chamamos *bazilica* (e uma daquellas em que se sangrava com mais frequencia) e de ajuntar o dezenho explicativo que ao lado reproduzimos.

— extremo halito de vida, aqui ou ali recolhido num fragmento da linguajem.

São estes ecos, e não vozes, apenas perceptiveis a ouvidos mais afinados á fantazia que á realidade.

De um desses fragmentos creio que é exemplo a expressão já arcaica *adefina,* tresmalhada entre outras vozes mais vulgares.

Certamente é ainda conhecida do povo a expressão — *a fina* — de maior e mais erguido uzo no outro tempo.

Significa o segredo, a balda talvez, mas oculta. O vocabulo tomou sentido acanalhado e torpe que não tinha ainda no seculo XVIII.

Estudemos seguidamente os exemplos em que ocorre.

No entremez do *Galego lorpa e os tolineiros* diz o *Miliante:*

> Isso é certo. Um conheço eu que depois que *deu na fina* de se fazer cego, passou do atoleiro da penuria ao grau de maior abundancia.
>
> cena v.

Na farça em versos a *Astuciosa idéa:*

> Assim foi o tal senhor,
> Amante desta menina,
> Que estudou e *deu na fina*
> De me tratar com amor.
>
> cena III. (1)

(1) Intitula-se: «*Astucioza ideia* com que o criado enganou o amo para o cazamento do peralta, etc.» Lisboa; ofic. França e Liz — 1790.

A esses requintes de namorados, por equivoco, se poz o nome de *finezas* e contra elles se insurje o P.e Manoel Bernardes na *Arma de castidade* (pj. 244).

Na comedia *Os Censores de teatro:*

> — Eu chamo opera a tudo.
> — *Deu na fina* por se não enganar como sucede a muita gente boa.
>
> *Teatro de Figueiredo* — VI, 19. (1)

A palavra, interessantissima, nas suas orijens, é genuinamente semitica.

Os mouros, os judeus marroquinos praticavam esse uzo tradicional da *adafina* ou *adefina,* que era certa panela preparada na sexta feira e guardada oculta e coberta de rescaldo de brazas até o sabado. Com este sentido é que Dozy interpretou o passo do *Cancioneiro de Baena:*

> Joan Garcia *mi adefina*
> Vos diré yo mucho cedo.

isto é, o meu segredo ou intenção oculta, pois aqui, é já o sentido translato. Com a forma *adafina* tambem ha uma aluzão no Cancionero general (2).

Os arabizantes como Dozy ou Eguilas e outros, não estudaram ou não suspeitaram a existen-

---

(1) E ainda no mesmo autor, tomo X, 249.
(2) Apud Eguilas.

cia da expressão que ficou no ditado portuguez já referido e que é a *adafina,* o segredo, a coiza oculta (1).

Cór e côr

Saber ou dizer de cór um discurso ou poema é conserval-o ou dizel-o de memoria.

É fraze antiga que se poderia abonar com todos os velhos escritores da nossa lingua.

> E estando ũa noite na cama, já despejado me perguntou se sabia as trovas de dom Jorge Manrique, que começam «Recorde el alma dormida», e eu lhe disse que si, fez-m'as *dizer de cór*...
>
> Garcia de Rezende — *Cronica de D. João II* c. CCI, 269.

Não ha, pois, por onde levantar duvidas quanto á lejitimidade da expressão.

Pareceu-me sempre a principio e ainda me parece hoje que este *cór* era a palavra latina, *cor,* coração: pois que o coração pode significar o sentimento, a intelijencia e a memoria.

Quanto á filiação historica do vocabulo, fazia algo desconfiar uma forma *cór* sem o incremento que é de regra mais comum nas derivações; devia ser *corde* ou *corda* e não *cór,* embora fosse neutra

---

(1) Veja se Eguilas y Yangas s. v. *adafina* (ad dafina) *adefina* (do verbo *dafana* = enterrar, ocultar); *cadra dafina,* a panela oculta (nas cinzas do brazeiro).

na lingua classica. Comtudo, o exemplo, não seria unico.

Quanto á comparação, é que podia haver alguma duvida, porque o castelhano diz *de coro, decir de coro,* repetir em conjunto varias vozes a mesma oração.

De côro, entende-se como em *côro* (khoro) das trajedias e dos cantos relijiozos.

Os francezes dizem *par cœur* nos mesmos cazos; mas este *cœur* podia talvez ser, á primeira vista, o mesmo *chœur* cuja prozodia é a mesma.

Os inglezes dizem *by heart* e a analojia de quazi todas as linguas cultas dissipam a duvida (1).

Ainda a forma *cór* aparece nas expressões *dar cór de si* ou *dar acordo de si,* cobrar os sentidos, e tudo é o mesmo como se vê da comedia *Os Estranjeiros:*

> Eu dissimulei fazendo que entendia em outras coizas, elle como a achou, tornou em *sua cór* e *acordo,* falou, riu...
>
> Sá de Miranda—II, 121.

N'este ultimo exemplo *cor* é outra palavra *color,*

---

(1) Demais, da palavra *cór* com o sentido de *coração* ha exemplos numerozos, principalmente na lingua antiga dos trovadores:

> Viver que sem vós seja,
> Sempr'ó meu *cór* deseja
> Vós atá que vos veja.
>
> D. Diniz — (ed. Lang) — 95.

e — dar cór — é já uma variante de *cobrar color* que o mesmo poeta emprega na 5.ª das suas *Cartas:*

Vel-o ir, vel-o tornar...
Cobrar a côr e perder.

Ibid, I, 263.

E provavelmente como eram frequentes as inversões na lingua antiga não admira que *dar côr* ou antes *côr dar de si* viesse a confundir-se em *acordar* e dar *acordo* os dois elementos *cór* (coração) e *côr* (color).

O latim classico tinha *recordare* e *recordari,* mas não *accordari.* A forma *acordar (acôrdo),* foi construida sobre a idéa de *chorda* da lira ou outros instrumentos analogos, com o sentido comum de harmonizar, afinar pelo mesmo tom.

***

Pôr de lodo e pôr de lado

A fraze *pôr de lado,* separar, difere essencialmente da outra classica, *pôr de lôdo,* hoje fora de uzo. A confuzão só podia ser sujerida por certas aplicações especiaes; do sentido etimolojico de injuriar, enxovalhar passou ao de viver como porco espojado na lama, ociozo e inutil (1).

---

(1) Por isso é que Morais rejistrando a locução e acreditando-a com o trecho de Bernardes,

Cartas e dados vão se pôr de lodo

lhe dá o sentido, que não tem, de estar ociozo, sem fazer nada. A passajem de Bernardes não autoriza a dedução do nosso grande lexicografo.

Nas comedias de Jorje Ferreira ocorrem exemplos varios que não tenho agora á mão.

Não falham, porem, em outros autores.

O mesmo apodo depara-se no *Auto das Regateiras* do Chiado:

> Cadela, tu és engodo,
> Que naceste em Portugal
> Para me pôres de *lodo*...
>
> *Obras*, 69.

Mais tarde, no seculo XVII um poeta dos *Singulares* ainda empregava o modismo:

> D'esta vez...
> D'esta me *poem de lôdo*
> Ser eu tão ignorante.
>
> *Ac. Sing.* I, 225.

A expressão caiu no olvido e não se perdeu grande coiza; mas, ficou a que lhe era oposta

tirar o **pé do lodo**

isto é, enobrecer-se e melhorar de condição e é tão antiga como a outra; atesta-o o passo da *Ulizipo:*

> Andai comigo que eu vos *tirarei o pé do lodo.*
>
> Acto II, cena VII.

***

Aventar as pegas

É um modismo antigo tomado da vida pastoril. O gado com a cauda *aventa as pegas,* isto é, abana e enxota-as. D'esta primitiva significação tomou a de *suspeitar, desconfiar* por que os suspicazes e cautelozos aventam as pegas antes que as lobriguem ou que ellas cheguem.

Ainda com inteiro escorço e redução da fraze começou a dizer-se

aventar uma idéa,

ou *aventar* uns pareceres, opiniões ou hipotezes.

> Primeiro me peitarei que eu sei-vos já a manha, gato escaldado d'agua fria ha medo e *asno dessovado* de lonje *aventa as pegas.*
>
> *Eufroz.* fol. 35 v.

> Eu sei já isto, *asno dessovado de lonje aventa as pegas* e desvio-me como melhor posso da primeira furia...
>
> *Ibid.,* fol. 46.

Em Gil Vicente já se depara a forma sintetica:

> Bem sei eu já ella *aventa*
> Que ando eu contigo a choca.
>
> *Obras* 1, 130

e em sentido normal, *ibid.* I, 111:

> Achaste a tua burra, Andrel?
> .....
> Saltariam *pegas* nella
> Por cazo da *matadura?*

e aí está toda a explicação fizio-psicolojica. São os animais feridos os que de ordinario se apressam em *aventar as pegas.*

Igual translação de sentido (entre *vento* e *aventar)* realizou-se entre *espirito* e *espiritar* ou na forma do uso:

espreitar

como o exemplo da *Enfrozina:* «Ora hei-de *espreitar* o que dizem» (fol. 103 v). Com a mesma idéa tambem se dizia *escuitar* por inquerir, pesquizar, reconhecer «D. Duarte mandou logo chamar Vicente Pires e dixe lhe que fosse *escuitar* uma aldeia que lhe dixeram que estava junto com Tutuño» Rui de Pina — *Cronica do Conde D. Duarte* — C. de ineditos, III, 67.

* * *

Raia ou rata

Fazer ou **dar uma rata**, fazer má figura, cometer uma *gaucherie,* é expressão brazileira que corresponde a outra mais uzada em Lisboa, **dar uma raia.**

> «Os francezes chamam a estes contratempos da vida *gafes;* nós portuguezes chamamos-lhes *raias.*
>
> «Não ha ninguem no mundo que não *tenha dado a sua raia...*
>
> Gervasio Lobato.

Parece-me que a formula brazileira é a melhor, ou pelo menos, é a mais explicavel, quando se confere o sentido de *rata* com o de *ratão,* sujeito excentrico e extravagante (1).

Raia é que é inexplicavel.

Fraze plebeia porem muito mais expressiva é de *fazer uma canhola.*

> Eu não sabia nem porta nem nada, nem me lembrava o modo de ir ao Paço pela primeira vez e não queria fazer *alguma canhola*...
>
> Malhão — *Vida e feitos* (3.ª ed.) III, 112.

Tambem dizem — *ás canhas* — como fazem os *canhotos* (2).

***

Falar lila

Falar lila nos quinhentistas era falar com finura e sagacidade, falar fino e delgado, e foi essa idéa de finura a que autorizou a locução. Assim diz Vasconcelos na *Aulegrafia:*

> — *Falais lila* que eu com a (experiencia) ter, acho por singular sizo ser ganhado de mim por não me perder por outrem, e isto é pura discrição.
>
> fol. 45.

---

(1) Em Portugal dizem «fazer uma *ratada*» talvez com o mesmo intuito.

(2) Deriva de um tema celtico *kamm* que aparece em *cambaio, gambias,* etc.

E tambem é, em sentido concreto, o mesmo:

Basta que o ouro é bem louro;
Eu determino tomar
Esta maçã e fundil-a
E depois de a enfundiçar,
O ouro que se tirar
Martelal-o da l'*a lila*...

Prestes—407.

Aqui se vê que significa batido, laminado, fino a força de ser malhado, machucado. Confirma-o o outro passo do mesmo poeta no *Auto dos dois irmãos:*

Vai, vai lêr e dormirás
Que o teu miolo anda *lilo*.

Quanto a mim, pareceu-me a orijem uma forma peninsular *lilo* analoga a *hilo,* fio, lat. *filum,* talvez prefixada pelo artigo *l'ilo;* mas o uzo de *lila* e *lilo* como adjetivo ou adverbio traz a dificuldade de aceital-o (1), e torna mais racional a derivação de *lila* da cidade de *Lila* do Flandres francez, d'onde vinha um tecido fino com esse nome (2).

As considerações anteriores levam-me a tratar aqui de outra expressão ainda mais antiga e que data dos velhos cancioneiros. É o refran

do-ilelia-dôre, leliadoura

(1) Ainda razoavel seria o etimo *fileli*, tela delgada que se tem explicado no espanhol como forma adjetiva de *Tafilet*, cidade de Marrocos onde se fabrica aquelle tecido cf. *tafetá, filateria,* etc.

(2) Rejistra o Bluteau na palavra *Lila* (cidade).

que Carolina Michaëlis aprossima do estribilho galego e portuguez de muitas cantigas modernas; *ailalila* e outras variantes (1).

Sem embargo do caracter onomatopaico da expressão, creio tambem que traduz o alarido de guerra dos arabes que ficou perpetuado na literatura da peninsula em diversas formulas, o

aleli, lilalila, etc.

que se explica *Lo iláh illa Allah* (não ha outro Deus senão Alá) e era com essas vozes que entravam os mouros em combate, da mesma arte que os cristãos com o seu *Santiago!*

> Logo se oyeran infinitos *lcililies* al uzo de moros cuando entran en las batallas.
>
> D. Quixote — II, 34. (2)

Com a forma *lilão,* em Quevedo:

> Para que és tanto *lilão?*
>
> *Cuento de cuentos.* (3)

Creio ainda que pela sua facil adaptação muzical foi o mesmo estribilho o que determinou a historia popular da *Flor de lililá* no *folk lore* da peninsula que tem grande numero de variantes. (4)

---

(1) No *Canc. da Ajuda* II, 449; na *Crestomatia* de Nunes, 427; cf. as opiniões citadas, na primeira d'estas fontes, de T. Braga e Menendez Pelayo.

(2) Eguilaz Yangas e Cejador y Frauca. *Op. cit.*

(3) Na ed. de Sbarbi — *Refranero* VIII. O anotador elucida a expressão conjeturando a etimolojia apontada.

(4) Na *Bibl. de trad. pop. españolas* I, 196, a flauta pastoril canta:

> Me mataron mis hermanos
> Por la flor de *li li lá.*

Entre nós as variantes mais conhecidas são as do *Canta, canta meu surrão* e a da menina da *figueira,* onde ha a fuzão de varias historias.

Na Farça da *Caza de Pastó* do popular Jozé Daniel cantam-se os *Olhos marotinhos* com o mesmo refran:

Estes olhos marotinhos
Fazem todos suspirar,
Depois de matar meninas
Corações sabe roubar
A le li lo lé marfim.

pj. 11.

***

Seu Ai! Jesus

O ai Jesus! é a pessoa querida em que nem com uma folha de roza se deve tocar.

A expressão deriva de uma interjectiva de dôr, — o *ai Jesus!* — sendo eventualmente o lugar mais sensivel ou dolorido em que se não pode tocar.

D'aí a possibilidade de equivalentes pouco poeticos, como a *sua postema*. É o que se pode ver dos exemplos.

O *ai Jesus:*

Não o lamba o gato, não lhe toquem o seu *ai Jesus.*

Eufrozina — fol. 120 v.

Do castelhano e portuguez *mi postema:*

Polifema, *mi postema!*
Grande mal é querer bem!

H. Lopes — *Cena policiana.* (1)

(1) Na primeira edição dos autos de Prestes inclue-se esta farça de Anrique Lopes.

O — *noli me tangere* — vem a dizer a mesma coiza e foi tirado do Evanjelho:

> Dixit ei Jesus: *Noli me tangere*, nondum enim ascendi ad Patrem meum.
>
> *e. sec. Joannem* — 25, 17.

***

Roupa de francezes

A palavra *roupa* havia significação mais extensa e completa. Eram quaesquer provizões de vestir ou de comer, como ainda é o sentido na lingua italiana.

Assim podia escrever no seculo XVII o padre Manoel Godinho:

> Tornam então as ondas a trazer para est'-outra banda da Arabia o navio que com grande pressa fazia resgate d'agua a custa da *roupa* que ao mar se alijava.
>
> Godinho — *Rel. do Caminho*, 78.

> Por ter estes anos atraz muita quebra nas *roupas* que lhe levavam os estranjeiros.
>
> *Ibid.* — 83.

Esta significação extensiva explica o valor da locução

roupa de francezes

que era toda a que caía em mãos de piratas e de corsarios desde a era medieva, os quais em grande

numero saíam de Dieppe, Honfleur e outros portos de França a pilhar nos mares as riquezas do imperio colonial iberico.

Creio, até melhor parecer, é esta a explicação verdadeira, que foi dada por Alexandre Herculano.

A *roupa de francezes,* como toda a coiza roubada, deixa de ter dono e della toda a gente dispõe sem escrupulo.

Veste-me acazo com jeito
De comissario de frota,
Que faz *roupa de francezes*
Dos brocados de Lisboa?

Gregorio de Matos — *Obras,* I, 200.

A uns *francezes* pouca roupa
Achei na popa da barca,
Pois nem *roupa de francezes*
Lhes vi por entre as cazacas.

Fenis renac. — I, 280.

Trazia um barrete fora, e o capote de centos sobre uma *roupa de francezes* com guarnição de soldados.

Anatomico joc. — II, 190.

Pessima é a reputação dos francezes na paremiolojia vernacula. Um dos adajios mais antigos a este respeito é o que rejistram todas as coleções portuguezas (Roland, 55):

Em caminho francez vende-se gato por rez

Este CAMINHO FRANCEZ, famozissimo desde a idade media, era a estrada das romarias de Santiago e do comercio entre a peninsula

e o resto da Europa; d'ella ha inumeras menções nos documentos literarios do outro tempo (1). N'essa epoca de insegurança este *caminho francez* devia ser assaltado e frequentado de embusteiros e ladrões.

Ainda ha outro proverbio — *Bem canta o francez, papo molhado* (Roland, 118) que se perpetuou na expressão da jiria — FALA FRANCEZ? (=tem dinheiro?) pergunta de credor acautelado (2).

Em geral, na filozofia e moral do povo, o *francez* é o homem duplice, dubio ou versatil; mas este sentido desfavoravel rezultou do conceito de polidez e gentileza propria dos francezes. São estes delicados, diplomatas e pouco propensos a franquezas e grosserias e, por isso, pouco verdadeiros, pouco exatos e precizos. D'aí veiu tambem o opor-se o *falar portuguez,* isto é, falar com clareza ao *ser francez.* É o que se conclue dos versos seguintes:

O mais são asnidades
Desses que dizem *rodeios,*
Porque só por estes meios
Se fala bem portuguez;
Tudo o mais é *ser francez*
E trazer na boca freios.

Gregorio de Matos — *Obras,* I, 66.

A franqueza não é virtude da civilização (3).

---

(1) Carol. Michaëlis — *Canc. da Ajuda,* II, 807.

(2) No aforismo — *Portuguez pela vida e francez pela comida* (Roland, 118) creio que *vida* está por *bebida.* Entretanto Afonso Alvares em algumas coplas contra o Chiado contradita esse proverbio:

E tu queres ser rufião
E *beber como francez*
E *comer como alemão...*

Obras do Chiado — 181.

Veja-se ainda nas mesmas obras a referencia desfavoravel ao carater francez na *Pratica de oito figuras:*

A esse tal, roer-lhe a trela
E ser para elle francez.

pj. 5.

(3) Rejistremos emfim outro modismo analogo, o *falar careta,* hoje fóra de uzo:

***

Mais vale um gosto que quatro vintens

Em um conto em versos de Filinto Elizio conta o poeta a eterna historia de uma mulher teimoza, com o malevolo intuito de moralizar o principio de que

> O pão furtado aguça o apetite...
> Dá-lhe o sainête de que a lei t'o vede,
> Vem-te agua á boca, o coração te pula.
>
> *Obras*, II, 72-78.

Remeto os leitores ao conto que é curiozo: trata-se de uma mulherinha que, sem embargo de lh'o haver vedado o marido, queria lavar-se n'um charco ou pantano d'aguas putridas e verdoengas.

> Que ancias lhe vinham lá do amago d'alma
> De ser pata, se quer, por dois minutos!

> Com isto não sou mais largo
> Se a muza não foi honesta;
> Saibam que em festa de toiros
> Se sofre o *falar careta*.
>
> *Fenis*, III, 169.

E o falar graçolas e verdades cruas ou inconvenientes como fazem os *carêtas* ou *grão carêtas*, isto é, mascarados do carnaval.

Emfim caiu n'agua e foi patinha. E o poeta reflexiona:

Um gosto val mais que ouro e perlas

Aqui acaba a historia.

Mas emfim, reduzido a moeda sonante quanto vale um gosto?

Vale quantos vintens? Mais que *tres vintens?* (1)

Responde o proverbio que vale mais *que quatro vintens.*

Fiquemos n'esse misterio.

Todavia outra historia (mas não do Trancozo), fidedigna e certa, nos autentica o fato curiozo de que antes do reinado de D. João V houve grande subida dos preços, natural dezequilibrio que poude ser lentamente remediado pela extração do oiro das minas. As coizas encareceram e entre ellas o *assucar.*

A autoridade de mais credito n'essas coizas economicas, André João Antonil (2), assim o diz em 1711:

> De vinte anos a esta parte mudaram-se muito os preços do assucar etc....
>
> *Cult.* e *Opul. do Brazil,* cap. IX.

---

(1) *Tres vintens* de prata era moeda que, furada e pendente de par com o sino samão e as figas, livravam de quebranto. D'ai outro modismo que se omite atendendo á inocencia dos que trazem ainda o talisman ao pescoço.

(2) A obra de Antonil foi publicada em 1711 e logo proibida porque vulgarizava as riquezas coloniais e dezafiava a aladroada Europa. Foi reimpressa no Rio em 1839 e agora em 1900, pela *Revista do Arquivo mineiro* IV, facic. 3.

Os preços quazi duplicaram e os *doces* então principiaram a saber azedos.

D. João V, porem, amigo de freiras e de confeitos, teve a idéa magnanima de restituir ao *assucar* o preço primitivo essencial á doce culinaria dos *toicinhos do céo, alfenins,* canelões, frutas cobertas, ovos reaes, caramelos amendoados e outros manjares brancos e freiraticos que fizeram a gloria daquella grande epoca.

D. João V ordenou que o preço do assucar fosse *quatro vintens.* Assim valia um gôsto.

Só com isto, salvou a patria; e a arreganhada façanha foi cantada por poetas, e poetas que não eram de agua doce.

Deponha nesta audiencia o pandego Tomaz Pinto Brandão, que no seu *Pinto renacido,* a pjs. 217 inclui as suas decimas *Ao amigo Assucar já restituido ao seu antigo posto de* oitenta réis *por el Rei Nosso Senhor.*

A mim me dou parabens
De vêr em bom preço posto
E já não direi que *um gosto*
Val mais que quatro vintens.

Pinto renac. 217.

Antes d'isso o gosto era impossivel com as velhas tarifas:

Arre! que caro elle custa!
Irra! e como elle sai *azedo!*

Ibid. 205.

A alta ou subida orijinou-se, d'entre outras cauzas, da alteração da moeda, fraude realizada poucos anos antes, em 1686, segundo a historia o certifica (1). No tempo de D. João V a abundancia de ouro restabeleceu o equilibrio.

Até melhor explicação, o modismo — *mais vale um gosto que quatro vintens* — deve ser uma aluzão, em Lisboa, aos preços elevados dos doces, pelos começos do seculo XVIII.

Pai de...

Parece que a lingua portugueza em qualquer maneira tomou um habitualismo da arabica que consiste n'um tropo assaz frequente de apelidar de *pais* ás coizas que tem qualquer atributo de preeminencia.

Os arabes assim o fazem com o seu *abû* aplicado com esteril abundancia a coizas e pessoas. Os *abû-*

---

(1) Foi n'essa ocazião que em Portugal, onde estava, Gregorio de Matos escreveu uns versos contra o arbitrista que aconselhara ao Rei essa inepcia:

Sendo pois o alterar da moeda
O assopro, o arbitrio, o ponto e ardil
De justiça, a meu ver se lhe devem
As honras que teve Ferraz e Soliz.

G. Matos — *Obras*, 177.

na satira famoza ao Marinicolas. Outra satira acerca da mesma alteração fraudulenta a pjs. 164 seg.

sigara são no Cairo uns cigarros grossos e de Hipocrates fizeram em tempo um *Abû-crat* (1).

Algo dessa tendencia se enfiltrou no romance portuguez.

Todos os estudantes conhecem o famozo

pai velho

no Brazil chamado o *burro* (2), que é o cartapacio que Filinto alegremente define a propozito do *Addis cornua pauperi* de Horacio:

> *Pai velho* chamavam no meu tempo de estudante uma versão literal que se aprendia de cór para fazer o exame.
>
> *Obras* — I, 285.

e Figueiredo no *Ensaio comico:*

> Estes livrinhos
> Cheirando inda aos cueiros, são *pais velhos*
> De pedantes, casquinhas, bagatelas.
>
> *Teatro* — VI, 200.

Foi tomado talvez ao proloquio antigo: «*pai ve-*

---

(1) V. o interessante ensaio de J. Goldziher — *Arabische Beiträge zur Volksetymologie* — publ. no *Z. f. Volkspsych.* de Lazarus — XVIII Band.

(2) E creio que tambem em Portugal, pois diz D. Francisco Manoel:

> «Você dá o pão ao *burro* e chama-lhe *pai velho*.»
>
> *Feira de Anexins*, 162.

lho e manga rota não é dezonra»; a formula aliaz é de si mesma explicita (1).

> E a força do *Pai velho* algum pedaço
> Verte em mau portuguez do Tridentino.
>
> *Hissope* — canto VII, v. 47-48.

***

Não foi menos importante em tempos de antanho o oficio publico, que o era, de

pai de velhacos

É necessario antes de tudo assentar que *velhaco* não deriva de *velho* nem tem coiza alguma de comum com a palavra.

> Repara em que aos mais rétos julgadores
> Chama de sanguinarios e *velhacos*.
>
> *Viriato trajico* — canto XIV, est. 75.

O nome de *velhacos* foi outr'ora dado aos vadios e a pessoas da ralé sem ocupação e emprego, as quaes pelas velhas *Ordenações* e varias leis extravagantes eram compelidas a procurar um amo a quem servissem. Como nem sempre era facil achar trabalho, as leis tambem não eram observadas como cumpria; por isso, a cidade de Lisboa no seculo XVII tomou a providencia de criar o cargo de *Pai de ve-*

---

(1) Tambem *maganorum, refugium peccatorum* etc. no *Teatro* citado VI-43.

lhacos, conforme o rejistra Fr. Nicolau de Oliveira entre os oficiais publicos:

> —Um *pai de velhacos* assalareado, pera que não consinta andarem moços perdidos, e lhes dê amo.
>
> Nic. de Oliveira — *Grandezas de Lisboa,* pj. 183 (1).

Velhacos, ou na forma e prozodia antiga *valhacos,* eram a gente incerta, ciganos, nomadas, forasteiros e adventicios sem orijem conhecida. Por um tempo se confundiu com *valaquios* como os *ciganos* com os *ejipcianos*. *Velhacos,* que se podera escrever *vilhacos,* é a gente *vil* e baixa (2).

> Que morra a Aguia, seja muito embora, se não serve de mais que de *pai de velhacos* e atrevidos.
>
> *Anatomico joc.* 1, 87.

> O amor não é *pai de velhacos,* será enfermeiro de potrozos.
>
> *Ibid.* 1, 195.

> Pascoa má venha pelo *valhaco.*
>
> *Ulizipo,* 2.ª ed. pj. 230.

> E o *valhaco*... festejal-a-á melhor que a uma menina de quinze anos.
>
> *Ibid.,* 217.

---

(1) Tambem no *Dicion. juridico* de Pereira e Souza — s. v.

(2) O verdadeiro étimo é *viliacus* de *vilis,* vil. Cf. o ital. *vigliaco,* o esp. *bellaco.*

Eu vou fazer averiguar uns dois *valhacos* que estão para se matar em dezafio.

Ibid., 70 (1)

Na coleção da *Fenis renacida:*

Nem de capa de *velhacos*
Serviu aos touros a capa.

II, 128 (2).

A etimolojia *valaquios* a que aludi acima era conhecida certamente de Dom Francisco Manoel, pois que escreve em uma das suas cartas:

Este meu *vilão*, *patamar* entre os indios, *volacho* entre os turcos e *velhaco* entre os portuguezes...

Cartas (XCV) pj. 123.

Já em outra oportunidade tratamos da *arraia miuda*, sempr numeroza e de variegado esmalte. Assim a define Braz Garcia no seu esquecido *Viriato:*

Aquele é o *vulgo*, junta de ignorantes,
De *mordazes, maganos, chocarreiros,*
Correios, almocreves, caminhantes,
Vagamundos, perdidos lizonjeiros,
Matarizes, malsins, rufiões, bribantes,
Vadios, mofadores, embusteiros,
Moscas de feiras, atrios, pelourinhos,
Contrarios de agua, amigos de bons vinhos.

Canto XIV, est. 71.

* * *

Afora, ha varios cazos menos interessantes: o PAI D'EGUAS que é definido, o animal de semente, o garanhão; o *pai vobis* (de *pax vo-*

(1) Tambem em Ferreira — *Comedia do Bristo*, 70.
(2) Outro exemplo no vol. I, 250.

bis!) já uma vez explicado (1); o PAI DE LEITÕES, a que se refere com a observação seguinte o antigo parodista de R. Lobo:

> *Pais de leitões* são chamados aquelles (sujeitos) muito esmangalhados.
>
> Bento Antonio—*Aldeia na Corte*, 210.

* * *

Pai Paulino

Este ditado, que achou emprego assiduo na faze quazi recente da politica brazileira quando dezaparecia a escravidão, é como muitos outros que se prezumem novos e de invenção contemporanea (2) uma fraze de cabelos brancos acordada de algum recanto escuzo, onde dormia talvez o ultimo sono.

O sentido é de vijilancia extrema nos negocios de importancia, e secreta prudencia em desmascarar ou inutilizar as fraudes possiveis. E ás vezes completa-se o aforismo, dizendo: *Pai Paulino tem olho.*

Antigamente, para pesquizar, descobrir enganos, furtos ou embustes, havia o costume de *tirar* ou *pôr paulinas,* que é o

pai Paulino não dorme

---

(1) Nas *Frazes feitas*, I—188.

(2) É exatamente o cazo do termo *bilontra* que se disse inventado na Escola Militar do Rio de Janeiro e que pertence ao caló e argot de varias linguas romanas *(belitre),* e é o do *Toque de Aragão* que estudamos em outro lugar.

e está por exemplo na *Arte de Furtar* atribuida a Vieira, falando de certo ladrão espertissimo:

> E o mancebinho nunca mais apareceu, nem novas d'elle nem rasto do dinheiro por mais *paulinas que se tiraram.*
>
> *A. de furtar*, c. LXI n. 174.

> Um filho emfim pariu esta menina
> Cuida o marido é seu como ignorante
> E eu sei que inda que *tire uma paulina*
> Se não saiba do pai do novo infante...
>
> *Fenis ren.* III, 284.

As *paulinas* (de *Paulo* III, papa) eram cartas de excomunhão que se podiam alcançar para descobrir ladroeiras, gravissimos delitos ou coizas sonegadas. A palavra tomou a sinonimia de todos esses processos de pesquiza e devassa. Parece que no tempo produzia efeito e deparava o perdido.

Hoje o negro feiticeiro ou o *pai Paulino* abocou as virtudes daquellas bulas sagradas.

Tin-tin por tin-tin

E vulgar a expressão *tin-tin por tin-tin* para indicar a minucioza prolixidade com que se fazem ou dizem as coizas pelo menor, com escrupulo, individuação ou miudeza. É locução antiga abonada pelos velhos e novos escritores.

Mui *tin tin* por *tin tin* o nó da coiza.

Filinto — *Obras* — IV, 221.

E contando-lhe a farçada *tin tin* por *tin tin* disse-lhe que a farçada era digna de uma obra.

Malhão — *Vida e feitos* II, 142.

E é (o cazo) o seguinte *tim tim por tim tim,* nem mais nem menos.

Ibid. — II, 19.

Sei dos teus novos amores
Tudo *tin tin por tin tin.*

Bellermann — *Port. Volkslieder.*

Esses exemplos são modernos. O dr. Castro Lopes (1) buscou explicar a locução portugueza por uma palavra latina muito literaria, *pedetentim* (pauzadamente), orijem de boa aparencia ao primeiro exame mas improvavel porque o vocabulo não era de uzo comum, e de fato, não passou a nenhuma das linguas romanas.

A explicação mais exata é que *tin-tin* é verdadeira onomatopéa e dezigna o tinir das moedas. A fraze primitiva seria, como realmente foi, contar ou pagar *tin-tin por tin-tin,* moeda a moeda, nem mais nem menos.

Da fraze *pagar* ou *contar dinheiro tin-tin por tin-tin* se geraram outras conjeneres, tanto melhor

(1) *Orijem de Anexins,* s. v.

quanto contar ou narrar dizem a mesma coiza. Atesta o uzo primitivo o exemplo de Jorje Ferreira:

> Se vimos estar a conta com elle e eu, ha-me de *pagar tin tin por tin tin.*
>
> *Aulegrafia* — fol. 20.

isto é, moeda por moeda, e por miudo. Essa é a orijem indubitavel.

A onomatopeia *tim* (já do latim *tintinare*) *retin, retintin* para o som dos metaes foi sempre de extenso uzo. D'ella dá exemplo Camões nas suas *Rimas:*

> Se derivais a verdade
> Desta palavra *setim,*
> Achareis sem falsidade
> Que apóz o *si* tem o *tim*
> Que *tine* em toda a cidade.

Ao guizo sonoro das consoantes metricas aplicou-a Filinto Elizio, escrevendo em dezabono das rimas:

> Sentiram que o *tin tin* dos consoantes
> Em vez de modular faziam grulha
> Contra as leis do bom gosto...
>
> *Obras* — IV — 205.

No seculo XVI houve um jogo que foi proibido por lei e era naturalmente de dinheiro ou moedas, o **tinte neuin** ou *tinti nini.* Encontramol-o no texto da *Aulegrafia:*

> D'esse vosso rostinho de bujio se pódem rir por que vós sois um *jogo de tenti ninim...*
>
> fol. 89 v.

De moeda ou fichas devia ser porque como o *tin tin por tin tin* podia significar a exatidão e minucia, conforme se vê do Prestes no *Auto do Procurador* n'este exemplo curiozo:

Deste modo que assi, ali,
Viviam pelo si, si;
Era seu comer e sono
Darem o *seu a seu dono*
Sem errar *tinte nini.*

Aprossimemos ainda da formula *tin tin* a outra castelhana — «Ir *ten* con *ten*» — que diz — ir com vagar, pauzadamente, com jeito, com *tento* (1).

---

(1) Rejistrada no antigo *Vocab.* do maestro Correas: «Ir ten con ten; por ir blandamente y despacio» — pj. 542.

NOTAS SUPLEMENTARES

NOTAS SUPLEMENTARES

As materias são aqui dispostas, como na I serie, na ordem do alfabeto; o que excuza qualquer referencia á pajina do texto que completam. Encontram, demais, no *Indice analitico,* as indicações necessarias quando parecer dificil deparal-as ao primeiro exame.

Agua doce — Lembre-se o exemplo de Gongora na *Bibl. de Autores,* t. XXXII, pj. XXXIII (Rivadeneyra). Ainda na *Arte de galanteria* (ed. 1682 — pj. 46) ocorrem algumas trovas de «*moças de cantaro.*»

Almarjem — Da confuzão de *almarjem* arabe e *á marjem,* pode servir de exemplo o seguinte passo da *Ezopaida* de Antonio Jozé:

> *Ezopo:* — Vossa Majestade saiba que eu sou uma donzela (salvo tal lugar) que com estas companheiras saimos da Praça, ou para melhor dizer nos *lançaram á marjem.*
>
> *Teatro* (ed. Garnier) I — 260.

Aréo — Tem alguma analojia com esta forma a de *léo* das frazes — *andar ao léo* e *ter léo.*

Conheço varias explicações que todas me parecem insuficientes. No seu dicionario etimolojico Adolfo Coelho deriva *léo* de *libitum,* o que se não conforma

nem pela substancia nem pela forma, com os uzos d'aquella expressão.

Epifanio Dias propoz outra derivação, realmente mais aceitavel, a luz da fonetica, mas a seu turno insuficiente quanto ao sentido. Para este filologo — *léo*, em expressões como — *estar ao léo* —, reprezenta o latim *levem* pela vocalização do *v*, e está para *levem* como *náu* para *navem* (*Rev. luzit.* I, 2).

O nosso antigo lexicografo Morais parece aprossimar, ao menos fortuitamente, a expressão da outra latina — *Léo* — que dezigna uma das cazas do zodiaco.

A etimolojia de Epifanio (*levem*) não dá conta do sentido da fraze — *ter léo* — tempo, ocazião, lugar, oportunidade.

> ... Apenas *tive léo*
> De chegar a janella e despedil-o
> Com aquella agonia.
>
> Figueiredo — *Apol. das damas*, I, cena 1.

Acreditei fosse a palavra franceza e das que antigamente entraram com o sequito borguinhão da primeira dinastia. E assim ao que conjecturei devia ser *léu* (*leu* por *lieu*, como *deu* por *Dieu*, do francez antigo) derivado de *lieu* (*locum*, lat.)

E *ter léu* seria ter lugar ou oportunidade.

E como é frequente confundir-se lugar, tempo e espaço em todas as metatezes populares, foi natural dizer

> *estar ao* LÉO
> = ao tempo, *scil.* espaço
> ou ao ar livre.

É mera conjectura essa explicação que, de caminho, aqui deixo, pois que a verdade estará em outro ponto. O mais certo é que dizemos *ao léo* por *ao óleo* ou *a óleo* com desvio do acento tonico; pelo menos este meu parecer se confirma com os modismos espa-

nhoes: «*Estar al oleo* — e — *Andar al óleo* = estar una cosa mui adornada y compuesta.»

D'este uzo é que havemos de deduzir os nossos; de *andar bem vestido* passou a significar a *andar ao sol,* ou *fóra de caza* (andar *ao léo).*

Bernarda e bernardices. Veja aqui n'este suplemento, sob o vocabulo *Mentiras.*

Bogas. No texto referi-me á variante da historieta do papagaio no *Schimpf und Ernst* de Pauli (seculo XVI). Ha outras mais antigas; estudo-as em trabalho sobre o nosso *folk lore* que pretendo publicar. Em regra, as *Frazes feitas,* como em geral a *paremiolojia,* mais concernem ao *folk lore* que á linguistica; por isso, á analojia e ás cauzas psicolojicas empresto muito mais valor que ás foneticas ou fiziolojicas. Á falta de intelijencia desse criterio é que atribuo muitas das criticas excluzivistas de *b* por *v* que me não comovem. Não explico transformações de letras e nem defino o homem como sendo uma garganta provida de outros apendices. Vozes, ha no mundo; mas ha tambem as coizas que valem mais que meras vozes. É essencial que na sua variedade as ciencias se não contradigam, mas é abuziva coiza a confuzão de metodos e principios gerais que a cada uma cabem. A fonetica tem razão quando lhe chega o seu turno, mas é demazia reduzir o mundo universo á sua estreita solfa. Isto que eu digo disse-o por melhor o grande M. Bréal a favor de Lazare Sainéan.

Carona — Veja n'este suplemento: *Gratis.*

Carradas de razão. Que a expressão *canadas,* medida de liquido, era a mais propria confirmam-n'o as *Prozas* do quinhentista Soropita quando escreve em dois lugares:

> ... E lhe pagam com *canada* e meia de buenos dichos na aljibeira.
>
> pj. 69.

> um parvo... que se lhe põe a dezenfardelar mil *almudes* de comprimentos...
>
> pj. 123.

Exemplo ainda mais antigo e expressivo é o das *Cronicas* de Acenheiro em que relata os queixumes da Rainha Leonor (a espoza de Fernando) contra as linguas de Lisboa que cortavam na sua honra:

> ... dezia que não averia por vingada até não ver o Mestre (o Condestavel) em seu poder e ũ *tonel de linguas* de homens de Lisboa.
>
> *Col. de Ined.* V., 172-173.

É verdade que *tonel*, na arqueação, é pezo tambem. *Tonel*, *almude* ou *canada* entram na mesma especie.

Caspite! Esta exclamativa de certo veiu do italiano onde é de uzo comum na linguajem familiar. É abreviatura da formula *Cospetto di Dio!* e ainda meramente *Cospetto!* em Napoles, *Caspita!*

No belo romance do Fogazzaro ocorre a expressão:

> — Mondo! tutti compagni, mondo!
> — *Caspita!* diceva un altro.
>
> *Piccolo mondo moderno* — pj. 25.

Agora o uzo do telefone introduziu a interjectiva *Halloo!* que é a germanica *Hallo! hol über!* para chamar a quem está do outro lado, ou passa lonje.

O *hip! hip! hurrah!* dos inglezes entrou com os banquetes politicos e com o constitucionalismo o que tudo, no dizer do outro, é barriga ou pouco mais ou menos.

Cebolas do Ejito. Faltou documentar a expressão com um texto literário. Está em Nicolau Tolentino:

Sente um desgosto infinito
Que o mundo a deixe tão cedo,
Aféta mistico esp'rito;
Porem suspira em segredo
Pelas *cebolas do Ejito*.

A paj. 195 da ed. dos *Satiricos* (vol. VI do *Parnazo Luzitano)* por mim anotado (Garnier, 1909).

Chorar pedras — Veja n'este suplemento: *Inversões sintaticas*.

Conjecturas. Ainda n'esta segunda serie continúa o tom conjectural das explicações, em varios cazos todavia, definitivas como á primeira luz se revelam. Algumas contestações foram opostas ao que escrevemos como esperavamos: serão aproveitadas, com reconhecimento, mas nem sempre sem embargos, logo que se faça a segunda edição que imajino realizar com alguma demóra, pois será complexiva das duas series e sendo possivel, em um unico volume.

Será então a ocazião de responder e corresponder á acolhida que mereceu o antigo e espero merecerá o novo tomo d'esta obra. Para este fim, reúno desde já excelentes aditamentos, sujestões e corrijendas aproveitaveis.

Ao que fôr mera *chicane*, replicarei, por não agravar tristezas, com animo alegre: por exemplo, ás babozeiras melancolicas do autor do *Antigo Vernaculo*, repozitorio de bernardices escritas para dezopilar hipocondrios encruados.

Da-lhe que da-lhe — Veja aqui n'este suplemento a voz *Onomatopeia*.

Doutor da vista curta — Veja: *Vir de carrinho* n'este suplemento.

Frade onde canta... — Ainda é superstição popular a que se exprime pela fraze: — *Feliz como filho de frade!*

Sempre foi coiza admitida que os filhos (ou se-

gundo autores mais graves, os *afilhados)* de frades no outro tempo tiveram todas as probabilidades da boa fortuna. E não foi em vão que na Roma dos papas se gerou o *nepotismo,* hoje vicio mundial indestrutivel.

O *filho de frade* foi considerado *feliz,* em parte por ser verdade eterna como já foi dito, mas tambem em parte por falaz e perversa superstição.

Outr'ora, como hoje, havia a crendice, e era já presajio entre os romanos, de que os que *nacem empelicados* hão de ser felizes. (1) Mas, o peior era a parvoa desconfiança de que por sua vez os *empelicados* provinham sempre do ajuntamento com frade.

Muitas mulheres honestas sofreram as crueldades da calunia e do castigo, só por aquella circunstancia que dissolveu e destruiu tantas uniões tranquilas.

Fizicos e filozofos combateram a estupida crendice. Mas a lojica era inflexivel e ninguem podia nacer de habito ou pelica.

Já no seu *Espelho de cazados* antes de meiado o seculo XVI notava o doutor João de Barros a sem razão de maridos suspicazes como aquelle que

> porque sua molher pariu hum filho *envolto em uma pelle* como ás vezes acontece cuidou que *era filho de frade:* e nam lho podiam tirar da cabeça.
>
> *Espelho de caz.* fol. XLI.

Eis aí a razão que torna a um tempo felizes os *empelicados* e os filhos de frade.

Alem d'isto eram os frades a gente mais habil e complicada no tempo em que D. João III (se é verdade o que reporta o Bispo do Pará nas suas *Memorias*

---

(1) Ainda a conservam os francezes: *être né coiffé.*

121) costumava explicar algumas travessuras dificeis com o dito: — Por ahi andou frade...

Gratis; de meia-cara. É do sul do Brazil a expressão — *de carona* — no sentido de *gratis*. Veiu do espanhol pela fronteira riograndense o vocabulo *carona*, manta que se põe entre a sela e o lombo da cavalgadura; e da mesma orijem se tiraram as frazes *tomar* e *levar carona* = ser preterido em acesso ou promoção. Assim o explica o vocabulario de Romaguera.

Não bastam, ao meu parecer, essas derivações para indicar a gratuidade.

O modismo explica-se talvez por outro, italiano, rejistrado na coleção de Pico Luri de Vasano sob as formas — *alla Carlona* — *vivere ò fare le cose alla carlona*, do qual diz o erudito colector que «mentre é notissimo il significato, é oscurissima la nascita.»

Alla Carlona quer dizer «sem cerimonia.»

Vuol poetare a caso e *alla carlona*.

isto é, sem regras ou sem mais aquela. Assim fazem os que devem e não pagam nem agradecem. Pico Luri aduz ainda a fraze de um retorico e comentador: «Narratione ex abrupto, hoc est, *alla carlona*.»

— Quanto a outra expressão — *de meia-cara* é embuste com que na aprezentação de profil se ocultam defeitos fizionomicos; era vulgar no outro tempo em que segundo costumes de orijem muzulmana as mulheres, na rua, ocultavam metade do rosto, o que dava lugar a decepções grandes. Filipe III proibiu em 1611 esse costume das *tapadas de medio ojo*. Os ciganos praticavam esse embuste — *de pacuaró* — como diziam, na venda de alimarias. Borrow — *The Zincali* [2], 442.

Outra orijem, talvez, terá a aplicação que no Brazil se fez de — *meia-cara* — aos negros novos (impor-

tados por contrabando, diz B. Rohan no seu *Vocabulario)* mas verificadamente anterior á repressão do trafico a qual só se tornou efetiva com Euzebio de Queiroz em 1850, pois já figura por exemplo na comedia *O Juiz de Paz da Roça* do tempo da rejencia (1838):

> — É verdade. Os *meia-caras* estão tão caros! Quando havia valongo eram mais baratos.
>
> Martins Pena — *Comedias* (ed Garnier) — pj. 2.

Este passo deixa entender-se que os *meia-caras* eram anteriormente baratos.

— Faltou ajuntar, a propozito da documentação de — *gratis* — o exemplo classico de Fr. Luiz de Souza em que se traduz por *graça gracioza:*

> E ainda que este espirito só por si não seja argumento de santidade, porque como é graça do céo gracioza, ou *gratis data* como lhe chamam os Teologos, pode acontecer achar se em gente pouco perfeita e em pecadores.
>
> *Hist. de S. Domingos* v, viii — fol. 262 v.

Inversão sintatica; a proposito da fraze — *O demo não é feio como o pintam* — rejistremos outra equivocação semelhante.

Chorar pedras (por analojia de *chuver pedras)* é fraze vulgar mas absurda, formada sob a sujestão de *fazer chorar as pedras*, onde a palavra *pedras* tem a função oposta á de objeto.

As *pedras* é que choram e não as pessoas, embora contra a ordem natural das coizas

> Disse coizas a uma fonte que faziam *chorar as pedras.*
>
> *Anatomico jocozo* — i, 75.

Com tanta lagrima me contava esta e outras muitas coizas que vos eu não sei dizer, que me cortava a alma a coitadinha e *fizera chorar as pedras duras.*

Ulizipo — v — cena 7.

Alexandre mudamente respondeu (porque o passo faria *chorar as pedras.*

Brandão — *Pinto renacido* — 176.

Entretanto, a formação popular é explicavel, pois que se passou do sujeito ao objeto, por uma serie lojica de frazes. A principio naturalmente se disse *com lagrimas* ou *chorando abrandar as pedras,* e nesta propozição é monsieur Amphião o que chora, e depois d'elle é que as pedras tiveram o seu turno.

Não admira porque Bernardim Ribeiro *lavava lagrimas.* (1)

Lata. Acerca da arruaça das *latas* por ocazião do *ponto* leia-se o que diz o curiozo livro de Costa e Silva — *Estudantes de Coimbra,* epizodios e costumes *(Porto,* 1903; pj. 269): os estudantes de direito que são os primeiros que têm ferias fazem grande estardalhaço á noite com *latas,* buzinas e tambores por arreliarem os colegas atrazados. É, ou era, se já acabou, a festa das *latas.* Confere, pois, com o sentido que tem o vocabulo no dialeto galego.

---

(1) *Menina e Moça* cap. II e em outros lugares. Em correspondencia com a fraze citada no começo *chover pedras* ha outras de si claras como *chover a cantaros.* Menos explicita é CHOVER CANIVETES que é um modismo peninsular: *llueve a chuzos, llueve Dios lanzas,* rejistrado no *Vocabulario* de Corrêas, 626; indica a chuva impetuoza em agudas cordas de agua. O Padre Vieira segundo uma citação de Bluteau (que por mal determinada não consegui achar nos *Sermões)* disse tambem: «Foram tais as *lanças* d'agua que continuamente estava chovendo o céo.» Bem se vê que de *chover lanças* a chover facas ou *canivetes* a differença não é muito sensivel.

Latinismos. Não quiz muito propozitadamente rejistrar no texto a fraze latina que, ao que prezumo, se orijinou entre portuguezes, o — *Dicant paduani* — talvez de algum sermão ou panejirico a Santo Antonio. Não alcancei descobrir-lhe a orijem que evidentemente não está na antiguidade classica.

Ainda de outro latinismo — *Gratis* — trato n'estas notas suplementares.

Macaco de cheiro. Na *Historia da Provincia de Santa Cruz*, impressa em 1576 por Pedro M. Gandavo precedida de tercetos de Camões, vem a referencia que indiquei no texto:

> Ha uns (bojios) ruivos não muito grandes que *derramam de si um mui suave* a toda a pessoa que a elles se chega e os tratam com as mãos ou se acertam de *suar ficam muito mais odoriferos* e alcança o cheiro a todos os circunstantes. D'estes ha mui poucos na terra e não se acham senão pelo sertam dentro muito lonje.
>
> Cap.° VI (reimpr. *Rev. Inst.* XXI, 339).

Ha tambem outra referencia antiga na *Relação* de viajem da nau S. Francisco (1596) escrita pelo Padre Gaspar Afonso e incluida na *Historia trajico-maritima* (vol. VI da reimpressão). O mentirozo padre fala das *letras* (!) e *habilidades* dos bojios, e diz:

> Entre elles (bojios) vimos alguns de *cheiro*, louros e mui formozos que em lhe mudando os ares morrem logo.
>
> VI — pj. 20 da 2.ª ed.

A redação do Padre Afonso pode ser aproveitada pelos zoologos que andam agora a estudar a linguajem rudimentar dos simios. O padre sabia de bojios prégadores, acompanhados de acolitos para lhes limparem a baba: «Folgara eu (diz elle) de entender o seu latim, porque me não houvera de escapar prégação.»

Me melem! É este um cazo quazi unico da proclize do pronome obliquo em começo de fraze. Lembrando-se d'este exemplo em circumstancias parecidas, é que escreveu Gregorio de Matos:

> E eu disse logo: «*Me* matem
> Se não é dos franciscanos.»
>
> *Obras* — pj. 229.

O cazo não é, todavia, identico, e não raro ha proclize em propozições incidentes, como o mostrou Candido de Figueiredo no seu livro — *O Problema da colocação de pronomes* — obra inestimavel para todos os brazileiros.

Um dos nossos poetas, Alberto de Oliveira, apontou-me este brazileirismo de sintaxe em Sá de Miranda que por quazi unico nos classicos merece aqui rejistrado:

> ... deixam-lhe lume acezo
> Ordenam-lhe o que faça antes *que vam-se.*
>
> ed. de 1784 — 1, 89.

Mentiras, paj. 65 *sequ.* — A estes cazos ajunto o da curioza diverjencia de sentido na lingua portugueza das expressões *bernarda* e *bernardice.*

A primeira tem mais antigo étimo e significa motim, revolta a mão armada, e foi tomada ás bravatas do famozo Bernardo del Carpio, o *invencivel cavaleiro,* como réza o seu romance de inverosimeis façanhas. O castelhano tomou a expressão *bernardina* para significar disparates e valentias mentirozas como se vê da novela picaresca *Estebanillo Gonzalez:* «Apenas estaba colgado el compendioso globo de *bernardinas* y dislates.» pj. 357. *Hampa* de R. Salillas — 74-75. Ainda outro elemento podera influir na formação d'esta palavra: o vocabulo jergal *bernarda* do italiano, com

o sentido de — *noite*. As *bernardas* são sempre motins noturnos.

A outra palavra *bernardice* foi em portuguez derivada da necedade atribuida aos frades bernardos.

Mourão, mourão! Este costume espalhado por toda a Europa, tem inumeras variantes no *folk lore* infantil. Eil-a, uma, muito parecida á nossa e que é da marca de Brandenburgo:

«Hat ein Kind einen zahn verloren, so soll es ihn über den Kopf werfen und dabei sprechen: Mus, ick gew di en hölten Tähn, giw mi en knökern weeder.»

Mundos e fundos. No sumario do capitulo II, pj. 55 ha o titulo — *Mundos e fundos* — que entretanto não aparece no texto, onde, em lugar da fraze indicada, se estuda a de — *Estar nos seus treze* —.

Preencho aqui a lacuna.

Hoje damos ás palavras o valor de substantivos quando dizemos: *Prometer mundos e fundos.*

É esta formula, creio, já alteração moderna de outra mais primitiva e composta de dois adjetivos:

mundo e fundo

isto é, limpo e profundo. Como hoje *mundo* não é mais o contrario de *inmundo* (1) e *fundos* tornou-se á franceza em moedas e titulos ou inscrições, a fraze ganhou o sentido de — prometer dinheiros largos ou recompensas excessivas.

---

(1) Empregou-o Camões, quando disse nos *Luziadas:*

E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaixo deste circulo onde as *mundas*
Almas divinas gozam...

Canto x, est. 85.

A forma arcaica encaminhou-se pouco e pouco para a moderna, mas certas fazes podem ser abonadas pelos nossos quinhentistas, como está, para exemplo, na *Eufrozina:*

> De prometer bofé meimigos hontem o *mundo e fundo,*
> promessa de charetes...
> fol. 29 – 1, cena 3.

O espanhol distingue *mondo* (limpo) e *mundo*, e em locução analoga diz *mondo lirondo,* com a mesma aplicação da fraze portugueza; o segundo elemento é como que de equilibrio ritmico ou trocadilho muito frequente nos ditados populares (1).

Uzaram-se tambem as formulas *mares* e *montes* ou *areias* (fundo), e tal se vê dos exemplos:

> Outras cazam com homens que nunca viram que lhes *prometem mares e montes* e depois tudo é nada.
>
> Dr. J. de Barros — *Espelho de cazados,* fol. LVIII v.

> Que vos *prometa os mares & as areas*
> Não lho creaes...
>
> Ant. Ferreira — *Poemas* (ed. 1598) fol. 60.

Negação enfatica. Não incluí, já se entende, todos os cazos de negação enfatica ou de equivalentes da negação.

A negativa — Um c...! — não parece indecente na

---

(1) Sirva de exemplo o *mundo* e *mondego,* do «Drama curiozo; dano da mulher apetitoza» em versos (sec. XVIII — Lisboa, *ofic.* de Caetano F. da Costa):

> Não me importa cá o *mundo nem Mondego,*
> Eu se não vou aos toiros arrenégo.
> cena 1, pj. 4.

lingua italiana. No mimozo e casto romance do Fogazzaro — *Piccolo mondo moderno:*

> — Bisogna sapere che parecchie signore aveva no posto per condizione che il piche-nicche si facesse di domenica per rispetto alla quaresima — *No* credo *um corno,* brontolò il signore.
>
> pj. 18.

— O falecido professor Lameira de Andrade escreveu uma pequena e interessante monografia — *Da Negação intensiva* (Vassouras, 1885) onde colijiu exemplos varios, mas com deficiencias graves como a de julgar negativas enfaticas as frazes:

> Sem a vontade de Deus *não* cai *um passaro* na terra. *(Vida* de *S. Eufrozina). Nem* um *preto* por pagar (G. Vicente) etc.

Apezar d'estas falhas que são em não pequeno numero a monografia tem merito documental.

— Escapou no texto das *Frazes feitas* a propozito de — *para traz das costas* — a cita de Antonio Jozé no seu *Teatro comico:*

> — Chamam aos carcundas poetas porque os versistas d'este tempo são poetas, mas é cá *para traz das costas.*
>
> (ed. Garnier) 1, 227.

Nomes de letras. Importa aqui lembrar (como anticipação, a aditamentos futuros propostos para a edição nova das *Frazes feitas)* ou antes deixar indicado que escrevi a respeito do modismo *ram-me-ram* algumas considerações aproveitaveis no meu livro *Fabordão* (ed. Garnier, 1910) onde se reuniram varias contribuições de critica, literatura comparada, *folk-lore* e bibliografia.

Nomes e anagramas, pj. 16 do texto. Recentemente um escritor de merito Delfim Guimarães buscou mostrar que o poeta *Crisfal* é um mito e que os seus versos são do autor da *Menina e Moça*. Contra esta insustentavel e exajerada prezunção escreveu o nosso compatriota, o Dr. Raul Soares, com superioridade de critica e de argumento a erudita monografia — *O poeta Crisfal*, Campinas, 1909.

Crisfal continua a ser Cristovão Falcão.

Nomes de pessoas. Em uma *separata* (noticia critica dos primeiros volumes do Camões traduzidos por W. Storck) de Carolina Michaëlis e que só recentemente com outras das suas importantes contribuições, me veiu ás mãos (1) vejo que a insigne romanista a propozito do verso

So benennt mich *Mendes* Herz.

I, 247.

que é a versão do extranho epiteto — «coração — Mendes», ajunta mais o seguinte exemplo de Gil Vicente na farça do *Clerigo da Beira:*

Mas da sua graça — *mendes*
Vos acho eu todo mondo

III, 235.

E pergunta: — Que sentido poderá ter este *Mendes?*

Sujeriu-me este cazo o ensejo de tomar as minhas notas logo que se deparasse qualquer referencia nas minhas leituras.

---

(1) Por esta *separata* vejo que C. Michaëlis já havia, antes de mim, apontado o erro de interpretação de W. Storck, a que me referi nas *Frazes feitas*, I, 58. Indical-o-ei na segunda edição.

Ao traduzir (no 6.º vol.) uma passajem do *Seleuco* onde se deparava o mesmo epiteto,

> Este meu coração *Mendes*

voltou a tratar do assunto o saudozo Storck com a seguinte e nova explicação de Carolina Michaëlis a quem dedicava merecida e leal admiração:

«Meine Freundin meint dass... *Mendes* oder *Mendez* ist nichts anderes als eine jüngere, heute freilich schon veraltete und den meisten Portugiesen unbekannte Form des älteres *médes*, d. h. des lat. *met-ipse*; es bedeutet also nichts anderes als «selbst» *mesmo (met-ipsimus)...*»

A conjectura, interessante de certo, é muito ouzada.

Creio que se trata aqui do mesmo *Heitor-Mendes*, o ricaço, cujo nome ficou proverbial, como declarei nas *Frazes feitas* (I, 205.) A explicação pois, será coração *mendes* = coração *de ouro* ou o que valha.

Uma passajem que não deixa duvida acerca d'esta interpretação é a da *Eufrozina*, que diz:

> ... Tençazinha *mendes* tendes do mi e se cumprir com cruz no peito e casas de graça.
>
> fol. 33—33 v.

Antonio Prestes no *Auto do Dezembargador*, aproveita o nome do Heitor classico para um equivoco com o rico *Heitor Mendes*, como se ha de, a meu ver, inferir dos versos bem significativos:

> — De uma me cerca *pecunia*,
> D'outra tentação de amor;
> Se eu d'esta não saio *Heitor*,
> Vejo tormentas a dunia.
>
> *Autos* — 204 — 205.

Haveria lugar para uma pequena monografia se as circunstancias aqui me não negassem espaço n'esta

obrinha mais de brevidade que de amplificação. Ainda Antonio Prestes diz mais explicitamente em outro auto e em dois lugares:

> Vós, compadre, sois dos nobres
> E o porque? sois rico *Mendes*
> Que é endex
> De fidalgo.
>
> pj. 250.

> ... roupão de martas,
> Campo *Mendes* com mangusto
> Sobre trunfinhos de cartas.
>
> pj. 244.

E não sei se são os unicos exemplos que o mesmo autor depara. (1)

Muito depois, escrevia tambem Jacinto Freire na sua *Fabula de Narcizo*, incluida na *Fenis* (III vol.):

> Nenhum *Heitor* por forte é seu valido
> Salvo se tiver *Mendes* no apelido
>
> — est. L.

As riquezas de *Heitor Mendes* foram celebradas pelos antigos escritores e ficaram por muito tempo na tradição popular. Antonio de Souza de Macedo recorda-as nas *Flores de España* (cap. III — de las riquesas) nas seguintes palavras:

> «E assi ay hombres mui gruessos en haziendas, y por muchos basta nombrar *Hector Mendes* de Britto, cuyas innumerables riquesas fueron afamadas en toda Europa y alcançò renombre de grande.
>
> pj. 26.

---

(1) Merece estudo, ainda, o do auto da *Ave Maria:*

> Esse amor *Menesses* Telo
> Que n'elle está.
>
> *Autos*, 37

E, finalmente não foi nunca extranho á tecnica de escritores esses epitetos tomados a nomes pessoais. (1)

---

(1) *Mão melibéa* (purpurina?) disse Gil Vicente:

Dad acá Mayo florido
Eza mano *melibéa*.

III, 198.

No *Cancioneiro* de Hardung sob o n. 370, vemos um mote de feição parecida:

Almeida vos chamais senhora
Ynez cõ muita rezão,
pois tendes todos os homens
metidos n'uma prizão.

pj. 39.

Almeida é tambem termo da construção nautica.
Outro exemplo semelhante é da *Fenis*, I, 285:

Sendo o dia de segunda
Muito *Menezes* estava etc.

Muito mais interessante que estes, entre os nomes proverbiaes na antiga literatura, me parece o de *Fernan d'Acha* ou *d'Axa*.

A referencia faz-se nomeadamente aos escudeiros d'aquella personajem, os quais parecem espadachins rixozos e valentões. Em Dom F. Manoel.

—Com esta satisfação que o tempo me dá passa a raiva e a inveja...
—Esse é o sizo, e tudo o mais é ser escudeiro de *Fernan d'Acha*.

Apologos dialog. (ed. 1721) — pj. 29.

A notoriedade é muito mais antiga e entre os quinhentistas Antonio Prestes abona-o com os seguintes versos:

Digo-vos que isto só quero
E não já render-me a fero
D'escudeiros de *Joan d'Acha*.

Ha pois um *Fernan* ou *Joan* e até *Maria de Acha* no refraneiro popular e deve provir de alguma historia antiga hoje obscura ou esquecida.

No antigo *Livro das Linhajens* do Conde dom Pedro no ti-

Nozes — *Deus dá nozes a quem não tem dentes.* Nos excerptos que publica o foclorista espanhol R. Marin de obra inédita e interessantissima de Rodrigo Caro, ha uma cita de Horacio que me parece falsa *(Da nuces pueris iners).* Em Horacio todavia ocorre o conhecido texto da *sat. 3.ª, Livro II,* variamente comentado por Bentley e outros, e que aproveita ao nosso cazo:

> ... Postquam te *talos,* Aule, *nucesque*
> Ferre sinu laxo, donare et ludere vidi.

Em suas eruditas notas aprossima Seabra *(sat.* de Horacio, ed. Garnier, pj. 351) esses jogos pueris a outros portuguezes antigos, e traduz levianamente por seguir a corrente (confessa-o) a passajem:

> Depois que vos hei visto a ti, ó Aulo,
> Trazer no laxo seio o *dado,* as *nozes,*
> E ser facil em dal-as, e jogal-as...
>
> *Ibid.* 81.

Não se refere o poeta propriamente a *dados* como já explicára Desprez (ed. de 1691, pj. 653) mas a outra especie pouco diferente do *cucarne* (segundo Bluteau) ou *taba* como lhe chamam em castelhano e n'esta lin-

---

tulo LI encontramos a orijem dos *Achas* segundo a tradição que corria:

> E por que lhe chamaron *Maria Acha* foy por que este *dom Fernam* Ramiréz antes que casasse com esta dona Cristinha rrossou-a e leuou-a de noite *aas achas* açesas, e em esta noite jouve com ella e empr... desta *Maria Acha.*
>
> Portug. Monum. — Script. 352.

Vê-se que esta Maria pode campar de mais lenho que ervas na sua prozapia. E por não perder a poeira tantas vezes secular é certo que não tomava banho, e é o que diz outro proverbio: «*Axa,* foi ao banho, teve que contar todo o ano.»

gua assim o traduziram dom Javier de Burgos (*Las Poesias de Horacio*, vol. III, 327) e alguns outros.

Ainda outros textos latinos podem aqui ser lembrados.

O de Marcial (V, epigr. 79):

Iam tristis *nucibus* puer *relictis*
Clamoso revocatur a magistro...

que indica o termo da meninice. O de Suetonio na vida de Augusto: *Talis* enim *jactatis* etc. (na ed. 2.ª de J. Schild 1651, pj. 218) e em Fedro, III, 14, Ovidio etc.

Numeros; de um a cinco. Não entram n'esta conta os numeros superiores ao limite que foi dado. Entretanto, é interessante e curioza a conjectura que propomos agora a respeito de *sete*. Já na I serie das *Frazes feitas* (pj. 246) haviamos rejistrado a formula:

Sete é conta de mentirozo,

e confessamos então não alcançar o verdadeiro sentido. Parece-nos agora que este *sete* do conhecido modismo é talvez extranha deturpação popular da forma *certo*, muito frequente em boca de mentirozos.

Trouxe-me esta sujestão um proverbio italiano que não posso verificar de momento, mas está citado em um dos ensaios do periodico *Völker psychologie* (Zeitschr. f.) IX, 219, em texto alemão:

«*Certo* war ein Lügner»

Onomatopeas. Como disse, expressamente, tratei apenas de «algumas onomatopeias que ofereciam interesse.»

Não me passou pela mente documentar inumeras outras que se deparam nos antigos escritores:

a) O *tique-tique* do andar com sapatos sem talão.

Na *Ezopaida* de Antonio Jozé:

> Mas parece-me que já a estou vendo vir *tique tique* com a sua anagua de franjas, sapatinho de tessum.
>
> *Teatro* (ed. Garnier) I, 251.

b) *Nina-nana* — do acalentar das crianças:

> Quero mais os meus filhinhos,
> Comigo conchegadinhos
> Na cama com *nina nana.*
>
> Prestes — *Obras* — 112.

o que não será lá muito agradavel se se acompanha do *coá*, como diz um frade entendedor:

c) Se chorar *cohá cohá*
Dê-lhe dois ou tres balanços.

Oraç. acad. 405.

d) o ruido de pés galegos, *tarampatão:*

> Com os pés fiz *tarampautão*
> Com a boca *tirintintin.*
>
> *Ibid.* 144.

e) Ou o *traz barraz* de Jorje Ferreira:

> *Traz barraz* andar embora.
>
> *Ulizipo*, III cena 6.

f) E para concluir, por que seria infinito o numero de exemplos, aqui alinhamos uns poucos:

> Quando me elle agora sempre anda com **raugue rangue**, matar-me-á depois com pancada...
>
> *Eufrozina* — fol. 131 v. (1)

---

(1) Por erro do impressor, a ed. de 1616 não tem o fol. 132, mas está completo o texto.

O **talão balão** dos sinos em T. Noronha (ed. Mendes dos Remedios, 5 — 17); o *talim* da sineta ou campainha no *Fidalgo Aprendiz* (do mesmo editor, 47); o **ham ham** do que vai morder, na *Eufrozina*, fol. 11 v.; **trape,** quebrei-lhe a janela (Camões); o ruido de queda **bumba catumba** nas *Oraç. acad.* 180, e ainda aí o **chape** do patinhar por atoleiros *(ibi,* 178); o **zum** dos mosquitos em D. Francisco Manoel *(Obras metricas,* II, 64); o **tafe** dos relojios no *Pinto renacido*, 337; o **crás** do corvo na *Acad. dos Singulares,* II, 15; o **sape** de Prestes, 419, e de toda a gente; o brazileirismo *xa-bu!* explozão do foguete.

Do *miar* dos gatos tirou um poeta da *Fenis renacida* o seguinte equivoco:

> Mas o gato que bem sabe
> O gatesco e o latino,
> Lhe diz: *meus, mea, meum,*
> Por *meáo, meai* e *mio.*
>
> *Fenis ren.* (2.ª ed.) I, 331.

Mencionei acima a palavra imitativa do ruido dos relojios *tafe!* ou a forma modernamente mais generalizada *tic-tac*. D'ella é que por semelhança se formou o **tape, tipe** do coração, vulgarizada nas cantigas desde a meiflua *Viola de Lereno*. No *Anfitrião* de Antonio Jozé: «Estou com o coração *tafe-tafe* (ed. Garnier; I, 580).

Convizinha-se com a onomatopéa a fraze reiterativa *dá-lhe que dá-lhe*. É esta — *dá-lhe que dá-lhe* — uma formula popular de reiteração, em que contribue para a intensidade da idéa a palavra expletiva *que* (cf. muito *que* bem!)

Nos *Encantos de Merlim* do *T. comico,* apenso as obras do Judeu, temos o exemplo da fraze:

> — *Dá-lhe que dá lhe*
> — Ai! acaba de declararte.
>
> Ato I, cena 3.

Na *Ulizipo* a fraze *della com della* parece ser tomada deste modismo por mera analojia de forma

> roncar a polhastro e passar *della com della*.
>
> II, cena 7.

aqui o sentido equivale ao de variedade: *isto e aquillo*, de ambas ou de todas as formas (1), o que tambem já indica a insistencia que se traduz com o verbo dar nas locuções comunissimas — *e dar-lhe* — e — *a dar-lhe*, quando recriminamos a outrem o fastio da repetição.

A formula primitiva é naturalmente a da reiteração mera, como se depara na *Romajem de Agravados*:

> Não, ah não; mas tu andar
> *Dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe,*
> Ordir, torcer, ordenar.
>
> Gil Vicente—II—504.

Proverbios antigos. No texto deparam-se muitas locuções e proverbios, já obsoletos, e que só tiveram uzo na edade classica. Rejistramos ainda aqui alguns ou por nos parecerem curiozos e interessantes ou por não terem de todo dezaparecido.

Em Fernão Lopes cujo estilo é sempre simples e inspirado na linguajem do povo são frequentes os modismos.

1. Untar os beiços = enganar:

> E com estas e outras razoões forom-lhe poemdo o feito pella armada, *humtando-lhe os beiços* com doces palavras de boa esperança...
>
> *Cron. d'el-rei D. Fernando* — Cap. CV, 357.

É o mesmo *pôr o mel pelos beiços* da *Aulegrafia*,

---

(1) É como está no *Cuento de Cuentos* de Quevedo, ed. de Sbarbi, VIII, com a forma *dello con dello*.

fol. 49 (II, cena 2) e em Gregorio de Matos (*Obras*, I — 285) *mel pelos beiços* ou o *fazer a boca doce* de D. Francisco Manoel nas suas *Cartas*, 319 ainda hoje corrente. No texto citado de Fernão Lopes talvez *armada* esteja em lugar de *rama* ou *ramada* que mais convem ao sentido.

2. Quem seu cão quer matar... Ocorre na mesma cronica na *Coleção de ineditos:*

> E se comprio aqui o *exempro* que dizem que *quem seu cam quer matar, raiva lhe poem nome.*
>
> *Ibid.* 348.

Dá, pois, o autor como proverbio (exemplo) de uzo no seu tempo.

3. Nem em jogo nem em sizo = nem brincando nem de veras.

Na mesma *Cronica:*

> Nem nunca lhe chamou condessa *nem em jogo nem em siso,* nem comeu com ella a huuma mesa.
>
> *Ibid.* 332.

4. Lançar em poço vazio = fazer ou guardar segredo e discreção.

> Eu bem sei que vossa molher vos disse aquello que vos ora amte dissestes, mas seede çerto que vos e ella *nom ho lançastes em poço vazio,* e prometovos que ambos mo paguees muy bem.
>
> *Ibid.* 429.

5. Ó noite má! Foi uma fraze que se repetiu algum tempo na epoca de Afonso V, segundo o testemunho dos autores da cronica d'este rei Zurara e Rui de Pina. E assim recontam o curioso sucesso:

> ... sendo (a comitiva real) sobre o cabeço que dizem de Almenar, parecco no Céo á vista de todos hum es-

pantoso cometa que lançava de sy muitos rayos de fogo em figura de dragam.

Ali disse emtam Gomez Freire nobre fydalgo e de grande coraçam *oo noyte má pera quem t'aparelhas*, que fycou em proverbio muito tempo acostumado.

Cap. CLIII, pj. 505.

Foi o prognostico da terrivel derrota dos portuguezes em Tanjer com a flor da sua nobreza.

A exclamativa — *noite má!* — fora bem formada, sob o tipo de outras iguais e arcaicas: *mal'dia, mal' ano (mal,* f. contraida de *malo)* e até *mal segre* (seculo) como no *Canc. Galego* de H. Lang:

Mal segre aja quen vos ensennou.

LXX (e nota pj. 236).

Os quinhentististas renovaram a fraze dando por vezes mais elegante meneio. Assim, diz Bernardim Ribeiro na *Menina e Moça:*

Mal vá ao dia que assi sahimos do mar, pera passar toda a tormenta na terra.

I, cap. VIII, *in fine.*

E tambem o diz Gil Vicente n'uma das suas comedias:

Yo misma me quiero *mal*
Y al dia en que naci.

II, 166.

De todas essas formulas a mais pertinaz e vivedoira foi a de *ma hora* (ant. *oramá, aramá* etc., que não saiu nunca de uzo;

Esperai vós que inda é cedo
Diz: — *Triste má hora* naci!

Gil Vicente, III, 301.

A estes exemplos ajunte-se o que nos depara uma cantiga de João de Guilhade (ed. Nobiling).

D'este *mal dia*, expressão frequente, não é improvavel que nascesse o *mil dias*, embora de sentido diverso, que aparece com bastante assiduidade nos quinhentistas. Assim, em Antonio Ferreira, na comedia de *Bristo*:

> Mete-se-lhe em cabeça que a ade haver por manceba. Trago-o enganado a *mil dias*, eu faço o meu proveito e guardo a honra da moça.
>
> II — cena 2.

Temol-a ainda na *Aulegrafia* de Jorge F. de Vasconcelos:

> Que remedio senhora madrinha, para um homem cego ha *mil dias*?
>
> I — cena 11.

6. Tomar a garça no ar.

Era fraze de outros tempos e costumes, tomada a nobre arte de cetria. A verdadeira habilidade de falcões e açores era a de *tomar a garça no ar* e para isso deviam ser cuidadozamente *treinados* como diz e ensina o mestre Diogo Ferreira na sua *Arte da Caça de Altaneria* (adv. VI, pj. 136 da ed. moderna); a garça deve ser aprezada não *no baixo*, mas *em boa altura*, no ar.

Com referencia a essa proeza foi que repetiu Acenheiro na *Cronica dos Reis de Portugal* feita em 1535:

> Cuida el-Rei que com estes simquo filhos que tem tão despostos em armas, que ha de *tomar a guarça no ar*; cuida que he tudo matarem porquos bravos... Os mouros he outra cousa.
>
> *Ined. de Hist. port.* tomo V, 219.

> E nisso veo a parar o seu andar, que *tomava a garça no ar*, mas tanto avia elle de fazer té que caisse em algũa...
>
> *Eufrozina* — fol. 208 v.

Ainda temos a expressão parecida — *Levantar a lebre* — no sentido de provocar uma digressão ou escapula, ou deixar propozitada e discretamente a outrem a divulgação de qualquer noticia.

N'este cazo, não se distingue essencialmente do — *einen Hasen laufen lassen* — fraze uzada por Gœthe e nem difere da idea indicada pela palavra *Wechselhase*. Explica-se pela historia de Salomão e Marcolfo da lejenda medieval e por outras versões (John Walz, na *Mod. Lang. Notes* XXIII — 211 expõe essa questão).

7. Tudo foi névoa.

Esta fraze parece proverbial e comquanto não possa ser aprossimada a de — *Morreu o Neves* — estudada no texto, tem com ella alguma afinidade de sentido.

Em *tudo foi nevoa* o significado é que tudo foi engano, foi aparencia ou promessa enganoza, equivalente a de *poeira nos olhos* como se hoje diz dos que trapaceiam com a credulidade das suas vitimas. Um fidalgo a quem incumbia a arrecadação de dinheiros não os arrecadou, e buscou desculpar-se com argumentos...

> mas *todo foi nevoa* quanto enviara dizer, ca el-Rei nunca ouve nenhuuma parte.
>
> Fernão Lopes — *Cron. d'el-rei Dom Fernando* (Ined. IV — 237).

A mesma expressão *nevoas* com outro giro de fraze ocorre na *Cronica de Afonso V*, de Eannes da Zurara e Rui de Pina — cap. CXXIV, pj. 428 da ed. da Academia.

8. No taibo. Ha a respeito d'esta locução duas contribuições sucessivas, de Julio Moreira e de Carol. Michaëlis. Escrevi um artigo para a segunda serie (ainda inédita) do *Fabordão* (ed. Garnier). São

duas palavras, como já havia sujerido C. Michaëlis. O adjetivo *taibo* pode ser perfeitamente esclarecido pelo etimo arabico apontado por J. Moreira; o substantivo, porem, é *taibo*, *taĭbo*, de *thalamum*. No exemplo de Prestes — Dormir não *guarda* taibo — entende-se que — «dormir não olha nem escolhe leito» — e não o que pareceu aos dois interpretes nomeados. Em Jorje Ferreira — *em taibo* = na cama. Um exemplo das cronicas de Acenheiro desfez todas as duvidas e é o que dou no meu artigo acima referido.

Real, real! — A parlenda do papagaio daria para maior dezenvolvimento se fosse principal n'este livro o estudo do foclôr. Como apontamentos indico que foi conhecida dos antigos cronistas do Brazil da epoca colonial (p. ex. em Fr. Vicente do Salvador, 8); e a função de mensajeiro do papagaio na poezia trovadoresca medieval vê-se dos estudos de excelente erudição de Paolo Savj-Lopez — *Trovatori e Poeti* (cap. *Uccelli*... La novella provenzale del Pappagallo) 145-186.

A propozito da lejenda do papagaio escreveu ainda ha pouco o nosso erudito *folk lorista* Alberto de Faria:

> «Nas coleções de contos indianos, o papagaio aparece em feitos de amor, desvendando-lhe os segredos, da mesma fórma que a lua revela os misterios da noite, á qual ambos são identificados.
>
> O mito do plumozo tagarela, cujo caracter fica assim estabelecido, rezultou da confuzão dos vocabulos sanskriticos *hari* e *harit*, aplicados indistintamente ao volatil e ao astro, visto significarem tanto *verde* como *amarelo*, segundo lição de Anjelo de Gubernatis.
>
> Embora já conhecido na Grecia antiga, esse mito só se comunicou ao Ocidente na Idade Média, por traduções arabes ou latinas daquelles contos.
>
> Um dos que se vulgarizaram, — epitome dos setenta da trasladação persa Tutî Namé, — foi ouvido em Montferrant pelo ex-catedratico do Instituto de Florença.
>
> É do teor infra:

Certo rei, ao partir para a guerra, temendo que outro rei lhe seduzisse a consorte, durante a auzencia forçada, encarregou a um amigo de vijial-os, sob o disfarce de papagaio.

A cada tentativa do rival, por medianeira de grande astucia, a espoza em perigo era logo concitada a guardar fidelidade.

De regresso, o monarca batalhador a encontrou sem mancha, porque ella atendera sempre aos conselhos da ave suposta.

Em outra versão, de Turin, colhida pelo autor da MITOLOJIA ZOOLOJICA, quando criança ainda, a rainha, ao contrario, atraiçôa o conjuje, iludindo o espia, cuja gaiola envolve em panos, e manda fritar peixes para regalo do amante.

O passaro, no escuro, percebendo a bulha da gordura fervente, cuida apenas que chove...

A Portugal tambem chegou a tradição do Oriente, por dupla via, literaria e popular, conforme nol-o atestam monumentos diversos.

Imitando os provençaes, que incluiram o papagaio entre os seus mensajeiros de afectos, em dado genero poetico, D. Diniz descreveu um no exercicio profissional:

.....
Ela tragia na mão
Hũ papagay mui fremoso
.....
..... Ay! Santa Maria,
Que será de mi agora?
E o papagay dizia:
—Ben, por quant'eu sey, senhora!

E de lá nos veiu, além de uma variante picaresca do conto difundido na Italia, a cantiga:

Papagaio louro,
Do bico dourado,
Leva esta carta,
Oh! meu louro,
Ao meu namorado!
Elle não é frade,
Nem homem cazado!
É moço solteiro,
Oh! meu louro,
Lindo como um cravo.

Pelo acima exposto, julgo demonstrada a orijem historica deste especimen e outros similhantes do nosso folk lore, entre os quaes avulta o *Papagaio de Limo verde*, colijido por Silvio Romero em Serjipe.»

Roupa de francezes. Um exemplo antigo das piratarias francezas se encontra na *Cronica de Afonso V* de *Rui de Pina*, publicada na coleção de *Ineditos* da Academia portugueza:

E tendo el-rei muita frota e jente prestes pera a empregar como dezia, ocorreram-lhe tres emprezas juntamente, a primeira era a necessidade que tinha de prover e remedear aos *males e roubos* que neste tempo os *francezes faziam no mar* aos naturaes destes reinos...

Ined. I—453.

Sete, conta de mentirozo. Veja aqui neste Suplemento a explicação, s. v.: *Numeros de um a cinco.*

Tiorga (teiroga). A palavra *teiró* é feminina; dizem alguns, todavia, o *teiró* e entre elles Castilho na tradução do *Fausto:*

O *teiró* que eu já tinha a tal ciencia
Tresdobrou d'esta feita.

pj. 137.

corresponde ao — *mein Abscheu* — do orijinal, salvo a côr de plebeismo demaziada em toda aquella versão portugueza, cheia aliaz de grandes riquezas vernaculas.

Trela e tela. Faço derivar, segundo se depreende do texto, a forma *trela* de *tela* mais antiga. Entretanto não é *trela* palavra moderna e já se depara em escritores do seculo XV. O exemplo mais antigo que conheço é o de Fernão Lopes na *Cronica de D. Fernando*, falando de uma caçada:

Hora devees de saber que aquel boom alaão de bravor, cumprido d'ardimento e de boomdades, segundo

sua natureza, era assi acostumado que *sem treella* aguardava com o rostro na estribeira, quanto o cavallo podesse andar...

Cap. XCIX — 340.

A extrema confusão da ortografia dos documentos antigos não permitte com absoluta segurança concluir das vogais duplas, como n'este cazo — *ee* — a existencia de uma consoante media. A etimolojia mais aceitavel é a de *tragula*, fr. *traille*, esp. *trailla* ou *treilla*.

Mas parece-me evidente que em *dar trela* (falar ou atender) a palavra é outra e se reporta á *tela* dos antigos torneios. Exemplos antigos da forma *tela* e *têa* ocorrem nas antigas cronicas a quando de narrativas de festas e justas da cavalaria. Assim, na *Cronica de Afonso V*, de Ruy de Pina (e talvez de Azurara) no cazamento da imperatriz Dona Lianor diz o cronista que houve dezafios para justas reais e foram propostos *grados* (premios) ao cavaleiro que

mais galante viesse *aa têa*...

Cap. CXXXI — 443.

e tambem na *Cronica de D. João II* pelo mesmo autor, testemunha prezencial d'est'outra epoca, se narra outra justa em que a *teea assim como a praça*, sobrevindo a noite, foi alumiada e ficou tão clara como o dia — *Ibi* — XLVII — na *Col. de Ined.* II, 127.

Que eu conheça, não ha referencias mais antigas na literatura.

Vir de carrinho ou **de mula.** Acrecente-se:

A *vista curta* ou a pouca vista é tambem caracteristica dos doutores. Por uma alegoria a todos aceita, figuram-se os doutores armados de oculos escuros e quanto mais oculos mais curteza burrical e doutoral.

Os doutores perdem a vista com o abuzo da candeia e das noites em branco; os oculos dizem o quanto velaram e estudaram, e assim chegam, com igual passo,

á sabedoria e á cegueira. Estas passajens do quinhentista explicam o sentido do ditado:

> Hora consultai lá sobre vossa honra *com um Doutor mais curto da vista* do entendimento que *dos olhos*, e n'aquelle *oculo está todo o credito* de suas letras...
>
> J. Vasconcelos — *Eufrozina* — 196 v.

> Vêr *doutor* arjel como cavalo, que bolou ao grão *propter labores itineris*, como elles dizem; *mais curto inda do entendimento que da vista.*
>
> *Ulizipo* (ed. 1787) pj. 282.

Os portuguezes sempre abuzaram de oculos e por isso foram sempre satirizados pelos estranjeiros que vizitavam o pequeno reino e notavam, quanto a doutores, que «querer parecer douto com oculos é necedade que se vê atravez dos vidros» (1).

Se os doutores são necios, os oculos naturalmente viram *cangalhas* que é o mais proprio para alimarias (2).

---

(1) É o que diz o Bispo do Pará, Fr. João de S. Jozé, nas *Memorias inéditas* publicadas por Camilo C. Branco. Aí, declara as opiniões de Mr. de La Brue, na *Viajem a Cacheu*, a do autor de *Le Voyageur*, a de Algarotti e rejistra o parecer de um espanhol a este propozito: *Esto en los portugueses o es astro o es mania.* Vejam-se as pj. 136-138 das citadas *Memorias.*

Filinto censura o galicismo — *homem de grandes vistas* (nas suas *Obras* III, 87); mas se ha *vista curta*, não sei por que não a haverá larga ou comprida e grande.

(2) *Obras poeticas* de Gregorio de Matos:

> *Cangalhas* que formaram luminozas
> Em dois arcos de pipa duas ventozas.
>
> pj. 155.

INDICE ANALITICO

INDICE ANALITICO

Os numeros indicam a pajina do texto, e a letra *S* que tambem se trata da materia nas *Notas suplementares*

	Paj.		Paj.
A olhos vistos	33	Arreio e arreata, a reata	147
Ao atá	112	Assobiar ás botas . .	205
Ao léo — *S.*		Aqui não está quem falou	78
A prima face	139	A quia	89
A reio	146	A quo	88
Achado do vento . .	168	Arraial	94
A carona V. gratis — *S.*		A — xiz	108
Achar e assacar . . .	11	Azar — azara	119
Adefina	243	Baraço e pregão . . .	214
Agua doce — *S.* . . .	176	Bernardices — v. *S.* — mentiras	
Airar e arear	156	Bolaverunt	138
Alçar o dedo	144	Borga — *S.*	65
Allah!	147	Boto a Deus, para Deus	127
Almarjem — *S.* . . .	84	Botar as manguinhas de fora	117
Andar ao atá	112		
Andar enfronhado . .	151		
Aquem (ficar) d'agua .	90		
Ar, aréo — *S.*	155		
Arabias	159		

	Paj.		Paj.
Braza no seio	139	Dar-se por achado . .	12
Buscar cinco pés ao carneiro	69	Dedinhos de fora . .	113
Busmelé	58	Deitar a marjem — *S.*	84
Caixa d'ossos, d'oculos	232	*De juro*	137
Calado como cobra .	36	Demo (o) não é tão feio	31
Caloiro	97	Destrinçar	229
Caminho francez . .	257	*Deum de Deo*	137
Canadas — *S.*	41	Deus dá nozes a quem não tem dentes . .	21
Carneiros de Panurgo — *S.*		Diabo (o) as arma . .	220
Carradas de razão — *S.*	40	Diabo a quatro . 182	220
Carvão-tezouro . . .	111	Diabo — epitetos . .	220
Caspite — *S.*	51	*Dican paduani* — *S.* latinismos	
Cê ! cio ! psio ! . . .	48	Dinheiro etc.	144
Cebo de grilo	121	Dito e feito	230
Cebolas do Ejito — *S.*	133	Dois dedos	46
Chorar pedras — *S.*		Doutor da vista curta — *S.*	
Chuça calada	234	É das Arabias	159
Ciciar	49	Emquanto o diabo esfrega o olho	219
Cobra 35	37	Entre a quarta e a meia partida	185
Como quê	238	Entroviscadas . . .	218
Conhecer pela pinta .	27	Equivocos foneticos .	225
Contas do Porto . .	19	Era uma vez . . . 16	103
Cota e verdugada . .	211	Eres	19
Couza com couza . .	209	Erte !	50
Credo (n'um)	215	Escote 19	20
Da-lhe que da-lhe — *S.*		Escovado	225
Dar o ar; aréo — *S.* .	155	És não és	17
Darí	104	Estar em *erre*	105
Dar o dezespero . . .	24	Estar nos seus treze .	79
Dar o pé, tomar a mão	164	Estar nas suas quintas	183
Dar trela	226		
Dar perros	25		

	Paj.		Paj.
Evento (de)	168	Ladrão gaião	204
Expressões juridi-		Lata — *S.*	83
cas 212	215	Latinismos — *S.* . 135	140
Facada ou sangria . .	241	*Latet anguis*	37
Fala falando; ralha ra-		Latir a moita	37
lhando	241	Léo — *S.*	
Falar francez	258	Letras	105
Falar no mau... . .	153	Levantar o dedo . . .	144
Fazer ouvidos de mer-		Leva rumor	189
cador	39	Levar a manta . . .	29
Fé de carvoeiro . . .	112	Levar uma em capeló	180
Feliz como filho de fra-		Levar remos	189
de — *S.*		Levantar a perdiz, a	
Fina	244	lebre — *S.*	197
Filho das folhas, er-		Logomeira	201
vas, malvas etc. . .	141	Macaco de cheiro — *S.*	87
Fora de vila e termo .	213	Mafoma e o oiteiro . .	207
Frade onde canta — *S.*	162	Magano, maganão 123	206
Frazes da Biblia . .	192	Malicia, melissa . . .	229
Frei Tomaz	186	Mão do gato	143
Fronha, farinha . . .	148	Mãozinhas de fóra . .	113
Gaião	204	Maria Castanha . . .	195
Gato pingado	113	Maria de bons pés .	194
Gente de gravata la-		Maria Pinheira . . .	194
vada	157	Maria vai com as ou-	
Goleima	203	tras	193
Gratis, gratis data —		Mariposa, etc. . . .	195
S.	138	Mais vale um gosto	
Grifa parideira . . .	200	que quatro vintens	259
Halloo — *S.*		Me melem — *S.* . . .	57
Historia do Trancozo	199	Mentir como sobres-	
Inez e Nunes	175	cripto de carta . .	64
Isto é outro cantar .	197	Mentiras — *S.*	67
João Bota-Deus . . .	129	Meter os pés pelas	
Judeu-porco	99	mãos	164

	Paj.
Metido a taralhão . .	38
Meu dito, meu feito .	231
Mil pipas	41
Mistico ou mixto . .	232
Montanha (a) e o profeta	208
Morreu o Neves . . .	173
Mourão! mourão! — *S.*	221
Mundos e fundos — *S.*	
Na era	101
Não diz ora com ora, etc.	210
Não é com tres razões	181
Não ha sabado sem sol 72	73
Não saber pataca . .	75
Não ter léo — *S.*	
Negativas, formulas — *S.* 75	78
Nem uma nem duas .	180
Nem pintado	28
Nem pitada	47
Nome	14
Nomes no *folk lore* .	15
Nomes das letras — *S.*	105
Nos quoque gens sumus	101
Nozes e dentes — *S.* .	21
N'um credo	215
Numeros. De um a cinco — *S.*	178
Nunca vi mais gordo	38
O'	106
Onomatopeias — *S.* 48	53
Ora cebo	120
Ora pro nubes . . .	137
Orelhas, ouvidos de mercador	39
Outro galo te cantara	197
Ouvido, ouvida, oitiva	34
Ovo por um real . .	115
Ox-te!	49
Pagar com lingua de palmo	63
Pai de velhacos, pai velho 263	264
Pai paulino	267
Pano e pão	61
Pão, pão e ensino . .	60
Pão de ouro	62
Papagaio real — *S.* .	93
Para traz das costas .	78
Parteira do Nuncio .	185
Patavina	76
Patranhas	65
Pate!	51
Paulino	267
Pé e mão	163
Pé candeu	165
Pé cepelo	165
Pé gibado	165
Pau (um) por um olho	114
Pé (buscar)	69
Pé de alferes	70
Pé de pessoa	77
Pelo nome não perca 13	14
Perdoaste ao meco .	234
Pescar em aguas turvas	217

	Paj.
Pessepelo	166
Peta	66
Pia e pilha	228
Pingado	113
Pinta	27
Pintar o simão . . .	26
Pintar a manta . . .	29
Pintar da faneca . . .	29
Pintar romano . . .	30
Pitada	47
Poeta d'agua doce— S.	176
Polvoroza	164
Procurar um pé . . .	69
Pregar mentiras . . .	68
Prezo por mil.	166
Preto	22
Prata de caza	85
Pratos limpos	86
Proverbios antigos — S.	
Psio! psit.	48
Pulha	67
Que maganão! . . .	123
Que é, quê, quéde, quedê etc. . . 237	240
Que tem que ver o congruo com os amores	209
Que tem as calças com...?	209
Quod natura dat . .	135
Real, real! — S. . .	93
Rico como um porco	98
Rixa velha	214
Rompente, rompante	233
Roupa de francezes — S.	257
Ruim de Roma . . .	153
Sabado sem sol . . .	72
Sabido como cobra .	35
Sangrar na veia da arca	242
Santiago!	198
Santiamen	217
São Fernando (corpo de)	199
Seio de Abraão . . .	116
Sete, conta de mentirozo — S.	
Silojismo em dari . .	104
Sol posto	204
Sujeito escovado . .	225
Tate	56
Tão feio não o pintara Apeles 31	32
Taralhão	38
Teiró	71
Tem-te 51	52
Tem-te, bonete . . .	52
Tin-tin por tin-tin . .	268
Tintenenin	270
Tiorga — S.	71
Tome para seu tabaco	62
Toque de Aragão . .	191
Trabalhar para o bispo	125
Trancozo	199
Transeat	137
Treze	79
Trela e tela	226

	Paj.		Paj.
Tudo é carvão . . .	110	Velhaco	265
Tudo é vento	168	Ver-se aréo	155
Um é conta de porco	179	Vilão do Danubio . .	161
Um corno	77	Vir de carrinho, de	
Uxte!	50	mula — *S.*	125
Vacca loira	97	Voto a Deus, a mares,	
Vagalume	231	a Cristo	128
Val d'eguas, de cava-		Xibau	165
linhos 43	45	Xiz — xisgaravis . .	109

A ortografia adotada nas *Frazes feitas,* tanto na I como n'esta II serie, é a da Academia Brazileira. Sempre a seguirei em livros da minha inteira responsabilidade.

23365